



---

# OS DESAFIOS DA TEOLOGIA NOS DIAS ATUAIS

---

**VOLUME 2**

**RODRIGO LIMA JÚNIOR  
IRENE LIMA  
MARA RUBIA MORAES TEIXEIRA  
ORGANIZADORES**

---

# OS DESAFIOS DA TEOLOGIA NOS DIAS ATUAIS

---

**VOLUME 2**

RODRIGO LIMA JÚNIOR  
IRENE LIMA  
MARA RUBIA MORAES TEIXEIRA  
ORGANIZADORES



# **EDITORA ENTERPRISING**

**Direção** Nadiane Coutinho

**Gestão de Editoração** Antonio Rangel Neto

**Gestão de Sistemas** João Rangel Costa

**Conselho Editorial**

- Antonio Augusto Teixeira Da Costa, Phd – UIht – Pt
- Eraldo Pereira Madeiro, Dr – Unitins – Br
- Eugenia Maria Mariano da Rocha Barichello, Dra. UFSM;
- Luama Socio, Dra. - Unitins - Br
- Ismael Fenner, Dr. - Fics – Py
- Francisco Horácio da Silva Frota, Dr. UECE;
- Tânia Regina Martins Machado, Dra. - Unitins – Br;
- Agnaldo de Sousa Barbosa, Dr. UNESP.

Copyright © 2025 da edição brasileira.

by Editora Enterprising.

Copyright © 2025 do texto.

by Autores.

Todos os direitos reservados.



Todo o conteúdo apresentado neste livro, inclusive correção ortográfica e gramatical, é de responsabilidade do(s) autor(es). Obra sob o selo Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional. Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho, para fins não comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

<b>Diagramação</b>	João Rangel Costa
<b>Design da capa</b>	Nadiane Coutinho
<b>Revisão de texto</b>	Os autores



**EDITORA ENTERPRISING**

[www.editoraenterprising.net](http://www.editoraenterprising.net)

E-mail: [contacto@editoraenterprising.net](mailto:contacto@editoraenterprising.net)

Tel. : +55 61 98229-0750

CNPJ: 40.035.746/0001-55

**RODRIGO LIMA JÚNIOR  
IRENE LIMA  
MARA RUBIA MORAES TEIXEIRA  
(ORGANIZADORES)**

# **Os desafios da Teologia nos dias atuais**

**Volume 2**



**Brasília - DF**

---

S586d

Os Desafios da Teologia nos dias Atuais Volume 2 / Rodrigo Lima Júnior (Organizador), Irene Lima (Organizadora), Mara Rubia Moraes Teixeira (Organizadora) - Brasília: Editora Enterprising, 2025.

(Os Desafios da Teologia nos dias Atuais. Volume 2)

Livro em PDF

142p., il.

ISBN: 978-65-84546-89-9

DOI: 10.29327/5475353

1. Teologia Contemporânea. 2. Desafios Teológicos. 3. Reflexão Crítica. 4. Prática Ministerial. I. Silva, Carlos André dos Santos. II. Título.

CDD: 260

---

*Acreditamos que o conhecimento é a grande estratégia de inclusão e integração, e a escrita é a grande ferramenta do conhecimento, pois ela não apenas permanece, ela floresce e frutifica.*

Equipe Editora Enterprising.

# Sumário

APRESENTAÇÃO	→	08
	<i>Carlos André dos Santos Silva</i>	
CAPÍTULO 1:	<b>A IMPORTÂNCIA DA IGREJA REALIZAR MISSÕES NA ZONA RURAL</b>	09
	<i>Célia Amorim de Almeida</i>	
CAPÍTULO 2:	<b>PERSONALIDADE E TRANSFORMAÇÃO: IMPACTOS DA LEI SACERDOTAL NA VIDA DE ARÃO</b>	19
	<i>Igor de Sousa de Carvalho</i>	
CAPÍTULO 3:	<b>O IMPACTO DA HUMANIDADE DE JESUS NA VIDA CRISTÃ</b>	28
	<i>Françaídes da Silva Pedroso</i>	
CAPÍTULO 4:	<b>A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NA IGREJA COMO PROCESSO TRANSFORMADOR</b>	45
	<i>Lindomar Magno Piris</i>	
CAPÍTULO 5:	<b>UM OLHAR SOBRE A DEPRESSÃO EM UMA PERSPECTIVA CONJUNTA ENTRE TEOLOGIA E PSICOLOGIA</b>	62
	<i>Eduim Souza dos Santos</i>	
CAPÍTULO 6:	<b>A RELEVÂNCIA DA FAMÍLIA NA CONSTRUÇÃO DA VIDA CRISTÃ DOS ADOLESCENTES</b>	74
	<i>Andres Balieiro de Sousa</i>	
CAPÍTULO 7:	<b>A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA NA FORMAÇÃO DO PERFIL DO GESTOR ECLESIASTICO NA IGREJA EVANGÉLICA À PIONEIRA NO AMAPÁ</b>	84
	<i>Josias Santos do Rosário</i> <i>Miriam Carvalho da Silva</i>	
CAPÍTULO 8:	<b>SURDEZ NO ÂMBITO RELIGIOSO: INCLUSÃO DA PESSOA SURDA NA IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS - A PIONEIRA, CONGREGAÇÃO FONTE DA BENÇÃO</b>	94
	<i>Leidiane Soares Ferreira de Sousa</i> <i>Liliane Soares Ferreira Matos</i>	

**CAPÍTULO 9:**

**O DISTANCIAMENTO DA EBD: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS**

**117**

*Mara Lúcia Bacelar Melo*

**CAPÍTULO 10:**

**TEOLOGIA E FILOSOFIA: A RELAÇÃO ENTRE FÉ E RAZÃO NA  
TEOLOGIA DE SANTO AGOSTINHO**

**134**

*Carlos André dos Santos Silva*

# Apresentação

Apresentamos, com grande satisfação, **o segundo volume do e-book "Os desafios da Teologia nos dias atuais", fruto do esforço dedicado dos autores do Seminário Teológico Assembleia de Deus - SETAD.** Esta coletânea de pesquisas tem como propósito oferecer uma análise abrangente dos principais desafios enfrentados pela teologia no contexto atual. A obra reúne contribuições valiosas de ex-alunos, pastores e professores da área, cada um com uma perspectiva única e enriquecedora.

O e-book é direcionado a um público amplo, composto por estudantes de teologia, pastores, professores, membros da igreja e cidadãos em geral. **A nossa intenção é refletir sobre as questões teológicas relevantes e incentivar um diálogo produtivo.** A compreensão dos desafios contemporâneos pode contribuir para a prática e o estudo da teologia, fornecendo novas ferramentas e abordagens para lidar com a complexidade.

**O objetivo de cada capítulo deste e-book é analisar um aspecto específico dos desafios teológicos, que vão desde questões acadêmicas até práticas ministeriais.** Os autores, por meio de sua experiência e conhecimento, apresentam visões valiosas que não apenas iluminam os desafios enfrentados, mas também sugerem caminhos para superá-los. **A variedade de abordagens apresentadas enriquece o debate e possibilita uma compreensão mais aprofundada das questões em discussão.**

Agradecemos a todos os colaboradores, pastores, professores e alunos que confiaram neste projeto de **EXPANSÃO TEOLÓGICA VOLUME II.** Consideramos que “Os desafios da Teologia nos dias atuais” contribuirão para uma compreensão e prática mais eficientes da teologia, apoiando, dessa forma, **a missão de transformar vidas através da Palavra de Deus.**

**“Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; [...]”.** (Romanos 1.16)

Em breve, você estará presente no terceiro volume, contribuindo significativamente com a comunidade cristã.

Que Deus nos abençoe!

**Pr. Prof. Carlos André dos Santos Silva**

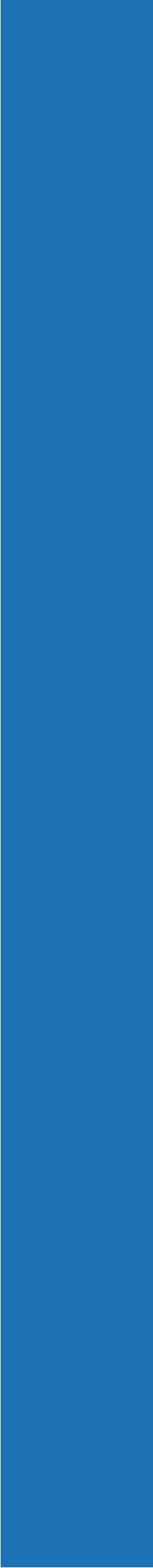


# *Capítulo 1*

---

## **A IMPORTÂNCIA DA IGREJA REALIZAR MISSÕES NA ZONA RURAL**

Célia Amorim de Almeida.



## A IMPORTÂNCIA DA IGREJA REALIZAR MISSÕES NA ZONA RURAL

### THE IMPORTANCE OF THE CHURCH TO CARRY OUT MISSIONS IN RURAL AREAS

*Célia Amorim de Almeida*<sup>1</sup>

#### RESUMO

Neste artigo apresenta a importância da igreja realizar missões na zona rural. Quais as dificuldades na realização de missões na zona rural? A presente pesquisa tem como objetivo mostrar a importância de missões na igreja na zona rural e os seus desafios. O presente estudo trata-se de pesquisa de finalidade básica, com procedimentos bibliográficos. Os resultados revelou que a obra missionária da Igreja na zona rural não se restringe apenas ao âmbito espiritual, estendendo-se à esfera educacional. Muitas igrejas missionárias implementam programas educacionais que visam a alfabetização, o acesso à educação básica e a capacitação profissional. As considerações finais: o plano de Deus neste momento é o envolvimento dos seus filhos naquilo que pulsa no Seu coração, a saber, a pregação do Evangelho para toda a criatura em todos os cantos do globo terrestre de maneira simultânea inclusive na zona rural.

**Palavras chave:** missões; igreja; zona rural.

#### ABSTRACT

This article presents the importance of the church to carry out missions in rural areas. What are the difficulties in carrying out missions in rural areas? This research aims to show the importance of missions in the church in rural areas and their challenges. This study is a basic research with bibliographic procedures. The results revealed that the missionary work of the Church in the countryside is not restricted only to the spiritual sphere, extending to the educational sphere. Many mission churches implement educational programs aimed at literacy, access to basic education and professional training. The final considerations: God's plan at this moment is the involvement of his children in what beats in his heart, namely the preaching of the Gospel to every creature in every corner of the globe simultaneously even in the countryside.

**Keywords:** missions; church; rural area.

## 1. INTRODUÇÃO

A sociedade atual se mostra cada dia mais fragilizada e fragmentada, devido às inúmeras situações que aparecem no cotidiano: ideologias, o individualismo, o racionalismo e a supervalorização da ciência, os ataques à dignidade humana, a fragmentação do homem. Diante

---

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Assembleia de Deus – SETAD. E-mail: amorimcelia1958@gmail.com

destas realidades, a pessoa humana se encontra cada vez mais afastada de Deus e mergulhada em um vazio existencial. Esta realidade desafia a prática missionária de comunicar a Obra Redentora de Cristo, exigindo uma reflexão sempre nova sobre a Missão. Isso requer que a Igreja sempre busque meios para a renovação de sua ação missionária.

A Missão é uma realidade que esteve sempre presente na vida da Igreja. Iniciada no seio da Trindade, a missão comunica a obra redentora de Cristo à pessoa humana, levando todos ao conhecimento do Amor de Deus. Ao longo dos séculos, várias pessoas que, através da mudança de vida, fez com que a igreja continuasse com a missão que Cristo estabeleceu sobre a sua igreja.

Missão para Deus é, estabelecer o seu Reino. Participar da construção do Reino de Deus em nosso mundo pelo Espírito Santo. Este artigo aborda o tema sobre a importância de fazer missões na zona rural tratando dos conceitos e do sentido de fazer missões. Qual o papel exercido pela igreja, no que diz respeito à sua missão evangelizadora? Respondendo a essas perguntas, demonstra-se o papel da igreja e sua responsabilidade em realizar missões e evangelismo o âmbito da realidade social.

Apresentando uma análise do conceito de evangelismo, evangelização, missões e missionário, demonstra-se o propósito da missão evangelizadora da igreja, estabelecendo o papel da igreja na evangelização. Dessa forma, fica demonstrada a diferenciação entre os temas evangelismo e missões, levando à compreensão da finalidade não somente da evangelização, bem como da finalidade e abrangência de missões.

A realização deste trabalho deu - se meio de uma pesquisa bibliográfica exploratória e descritiva, para isso se baseou nos seguintes autores: Stott (1992); Bonnke (2003); Cordeiro (2004); Sanders (2007); Toler (2015), proporcionando maior familiaridade com o problema bem como o aprofundamento do tema.

## 2. O CONCEITO DE MISSÕES

Quando falamos de Missão e Missões, o conceito que todos têm é que não passam de duas palavras sinônimas, diferentes, só porque uma é singular e a outra é plural. Só que pelo raciocínio missiológico estas palavras são distintas e tem conceitos bem distintos, apesar de serem bastante ligadas uma com a outra. Veja agora seus conceitos: Missão – trata-se do desígnio bíblico, completo da Igreja de Jesus Cristo.

A palavra “Missão” vem do verbo latim *Mito*, que significa enviar. No Novo Testamento, esta palavra vem do grego *Apostello*, que tem o mesmo significado em sua essência. No entanto, este termo “Missão/Missões” só chamou a atenção da igreja Cristã a partir do

século XVI, período este quando a reforma protestante começou a investir na obra da evangelização mundial. (ENCICLOPÉDIA, 2001.p.324)

Para Piper (2005) a igreja, como comunidade missionária, desenvolve “missões”, isto é, empreendimentos missionários, que assumem formas particulares relacionadas com tempos, lugares ou necessidades específicas.

Queiroz (1999) diz que a missão é a razão principal da existência da comunidade de fé. “Tudo o que se faz na comunidade é feito em função da missão.” Neste sentido, toda a ação da Igreja, seus planejamentos e objetivos devem girar em torno da missão. O que implica em dizer que fazer missões é ser enviado; "Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio a vós" (João 20:21).

Stott (1992) é enfático quando diz que a missão de Jesus é servir. Marcos 10:45 diz que "o próprio Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos". A nossa missão, como a dele, deve ser uma missão de serviço.

Fisher (1999) é a tarefa primordial de todo cristão. É o cumprimento da grande comissão dada por Jesus Cristo em Mateus 28.19-20, “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado.”

Bonnke (2003) diz que a missão é propagar o Evangelho através da Igreja a quem ainda não conhece. Enquanto ainda estava aqui na terra, Jesus enviou seus discípulos para pregar o evangelho a todos os povos da terra (Marcos 16:15). Essa é a grande missão da igreja, que continua até hoje. Todo crente recebe a missão de falar sobre o evangelho a outras pessoas.

Piper (2005) no início da Igreja, a palavra “missionário” ainda não tinha sido inventada. A palavra mais parecida que tinham era apóstolo, que significa “enviado”. Os apóstolos e outras pessoas escolhidas viajavam para muitos lugares com a intenção de pregar o evangelho.

O trabalho missionário da Igreja Primitiva era organizado. Igrejas já estabelecidas enviavam pessoas para lugares onde o evangelho ainda não tinha chegado ou para igrejas que precisavam de ajuda. Cada enviado conhecia sua missão e não “competia” com a missão dos outros, evitando confusão (Gálatas 2:9).

As igrejas apoiavam esses primeiros missionários financeiramente e com suas orações. Alguns missionários também precisavam trabalhar para se sustentar, mas reconheciam que era melhor quando podiam se dedicar exclusivamente à evangelização (I Coríntios 9:13-14). Os crentes queriam ajudar seus missionários, porque seu trabalho era muito importante para salvar vidas.

Para Cordeiro (2004) as missões são o trabalho de evangelização feito de forma intencional. Os missionários procuram maneiras de levar o evangelho às pessoas do lugar onde

estão. Eles aprendem a Língua e a cultura do lugar para poderem explicar o evangelho de uma forma que os locais conseguem entender. A mensagem é sempre a mesma, mas como é apresentada é adaptada à cultura do lugar (I Coríntios 9:20-22).

Missões também são serviços. O missionário procura servir às pessoas, pondo sua religião em prática (Tiago 1:27). Por isso, muitas missões desenvolvem projetos de apoio à comunidade, como escolas e outros centros de ajuda. Esses projetos mostram a diferença que Jesus faz nas nossas vidas e abrem a porta para muitas conversas sobre Jesus. Pessoas que nunca entrariam em uma igreja são salvas através desses projetos.

A enciclopédia (2001, p. 143) apresenta o conceito de missão da Igreja como o voltar-se de Deus para o mundo. Esclarece ainda que, “durante muito tempo, [...] quando se falava em missão, era sempre no sentido de se viabilizar um processo de reprodução e manutenção de igrejas”.

Ao aprofundar o conceito, o autor Carriker (1999) esclarece que os planos de Deus não confirmam esse processo de reprodução e manutenção de igrejas. Fica claro, portanto, que a Igreja, como comunidade missionária, desenvolve “missões”, isto é, empreendimentos missionários, que assumem formas particulares relacionadas com tempos, lugares ou necessidades específicas.

A importância de fazer missões na zona rural é inestimável. A zona rural é uma área frequentemente negligenciada, mas que precisa de atenção e cuidado. As missões na zona rural podem ajudar a fornecer serviços básicos, como assistência médica, educação e saneamento, para as pessoas que vivem lá. Além disso, as missões na zona rural podem ajudar a fornecer apoio emocional e espiritual para as pessoas que vivem lá.

### **3. O QUE A BÍBLIA DIZ SOBRE A OBRA MISSIONÁRIA**

A obra missionária da Igreja encontra fundamentos sólidos nas Escrituras Sagradas, que servem como guia e inspiração para os cristãos em seu chamado para levar a mensagem do evangelho a todas as nações. Abaixo estão alguns textos bíblicos que fundamentam a obra missionária da Igreja.

Grande Comissão, Mateus 28:19-20 "Portanto, vão e farão discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes mandar ordenar. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos." Este é um dos textos mais conhecidos que expressam a comissão direta de Jesus aos seus seguidores para fazer discípulos em todas as nações. Essa instrução é uma base bíblica para a obra missionária global da Igreja.

Este texto, frequentemente referido como a Grande Comissão, é proferido por Jesus Cristo aos seus discípulos antes de ascender aos céus. Nele, Jesus os encarrega de ir e fazer discípulos de

todas as nações, batizando-os e ensinando-os a obedecer aos seus mandamentos. A presença constante de Jesus, prometida até o fim dos tempos, enfatiza que a Igreja não está sozinha nessa missão, contando com o poder e a companhia divina.

Atos 1:8 "Mas confisque poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra." Este versículo, registrado nos Atos dos Apóstolos, destaca a expansão gradual da obra missionária, começando localmente e se estendendo até os confins da terra, impulsionada pelo poder do Espírito Santo.

No início do Livro de Atos, Jesus fala aos apóstolos sobre o dom do Espírito Santo e os instrui a serem suas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra. Esse versículo destaca a progressão geográfica da obra missionária, começando localmente e se expandindo para além das fronteiras.

Isaías 6:8 "Depois disso ouvi a voz do Senhor, conclamando: 'Quem enviarei? Quem irá por nós?' E eu respondi: 'Aqui estou. Envia-me!'" Embora não esteja diretamente ligado ao Novo Testamento, este versículo do Antigo Testamento ilustra a prontidão e a disposição para ser enviado por Deus, um princípio essencial na obra missionária.

Romanos 10:14-15 "Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão, se não houver quem pregue? E como pregarão, se não foram enviados? Como está escrito: 'Como são belos os pés dos que anunciam boas notícias!'" Paulo, em Romanos, destaca a importância de pregar a mensagem do evangelho e a necessidade de envios para levar essa mensagem aos que ainda não a ouviram.

Sanders (2007) comenta que Paulo, em sua carta aos Romanos, destaca a importância da pregação da Palavra de Deus. Ele argumenta que as pessoas só podem invocar o nome de Cristo se tiverem ouvido falar dele, e só podem ouvir se houver mensageiros enviados para proclamar a mensagem. Paulo enfatiza que a beleza dos pés daqueles que anunciam boas notícias reside na missão de levar a mensagem da salvação a todos os lugares.

Esses versículos, interligados, estabelecem os fundamentos bíblicos para a obra missionária da Igreja. Eles destacam a universalidade da mensagem do evangelho, a importância da capacitação pelo Espírito Santo, a prontidão para o envio e a necessidade urgente de proclamar a mensagem salvífica a todos os povos e lugares. Essas passagens inspiram e orientam a Igreja em sua missão, incentivando os cristãos a obedecer ao mandato de Cristo e a cumprir a missão de fazer discípulos em todas as nações, incluindo a zona rural.

#### 4. A IMPORTÂNCIA DA IGREJA NA OBRA MISSIONÁRIA NA ZONA RURAL

A obra missionária desempenhada pela Igreja na zona rural é intrinsecamente relevante e solicitante, manifestando-se como uma expressão viva do compromisso cristão com a transformação integral da sociedade. Visa-se destacar e analisar a importância fundamental desse empreendimento, explorando seus diversos aspectos que vão desde o fortalecimento espiritual até a promoção do desenvolvimento comunitário.

Conforme Toler (2015) a presença da Igreja na zona rural, por meio da obra missionária, é uma fonte vital de fortalecimento espiritual para os habitantes dessas comunidades. Uma mensagem de esperança, amor e redenção compartilhada pela Igreja torna-se uma paixão para indivíduos que enfrentam muitas vezes desafios econômicos, sociais e emocionais únicos. O ensino dos princípios cristãos e a oferta de apoio espiritual buscam uma base sólida para enfrentar as adversidades cotidianas, promovendo a resiliência e a paz interior.

Para Stott (1992) a obra missionária da Igreja na zona rural não se restringe apenas ao âmbito espiritual, estendendo-se à esfera educacional. Muitas igrejas missionárias implementam programas educacionais que visam a alfabetização, o acesso à educação básica e a capacitação profissional. Ao investir na educação, a Igreja não apenas amplia as perspectivas individuais, mas também contribui para o desenvolvimento intelectual e social da comunidade na totalidade.

A presença da Igreja na zona rural se traduz frequentemente em iniciativas práticas de assistência social. Mediante projetos comunitários, como fornecimento de alimentos, serviços de saúde e programas de desenvolvimento agrícola, a Igreja desempenha um papel ativo na melhoria das condições de vida. Essas ações não apenas aliviam as necessidades imediatas, mas também estabelecem um alicerce para o desenvolvimento sustentável a longo prazo.

Segundo Toler (2015, p.38-40) existem diferentes tipos de ações que podem ser realizadas na zona rural. Algumas das missões mais comuns incluem:

**4.1 Assistência Médica:** Muitas pessoas que vivem na zona rural não têm acesso a serviços médicos adequados. As missões médicas podem ajudar a fornecer cuidados médicos básicos, como exames de saúde, vacinações e tratamento de doenças.

**4.2 Educação:** As missões educacionais podem ajudar a fornecer educação básica para crianças que vivem na zona rural. Isso pode incluir a construção de escolas, a contratação de professores e a doação de materiais escolares.

**4.3 Saneamento:** As missões de saneamento podem ajudar a fornecer água limpa e instalações sanitárias para as pessoas que vivem na zona rural. Isso pode incluir a construção de poços, a instalação de sistemas de filtragem de água e a construção de banheiros.

**4.4 Apoio emocional e espiritual:** as missões na zona rural também podem ajudar a fornecer apoio emocional e espiritual para as pessoas que vivem lá. Isso pode incluir a realização de serviços religiosos, aconselhamento e terapia.

**4.5 Lutar para preservar a integridade da criação e sustentar a vida na terra:** tudo isso poderia ser resumido em algumas palavras: evangelismo, ensino, compaixão, justiça e cuidado com a criação. É uma lista notavelmente ampla e holística que, pode-se perceber, possui raízes profundas em toda a Bíblia. De fato, espero mostrar que todas as cinco marcas.

Jesus Cristo deu à Sua Igreja uma responsabilidade e uma missão específica em cumprimento de Seu plano. O que isso implica? Alguns, por entenderem mal o plano de Deus, também não compreendem o que a Igreja está fazendo. Qual é a missão especial da Igreja? Jesus Cristo entregou à sua igreja discípulos espiritualmente transformados para realizar essa tarefa. A missão da Igreja é pregar o evangelho do Reino de Deus e fazer discípulos em todo o mundo, ensinando-lhes exatamente o que Jesus ensinou (Marcos 16:15; Mateus 28:19-20).

Lopes (1997) afirma que Deus comissionou a Igreja a dar o exemplo de Seu modo de vida para o mundo. Deus está expondo os Seus caminhos para a humanidade através da Igreja. Pedro exorta aos membros da Igreja: “A conduta de vocês entre os pagãos deve ser boa, para que, quando eles os acusarem de criminosos, tenham de reconhecer que vocês praticam boas ações, e assim louvem a Deus no dia da Sua vinda” (1 Pedro 2:12).

Em resumo, a importância da obra missionária da Igreja na zona rural transcende o plano espiritual, permeando as esferas educacionais, sociais e culturais. Busca-se estabelecer uma compreensão abrangente desses elementos, destacando como a presença ativa da Igreja nessas comunidades contribui para a transformação positiva e integral da vida rural.

## 5. RESULTADOS DA PESQUISA

Todos compreendem que Deus deixou essa missão à sua igreja e cabe a nós cumprirmos a grande comissão deixada pelo Mestre Jesus. Precisa-se motivar adequadamente a igreja para assumir sua vocação missionária. A presença da Igreja na zona rural, por meio da obra missionária, é uma fonte vital de fortalecimento espiritual para os habitantes dessas comunidades. Uma mensagem de esperança, amor e redenção compartilhada pela Igreja.

A obra missionária da Igreja na zona rural não se restringe apenas ao âmbito espiritual, estendendo-se à esfera educacional. Muitas igrejas missionárias implementam programas educacionais que visam à alfabetização, o acesso à educação básica e à capacitação profissional.

A presença da Igreja na zona rural se traduz frequentemente em iniciativas práticas de assistência social. Por meio de projetos comunitários, como fornecimento de alimentos, serviços de saúde e programas de desenvolvimento agrícola, a Igreja desempenha um papel ativo na melhoria das condições de vida.

Jesus Cristo deu à Sua Igreja uma responsabilidade e uma missão específica em cumprimento de Seu plano. A missão da Igreja é pregar o evangelho do Reino de Deus e fazer discípulos em todo o mundo, ensinando-lhes exatamente o que Jesus ensinou (Marcos 16:15, Mateus 28:19-20).

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há nenhum outro tema que tenha mais prioridade do que missões no plano divino nesse momento. Quando perguntado sobre a restauração do reino de Israel pelos discípulos, Jesus Cristo respondeu que eles deveriam se alinhar com a prioridade do momento, missões.

A tarefa primordial era pregar o evangelho em todos os cantos do mundo, o foco não era especular sobre coisas terrenas ou futuras, mas sim que o evangelho seja anunciado para toda a criatura, a começar pelos vizinhos, bairros próximos, cidades circunvizinhas, estados, países, nações e confins da terra, com um detalhe importante, de maneira simultânea.

O plano de Deus neste momento é o envolvimento dos seus filhos naquilo que pulsa no Seu coração, a saber, a pregação do Evangelho para toda a criatura em todos os cantos do globo terrestre de maneira simultânea, inclusive na zona rural.

Fazer missões em áreas rurais pode ser um grande desafio, mas também pode ser extremamente gratificante. Ajudar a obter acesso a recursos básicos e compartilhar o amor de Deus com elas pode ter um impacto duradouro em suas vidas e nas vidas de suas comunidades.

A Igreja de Jesus Cristo na terra é um organismo capaz de ultrapassar as barreiras de língua e cultura. Num mundo com mais de sete bilhões de pessoas, muitos ainda não conhecem a vida abundante em Cristo Jesus e, dessa forma, não fazem parte da Igreja. Portanto, quando se pensa em missões, considera-se a necessidade de proclamação das Boas Novas a todos os povos em todas as partes do mundo.

É porque Jesus Cristo é o único Salvador, que ele deve ser universalmente proclamado, o evangelho deve ser partilhado com todos os homens, sem qualquer distinção, não se deve levantar nem barreiras raciais, nem barreiras sociais contra a pregação do evangelho.

## REFERÊNCIAS

- BÍBLIA, Português. **Bíblia Sagrada**. Antigo e Novo Testamento. Tradução: João Ferreira de Almeida. São Paulo, 1995.
- BONNKE, Reinard. **Evangelismo por Fogo**. 2ª Edição. São Paulo, 2003.
- CARRIKER, C. Timóteo. **Missões na Bíblia**. São Paulo. Editora: Vida Nova, 1999.
- CORDEIRO, Wal. **Missão Sem Fronteiras**. Rio de Janeiro. Editora: Vida Nova, 2004.
- ENCICLOPEDIA **Dicionário Bíblico** Universal. São Paulo: Vida. 2001.
- FISHER, David. **O Pastor do século 21**: Uma reflexão bíblica sobre os desafios do ministério pastoral no próximo milênio. Trad. Yolanda Mirsda Krievin. São Paulo: Editora Vida, 1999.
- LOPES, Augustus Nicodemos. Paulo, plantador de igrejas: repensando fundamentos bíblicos na obra missionária. IN: **Fides Reformata**. São Paulo: Seminário Presbiteriano Rev. José Manuel da Conceição. Vol II, nº 2, p. 5-21, jul-dez, 1997.
- PIPER, John. **Um Homem Chamado Jesus Cristo**. Tradução: Maria Emília de Oliveira. São Paulo: Vida, 2005.
- QUEIROZ, Edson. **A Igreja Local e Missões**. São Paulo. Editora: Vida Nova, 1999.
- SANDERS, J. Osvaldo. **Paulo, o Líder**. São Paulo: Editora Vida, 2007.
- STOTT, John R.W. **A Bíblia na evangelização do mundo**. IN: WINTER, Ralph D. (org). **Missões Transculturais: uma perspectiva bíblica**. São Paulo: Mundo Cristão, 1992.
- TOLER, Stan. **A Excelência do Ministério**: orientações práticas para o pastorado. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2015

## *Capítulo 2*

---

# **PERSONALIDADE E TRANSFORMAÇÃO: IMPACTOS DA LEI SACERDOTAL NA VIDA DE ARÃO**

Igor de Sousa de Carvalho

## PERSONALIDADE E TRANSFORMAÇÃO: IMPACTOS DA LEI SACERDOTAL NA VIDA DE ARÃO

### PERSONALITY AND TRANSFORMATION: IMPACTS OF THE PRIESTLY LAW IN THE LIFE OF AARON

*Igor de Sousa de Carvalho<sup>1</sup>*

#### RESUMO

Este artigo visa abordar quais as influências da lei sacerdotal na vida do sumo sacerdote Arão, o sacerdócio foi instituído e elaborado pelo próprio Deus após o período de escravidão do povo hebreu no Egito, houve uma reorganização dentro do povo de Israel e algumas funções foram distribuídas para uma melhor organização, padronização e para ensinar a todos como deveriam conviver em uma sociedade segundo a vontade do Senhor. No livro de Êxodo é citado que o sacerdote possuía diversas funções, desde a expiação dos pecados como o ensino de leis para a população. Este trabalho possui como objetivo geral demonstrar que as funções sacerdotais tiveram clara influencia no comportamento de Arão, tendo em vista que a prática de ministrar diariamente moldava sua mente e seus comportamentos para uma postura mais alinhada com a santidade esperada por Deus. Contudo, erros foram cometidos ao longo da vida de Arão, mesmo servindo e comunicando a vontade de Deus ele tivera falhas. Pode-se concluir que a vida de Arão vida serviu a um propósito maior, que era apontar para um próximo sumo sacerdote, a saber Jesus Cristo, e mostrar para nós hoje que o sacerdócio não somente nos alcança como deve ser praticado por todos, tendo em vista que o próprio Deus espera isso de nós.

**Palavras-chave:** Sacerdócio, Arão, Comportamentos.

#### ABSTRACT

This article aims to address the influences of the priestly law on the life of the high priest Aaron. The priesthood was instituted and modified by God himself after the period of slavery of the Hebrew people in Egypt. There was a reorganization within the people of Israel and some functions were transferred for better organization, standardization and to teach everyone how to live in a society according to the will of the Lord. In the book of Exodus it is reported that the priest had several functions, from the atonement of sins to the teaching of laws to the population. This work has the general objective of demonstrating that the priestly functions had a clear influence on Aaron's behavior, considering that the practice of ministering daily shaped his mind and behaviors to a posture more aligned with the holiness expected by God. However, mistakes were made throughout Aaron's life, even through intervention and communicating the will of God, he had failures. We can conclude that Aaron's life served a greater purpose, which was indicated for a future high priest, namely, Jesus Christ, and to show us today that the priesthood not only reaches us but must be practiced by everyone, given that God himself expects this of us.

**Keywords:** Priesthood, Aaron, Behaviors.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia. Formado em Psicologia. Pós em: Psicopedagogia; docência em ensino superior e EAD; Esp. em Terapia Cognitivo Comportamental. E-mail: igorproject2@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

Desde tempos remotos o Senhor tem falado com seus filhos, através de ensinamentos, parábolas, profetas, poesias, fenômenos da natureza, uma interessante maneira de como ele se comunica com seu povo é através de leis, ordenanças que possuem a função de orientar, ou seja, guiar por um determinado caminho, delimitando fronteiras que nos ajudam a enxergar e manter uma boa relação com nossa comunidade de fé, com nosso Senhor e com nós mesmos.

A lei sacerdotal é um exemplo de instruções dadas por Deus, que atribuía aos sacerdotes o dever de ensinar o povo sobre as leis e costumes, orientações sobre a forma como o povo deveria se portar no tabernáculo, estes serviam ao Senhor como mediadores entre ele e o povo, mas não somente isso, também tinham a função de administração e transporte do tabernáculo.

Ao contrário de outras pessoas o sacerdote possui restrições em relação ao seu comportamento e trabalho, devido a importância de sua posição e minúcia das atividades que desempenhava. Tal destaque de posição vinha com suas responsabilidades e respectivas mudanças, o presente artigo demonstra as implicações que a função de sacerdote gerou na vida de Arão, em especial mudanças em sua personalidade, um homem que viveu com uma mentalidade passiva e estática é orientado a ser alguém que exerce influência, liderança e direcionamento, bem como, de que maneiras sua função foi um importante apontamento para Cristo o perfeito sumo sacerdote.

Sabendo que a intenção de Deus era que seu povo fosse uma geração de sacerdotes, podemos concluir que as mudanças vividas pelos sacerdotes em seus comportamentos também precisam ser vividas por nós, o Senhor tem uma expectativa que seus filhos e filhas ministrem em sua casa com zelo e obediência, com base neste argumento compreendemos a importância desta temática para a igreja de hoje, enxergando como as mudanças que a personalidade de Arão sofreu ao longo do tempo pode nos ajudar a vislumbrar mistérios na vontade do Senhor para sua igreja nos dias de hoje.

## 2. O COMPORTAMENTO ESPERADO DE ARÃO

Todo ser humano em sua vivência desenvolve através daquilo que aprende, comportamentos, emoções e pensamentos, que passam a dirigir e exercer forte influência em sua tomada de decisão. Para entender por que alguém faz ou deixa de fazer alguma coisa torna-se necessário olhar para sua história de vida. Atitudes podem parecer simples em uma primeira análise, contudo, como somos seres complexos em constante transformação e aprendizado estamos sempre em contínuo movimento, como salienta Bock.

O desenvolvimento mental é uma contínua, que se caracteriza pelo aparecimento gradativo de estruturas mentais. Elas são formas de organização da atividade mental

que se vão aperfeiçoando e solidificando até o momento em que todas, estando plenamente desenvolvidas, caracterizarão um estado de equilíbrio superior quanto aos aspectos da inteligência, da vida afetiva e das relações sociais. (Bock, 2018, p.308).

O desenvolvimento de todo o ser humano sofre clara influência do meio que o cerca, Deus ao estabelecer um mediador entre ele e o povo hebreu, delimitou rigorosas exigências de conduta, estudo e procedimento perante todos. Além de excelência no serviço, o sacerdote deveria possuir um bom conhecimento da lei mosaica para ser educador do povo, precisava da mesma forma ser um livro totalmente aberto para a nação e se amoldar a partir do caráter perfeito do Eterno. Breves, (2022, p.22), percebe-se as intenções que o Senhor tinha para com Arão, certamente ele não queria um escravo sendo exemplo para outros escravos, mas um bom líder que se mantinha santo e irrepreensível. Todos os sacerdotes possuíam uma diferença entre o restante da população hebreia, uma delas era a roupa e utensílios que usavam, como ressalta Cox.

Moisés vestiu Arão com: 1) o camisão de linho, 2) o cinto debaixo, 3) o manto do éfode, 4) o éfode, 5) o cinto do éfode, 6) o peitoral, 7) o Urim e Tumim, 8) o turbante e 9) a placa no turbante. [...] placa de ouro no turbante é chamada santidade. Este nome indica o caráter da realeza do sumo sacerdote. (Cox, 2016, p.217).

Tal distinção possuía o simbolismo que demonstrava a importância do sacerdote, bem como a consequência na vida de alguém que se aproxima do seu criador, todas essas características, visavam moldar em Arão e sua família uma mentalidade santa. Além disso o exercício do sacerdócio compreendia a execução de tarefas constantes perante o povo e Deus. Algumas dessas tarefas ocorriam para a remissão dos pecados, os sacerdotes faziam primeiramente a oferta pelo pecado e o holocausto. Cox (2016), considerando que eram homens e pecadores, tinham de oferecer pelos próprios pecados e também pelos pecados do povo, tal rotina e experiência marcava a personalidade e emoções de Arão, tendo em vista que, as emoções, ou respostas emocionais, ocorrem em função de determinados eventos ambientais.

Segundo Moreira (2019), contudo, apesar de todo o investimento feito por Deus na vida de Arão, e das mudanças que certamente eram esperadas dele como líder religioso do povo, na situação em que poderia ter se mostrado líder capaz, ele falhou miseravelmente esse erro foi uma mancha no ministério de Arão quando construiu um bezerro de ouro e depois culpa o povo como demonstra (Ex 32,22) “tu conheces o povo, como se inclina para o mal”.

Todavia, mesmo após o erro não somente de Arão, mas do povo hebreu ao longo da história, o Senhor tinha um plano de salvação a longo prazo, que consistia em apresentar um sumo sacerdote perfeito e sem pecado, este sendo o próprio Cristo. Guthrie, (1984), comenta que a Lei de Moisés reconheceu e providenciara um sumo sacerdote que pudesse mediar entre Deus e o homem. Mas o sacerdócio de Arão tinha várias fraquezas, [...] o sumo-sacerdócio de Cristo é de um tipo superior.

### 3. O ESCRAVO QUE SE TORNOU SUMO SACERDOTE

Como a própria história narra, existia um pano de fundo por traz da vida de Arão que aos poucos se descortinava, apresentado como alguém que fala bem, ao contrário do seu irmão Moisés como comenta (Ex 4,14) “Arão, o levita, não é teu irmão? Eu sei que ele fala bem. Ele também virá ao teu encontro e, vendo-te, se alegrará no coração.”, ele é chamado a desempenhar uma função de apoio ao ministério de seu irmão Moisés, logo assume um destaque em frente a maior autoridade do país o Faraó.

Ele te será por boca e tu lhe serás por Deus. Boca é uma metonímia em lugar de “porta-voz”. Em outros lugares a relação entre Moisés e Arão é comparada à existente entre Deus e profeta, quanto ao profeta, Deus mesmo deve “pôr na boca as palavras” (Cole, 1981, p. 73)

Após ser acolhido pela filha de Faraó, e estudava o que havia de mais atual em matéria de artes, cultura, ciências e afins. Conforme Allen (1987), Moisés deve ter participado do mais excelente treinamento da época, os outros irmãos, em contrapartida, viviam a vida dura de escravidão, que não somente moldava seus trabalhos diários, como também suas atitudes e mentalidades. De um lado um filho aprende a governar e administrar, do outro seu irmão leva uma vida se servidão forçada, o que encrustava na mente de Arão apenas a possibilidade de um trabalho que nem mesmo ele escolhera para si.

Mesmo com tal realidade Arão passa a caminhar ao lado de seu irmão, ambos representam e comunicam a vontade divina para o governante do país o Rei do Egito. De igual forma essa incumbência de liderança e administração se torna mais frequente e coordenada com o passar do tempo, Arão recebe de seu irmão e líder uma tarefa, de esperar com o povo enquanto Moisés está no monte e resolver questões que poderiam surgir, como salienta (Ex 24,14) “esperai-nos aqui, até que voltemos”.

Com o estabelecimento de leis para organização do povo em tribos todos são conduzidos a uma vida diferente do servilismo forçado e pagão que aprenderam no Egito, como ressalta (Ex 21,1) “estes são os estatutos que proclamarás a eles”. Se as leis exigiam de todo o povo uma maneira de viver mais disciplinada e honesta, muito mais era demandado de seus líderes como ressalta Cox.

Deus escolheu Arão, o irmão de Moisés, e seus descendentes, para servir de sacerdotes. Até este momento, Moisés era o único mediador, mas foi a família de Arão, e não a de Moisés, que foi escolhida para administrar perante Deus a favor de Israel. (Cox, 2016, p. 214)

Arão em sua função de Sumo Sacerdote precisava de disciplina, organização, atenção, didática, comportamentos que poderiam ter sido utilizados talvez ocasionalmente em sua antiga vida, mas que agora eram uma obrigatoriedade diária, hábitos repetitivos diários tendem a mudar o caráter e comportamento de uma pessoa,

Da mesma forma, uma ligeira mudança em seus hábitos diários pode direcionar sua vida para um destino muito diferente. Fazer uma escolha que seja 1% melhor ou pior parece insignificante no momento, mas, ao longo dos momentos que compõem a vida toda, essas escolhas determinam a diferença entre quem você é e quem poderia ser (Clear, 2019, p.28)

Mesmo em uma posição de destaque, Arão ainda era um homem imperfeito que em seu ministério cometeu erros, como ressalta o autor do livro de Hebreus, “Por que ele mesmo também está rodeado de fraquezas, [...] Ninguém toma essa honra para si, a não ser quando chamado por Deus, como no caso de Arão” (Hb 4,2-4). Para Wiley (2009), torna-se salutar ressaltar que o sumo sacerdote exercia um trabalho cheio de alegorias, cada utensílio, ação, ritual tinha um significado, contudo, ele mesmo também era uma representação figurativa, o homem que possuía erros, o sumo sacerdócio arônico, é simbólico e temporário o de Cristo, real e eterno.

Logo o homem imperfeito apontava para um próximo Sumo sacerdote que viria e se tornou perfeito, como é demonstrado por

O sumo sacerdote não tinha quem fizesse a expiação pelos pecados dele e, por isso, estando rodeado de fraquezas, como o povo do qual fora tirado, deveria fazer expiação por si mesmo. Isto naturalmente chama atenção para as imperfeições do sumo sacerdócio arônico e prepara o caminho para a apresentação da perfeição de Cristo, como o Filho de Deus. (Wiley, 2009, p.234)

Podemos desta forma constatar que a atuação do Sumo sacerdote em meio ao povo hebreu serviu como sombra para o ministério de Jesus, além do mais, este conceito de Jesus como Sacerdote provará ser a chave do AT. O significado e propósito do sistema sacrificial mosaico-araônico podem agora ser revelados. Conforme Cox (2016), tendo como prisma essa linha de pensamento, podemos concluir que mesmo vivendo com um comportamento que não foi esperado por Deus, Arão serviu ao seu propósito como indicador para um grande sumo sacerdote, Jesus o filho de Deus (Hb 4,14).

#### **4. O EXERCÍCIO DO SACERDÓCIO NOS DIAS DE HOJE**

A função de sacerdote inaugurada por Deus através da vida de Arão, que apontava para Cristo como nosso perfeito Sumo Sacerdote, não somente ainda existe, como precisa estar vivo em nós hoje. Vemos que o representante de Deus perante os homens é: 1) Intercessor pelo povo de Deus, 12; 2) Compassivo em prol do povo de Deus, 29; 3) Juiz sábio do povo de Deus, essas prerrogativas não cessaram na vida de Jesus, o autor do livro de Hebreus declara, “Portanto, tendo um grande sumo sacerdote, Jesus o Filho de Deus” (Hb 4.14-16).

A realidade do exercício do sacerdócio nos dias de hoje é genuína, tendo em vista que o apóstolo Paulo ressalta “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (1 Cor 11,1), logo nós por consequência também somos sacerdotes, possuindo Cristo Jesus como modelo, contudo

passíveis a erros como Arão. De acordo com Breves (2022), o sacerdócio é universal, todos; homens e mulheres, casados e não casados, novos e velhos podem se aproximar de Deus.

Pessoas imperfeitas foram chamadas para ministrar diante do povo mesmo com pecados, como demonstra Cox (2016), estes sacerdotes tinham de oferecer sacrifícios pelos próprios pecados, ser vestidos com as roupas, ungidos com o óleo santo e comer das ofertas sacrificais, da mesma forma nós somos chamados para o serviço no reino de Deus, ou para ser santos em nossos lares e podemos falhar, sobre isso Cox (2016), diz, que esses ministros devem ser resolutos na justiça bem como abastados na misericórdia. Arão fracassara neste ponto, assim como o Sumo sacerdote escolhido por Deus também fomos chamados pelo Senhor.

Em uma primeira análise talvez possamos imaginar que o sacerdócio se restringe apenas ao trabalho da igreja, mas, essa maneira de pensar é precipitada Breves (2022), afirma que na atualidade vemos um descaso quanto ao exercício do sacerdócio nos lares, não existe nenhuma preocupação quanto à representatividade de Deus para sua família, templo e comunidade.

O fim do sacerdócio de Eli e o rompimento de sua linhagem não acontecem pelo avançar da idade, mas por negligenciar o exercício sacerdotal e paterno. Essa família foi escolhida por Deus para representá-lo naquela comunidade, ser um exemplo de família temente ao Senhor, mas isso não estava acontecendo. (Breves, 2022, p.51).

Compreendendo que sempre foi a intenção de Deus possuir uma nação de sacerdotes como é afirmado em (1Pe 2,9) “mas vós sois geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, para que anuncieis as grandezas daquele que vos chamou das trevas para sua maravilhosa luz”, todos nós possuímos uma responsabilidade de executar tal ordenança com zelo, contudo, infelizmente essa não é a realidade no panorama geral, somos chamados para o sacerdócio, e precisamos zelar por isso, senão pereceremos nós e nossa família, como demonstra.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise da temática abordada pelo artigo e da pesquisa realizada, constatou-se que os padrões de santidade de Deus sempre foram mantidos em alta estima, suas intenções para com Arão e o povo hebreu se estendem até nós e aponta para um designer, uma espécie de modelo de adoração que infelizmente não pôde ser obedecido em sua totalidade, em razão das diversas falhas cometidas pelo povo de Israel no decorrer da história, desde os seus líderes até o povo.

Arão mudou seu estilo de vida de forma radical com a saída do Egito e introdução de um novo repertório comportamental, ele precisou ensinar, liderar, ser um guia para o povo hebreu, e certamente, após tal vivência ele foi guiado pelo Senhor para uma mudança completa através da nova vida como sumo sacerdote.

Contudo, mesmo quando foi ofertado para a Arão a possibilidade de se tornar um líder irrepreensível ele comete erros que infelizmente mancham seu ministério, e como consequência de sua liderança outros além dele também são levados a cair. Observar esse movimento em sua vida, as nuances que ocorreram, tornam o ministério deste personagem tão interessante e até mesmo uma fonte de aprendizado para nós. Assim como não há dúvidas que Arão apontava para o perfeito sumo sacerdote que viria, o filho de Deus Jesus Cristo, nós que hoje somos os sacerdotes desejados por nosso pai celestial, apesar de termos como referência seu filho erramos da mesma forma de Arão.

Da mesma maneira que para Arão lhe foi oportunizado mudar de vida, a nós também acontece por consequência da morte e ressurreição de Cristo a mesma chance de nos tornarmos por meio da orientação do Espírito Santo, sacerdotes irrepreensíveis. Infelizmente além desta poderosa verdade, também foi constatado que a percepção de uma execução do ministério sacerdotal, além das paredes da igreja não é uma realidade na vida de muitos crentes, que segundo os autores pesquisados não raramente, falham em serem os sacerdotes dentro de suas próprias famílias.

Sendo assim conclui-se que o sacerdócio não somente nos alcança hoje, como deve ser uma constante na vida de todo o cristão, não apenas em seus templos, mas em todos os lugares, pois como devemos ser imitadores de Cristo Jesus, ele espera que o façamos em toda a nossa vida, em casa dimensão a esta compreende, devemos ser sacerdotes irrepreensíveis todos os dias de nossas vidas.

## REFERÊNCIAS

ALLEN, Clifton J. **Comentário Bíblico Broadman: Velho Testamento**. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1987.

BREVES, GUILHERME ALVES. **O sacerdócio, uma análise bíblica do governo do homem no lar**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Clube dos Autores, 2022.

BÍBLIA. Português. **The Purpose Book: Bíblia Sagrada**. Tradução de Fernando. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora NVI, 2023.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 15ª ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2018.

CLEAR, James. **Hábitos Atômicos: Um Método Fácil e Comprovado de Criar Bons Hábitos e se Livrar dos Maus**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Alta Life, 2019.

COLE, R. Alan. **Êxodo: Introdução e comentário**. 2ª Ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1981.

COX, Leo G. et al. **Comentário Bíblico Beacon: Epístola aos Hebreus**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo: Editora Vida, 2005.

GUTHRIE, Donald. **Carta aos Hebreus**: Introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão, 1984.

MOREIRA, Marcio Borges. **Princípios básicos da análise do comportamento humano**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

PAPALIA, Diane E. **Desenvolvimento Humano**. 12ª Ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

WILEY, Orton. **A excelência da nova aliança em Cristo**: Comentário exaustivo da carta aos Hebreus. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2009.

# *Capítulo 3*

---

## **O IMPACTO DA HUMANIDADE DE JESUS NA VIDA CRISTÃ**

Françaídes da Silva Pedroso

## O IMPACTO DA HUMANIDADE DE JESUS NA VIDA CRISTÃ

### THE IMPACT OF JESUS' HUMANITY ON CHRISTIAN LIFE

*Françáides da Silva Pedroso<sup>1</sup>*

#### **RESUMO**

A temática discutida neste trabalho versa do Impacto da Humanidade de Jesus na vida cristã. Estabeleceu-se como objetivo geral comprovar através da Bíblia a essencialidade da humanidade de Jesus no plano de salvação. Os objetivos específicos propostos foram: incentivar o estudo da humanidade de Jesus na Bíblia, evidenciar a importância do Espírito Santo nesse processo de estudo. Ressaltar que as heresias sobre a humanidade de Jesus são um perigo para de fé crentes não alicerçados na palavra. Levantou-se a hipótese que a dificuldade de muitos crentes entenderem a doutrina acerca da humanidade de Cristo provém do desconhecimento da Palavra, da incapacidade da mente humana diante de algo tão tremendo que está mais ligado ao campo da revelação do que da explicação. Para tanto utilizou-se o método hipotético dedutivo e a pesquisa bibliográfica. Constatou-se que muitos cristão encontram dificuldade para entender o aspecto humano do ser de Jesus, já quanto o aspecto divino compreendem melhor. Destacou-se que o entendimento mencionado na pesquisa não tem a finalidade de esgotar o assunto, mas trazer paz ao coração do crente, fortalece sua fé e lhe torna capaz de dar a razão da sua esperança quando for questionado.

**Palavras-chave:** humanidade, Jesus, Bíblia, estudo

#### **ABSTRACT**

The theme discussed in this paper is the Impact of Jesus' Humanity on Christian life. The general objective was to prove through the Bible the essentiality of Jesus' humanity in the plan of salvation. The specific objectives proposed were: to encourage the study of Jesus' humanity in the Bible, to highlight the importance of the Holy Spirit in this study process, and to emphasize that heresies about Jesus' humanity are a danger to believers who are not grounded in the Word. The hypothesis was raised that the difficulty many believers have in understanding the doctrine about Christ's humanity comes from their lack of knowledge of the Word, from the inability of the human mind to deal with something so tremendous that is more linked to the field of revelation than to explanation. To this end, the hypothetical-deductive method and bibliographical research were used. It was found that many Christians find it difficult to understand the human aspect of Jesus' being, while they understand the divine aspect better. It was highlighted that the understanding mentioned in the research is not intended to exhaust the subject, but brings peace to the believer's heart, strengthens his faith and makes him capable of giving the reason for his hope when questioned.

**Keywords:** humanity, Jesus, Bible, study

---

<sup>1</sup> Bacharel em teologia pelo Seminário Teológico assembleia de Deus – SETAD. E-mail: francaidesp@hotmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

Quando o assunto é a encarnação e as duas naturezas de Jesus há muitas divergências entre os estudiosos e muitas dúvidas até mesmo entre cristãos sinceros e fiéis, isso porque Deus ter-se feito carne é uma das maiores verdades do Cristianismo e ao mesmo tempo um dos maiores paradoxos das Sagradas Escrituras. Portanto, é de vital importância que o servo de Deus se lance na busca do conhecimento acerca do que a Bíblia ensina a respeito da humanidade de Jesus, isso porque quando se nega sua humanidade, também se nega sua obra redentora na cruz. Por este viés, verifica-se a necessidade e a relevância da temática desta pesquisa. Sabe-se que o texto sagrado apresenta Jesus como o Filho de Deus e o Filho do homem, porém nestas páginas destacar-se-á a figura humana de Jesus, sob o tema “O Impacto da Humanidade de Jesus na Vida Cristã”.

Diante do exposto, levanta-se a questão: A dificuldade de a mente humana compreender a verdade sagrada da humanidade de Jesus constitui-se um perigo para a fé cristã? Acredita-se que a falta de conhecimento das Sagradas Escrituras, a limitação da mente humana, o fato de ser esta doutrina mais ligada ao campo da revelação do que da explicação são fatores que dificultam seu correto entendimento. Para se possibilitar a verificação da hipótese a metodologia utilizada baseia-se na análise bibliográfica de escritos referentes ao tema em estudo de vários escritores, além de recorrer a três diferentes edições e versões da Bíblia Sagrada, sob os moldes do método hipotético-dedutivo.

Dessa forma tem-se como objetivo geral desta pesquisa mostrar através das Sagradas Escrituras que somente com um corpo humano Jesus poderia cumprir sua missão redentora na cruz. Para tanto foram propostos os seguintes objetivos específicos: apontar a Bíblia como principal fonte de fundamentação sobre a humanidade de Jesus; esclarecer que a orientação do Espírito Santo é fundamental para que se tenha um melhor entendimento acerca da humanização de Cristo; alertar para os perigos que falsos ensinamentos a respeito da humanidade de Jesus representam para fé de crentes não alicerçados na Palavra.

Na seção inicial destaca-se o incentivo para se alcançar um conhecimento mais abrangente a respeito da humanidade de Jesus principalmente através das Escrituras Sagradas. A seção seguinte mostra a importância de se buscar a orientação e direção do Espírito Santo para que a limitada mente humana tenha uma compreensão correta a respeito desse tema tão delicado e de extrema importância para fé cristã. Já na última seção se discorre sobre os danos que os falsos ensinamentos a respeito do Jesus humano podem causar à fé de crentes não alicerçados na Palavra e cita-se alguns exemplos de doutrinas heréticas que surgiram no seio do cristianismo.

## 2. A BÍBLIA SAGRADA É A PRINCIPAL FONTE DE CONHECIMENTO A RESPEITO DA HUMANIDADE DE JESUS

A Bíblia apresenta evidências robustas da humanidade de Jesus, revelando-nos que ele teve um nascimento humano e uma genealogia humana. Já no Gênesis o anúncio da humanização de Jesus estava presente. Eurico Bergistén (2011) ao falar do nascimento de Jesus, destaca que no dia da queda, quando Deus prometeu o Redentor, também revelou como Ele viria a este mundo. “E porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gênesis 3:15 - ARC).

Bergistén (2011) declara ainda, que é impossível explicar este milagre em termos biológicos, mas que o médico Lucas registrou este acontecimento extraordinário em seu evangelho com fé e convicção, sem deixar uma sombra de dúvida. Ainda no primeiro livro da Bíblia, está registrado o pacto de Deus com Abraão de lhe abençoar os descendentes e todos os povos da terra através do seu descendente maior: Jesus Cristo, o que aponta para a sua vinda a esta terra a fim de pagar o preço da redenção da humanidade. Também o cordeiro que substituiu Isaque quando ia ser sacrificado por seu pai Abraão simbolizava o Filho de Deus encarnado que tomaria o lugar do pecador na cruz.

Por toda a Escritura Sagrada, do Antigo ao Novo Testamento o Jesus humano está presente. No Antigo Testamento há muitas profecias que trazem revelações sobre a vinda do Filho de Deus a este mundo, mostrando vários aspectos de sua vida nesta terra: seu nascimento virginal (Isaías 7:14), seu ministério terreno (Isaías 61:1), sua morte (Salmo 22). Em João 5:46 (ARC) Jesus afirmou estar no Antigo Testamento quando se dirigiu a um grupo de religiosos que não criam que as escrituras judaicas falavam a respeito dele. Jesus proferiu as seguintes palavras: “Porque, se vós crêsseis em Moisés, crerieis em mim, porque de mim escreveu ele”.

No dia em que ressuscitou enquanto conversava com dois de seus discípulos a caminho de Emaús, Jesus também falou de sua presença no Antigo Testamento: “Então, iniciando por Moisés e discorrendo sobre todos os profetas, explicou-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras”. (Lucas 24:27 - KJA). O profeta que mais falou sobre a vida do Messias foi Isaías. No capítulo 53 de seus escritos ele fornece uma descrição pormenorizada acerca do sofrimento do Servo de Deus, identificando-o como o Messias que levaria os pecados do povo. O Novo Testamento cita mais essa parte da Escritura do que qualquer outra do Antigo Testamento.

A cidade de Belém da Judéia foi apontada através da profecia de Miquéias como o local de nascimento do Messias: “E tu, Belém Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade” (Miquéias 5:2 - ARA). Já sua humildade e realeza foram retratadas através do profeta Zacarias: “Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém, eis aí

vem o teu Rei, justo e salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta”. (Zacarias 9:9 - ARA)

O capítulo dois do livro do profeta Daniel através da interpretação do sonho de Nabucodonosor lança luz sobre a ‘plenitude dos tempos’, o momento perfeito para vinda do Messias. O monarca viu em seu sonho uma estátua feita de vários materiais que representavam os reinos que dominariam o mundo até o estabelecimento do Reino do Messias, representado pela pedra que despedaçou a estátua. As profecias aqui expostas e muitas outras registradas na Bíblia Sagrada apresentam detalhes, acontecimentos e informações a respeito do Filho de Deus encarnado, mostrando que o Antigo Testamento apontava firmemente para vinda do Messias Prometido.

No Novo Testamento os evangelhos de Mateus e Lucas narram o início da história da humanidade de Jesus a partir da visita do anjo Gabriel a jovem Maria, moradora da pequena vila de Nazaré. Os registos dos evangelistas revelam também que na noite de seu nascimento em Belém da Judéia apareceu uma multidão de anjos no céu, glorificando ao Senhor pela maior dádiva de Deus à humanidade: o Menino Deus – Salvador do mundo.

Os quatro evangelistas anunciam o Jesus homem, falando de sua família e origem, mostrando acontecimentos de sua vida aqui na terra; revelando seus sentimentos, emoções e sofrimentos. A Palavra de Deus o apresenta como um homem real que comia, bebia, se alegrava, sentia dor, que foi tentado, porém nunca cedeu à tentação e experimentou a morte física.

A Bíblia apresenta Jesus em sua humanidade como um ser tríplice, com espírito, alma e corpo, assim como os demais seres humanos. O evangelista Lucas fala do seu espírito “Então, Jesus bradou com voz forte: “Pai! Em tuas mãos entrego o meu espírito”. E havendo dito isto, expirou” (Lucas 23.46 – KJA).

Há na Bíblia a expressão “Espírito de Cristo”, que não se refere ao espírito humano do Senhor – diz respeito a um dos nomes do Espírito Santo. Contudo, ao se fazer homem, Jesus passou a ter, evidentemente, um espírito, como lemos em Lucas 23.46: “E, clamando Jesus com grande voz, disse: Pai, na tua mão entrego o meu espírito”. Ao entregar o seu espírito ao Pai, Jesus cumpriu sua missão na terra. quando isso aconteceu, ele, fisicamente, estava morto; o seu espírito voltara a Deus, sendo “mortificado, na verdade, na carne”. (Silva, 2020, p.122)

Isaiás fala da alma de Jesus, ele diz: “O trabalho da sua alma ele verá, e ficará satisfeito [...]” (Isaiás 53.11 – ARC). O profeta mostra que Jesus entregou todo o seu ser, espírito, alma e corpo pelos pecados da humanidade. O salmista Davi declarou que a alma de Jesus não seria deixada no Hades (Sl 16.10). Silva refere-se a alma de Cristo, assim: Durante a sua vida terrena, o Senhor Jesus tinha uma alma – que é o centro das emoções humanas – ligando ao seu corpo tanto a parte psíquica como a somática. Por isso, ele sentiu pavor e angústia (Mc 14.33), indignação (M10.14), compaixão (Mt 9.36) e agonia (Lc 22.44), além de chorar (Jo 11.35) e se perturbar (Jo 12.27). (Silva, 2020, p.122)

Sobre o corpo físico de Jesus em diversas passagens a Bíblia o menciona. Cristo veio a este mundo como um bebezinho (Lc 2.7), passou pelas fases de desenvolvimento até chegar a fase adulta. Seu corpo tinha limitações e fraquezas: cansaço (Jo 4.6), sede (Jo 19.28), fome (Mt4.2), mortalidade (Lc 23.46). O corpo de Jesus sucumbiu diante da dor e sofrimento, mas ressurgiu glorioso ao terceiro dia, não mais sujeito a dor, fraqueza, doença e morte (Mt 28.9; Lc 24.15,30,39,40). Com este corpo humano perfeito Jesus ascendeu ao céu, está junto do Pai e voltará para buscar sua igreja.

[...] depois da ressurreição ainda era um corpo humano com “carne e osso”. Cristo foi transformado em um corpo perfeito, exatamente o tipo de corpo que teremos quando ele voltar e também fomos ressuscitados dentre os mortos. Jesus continua a existir nesse corpo humano no céu, tal como a ascensão teve o propósito de ensinar. (Grudem, 2023, p. 341)

A Palavra de Deus revelada à humanidade oferece ao cristão o alicerce para sua fé no Cristo encarnado. Ela não é simplesmente verdadeira, é a própria verdade, digna de toda aceitação. Assim afirma Wayne Grudem: “A Bíblia é a Palavra de Deus, e é a Palavra de Deus que acaba definindo o que é verdadeiro e o que não é: a Palavra de Deus é a própria verdade”. (Grudem, 2023, p. 56)

O Jesus da Bíblia viveu nessa terra, é um personagem histórico, N. T. Wright em seu livro *Simplesmente Jesus* (2020, p.27) ao falar da figura histórica de Jesus, declara que se deve entrar dentro dos evangelhos, a fim de se descobrir o Jesus que retratam desde o início.

Jesus Cristo é o homem mais influente de toda a história da humanidade, porém, no dizer da teologia evangélica, tanto erudita quanto popular, mesmo que instintivamente enfatiza a deidade de Cristo, não dando a merecida atenção a sua humanidade. E, ainda, na opinião desse autor o Novo Testamento quando trata da obediência e ministério cotidianos de Jesus coloca em maior destaque sua humanidade. (Ware, 2023, p. 47)

## 2.1. O Exemplo Dos Bereanos

A cidade de Beréia é mencionada apenas duas vezes nas Sagradas Escrituras, ambas as vezes no livro de Atos. No entanto, os moradores dessa cidade deixaram um exemplo belíssimo com relação ao estudo da Palavra, que mesmo após centenas de anos continua palpitante e serve de inspiração para igreja. O que Lucas escreve sobre os judeus bereanos é muito interessante: “Ora, estes de Beréia eram mais nobres que os de Tessalônica; pois receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim”. (Atos 17:11 - ARA)

O escritor de Atos compara a reação dos judeus de Beréia com a reação dos judeus de Tessalônica diante da pregação do evangelho. Os bereanos ao ouvirem a pregação de Paulo consideraram a possibilidade de ele estar falando a verdade, por isso verificavam se o que o apóstolo ensinava estava de acordo com as Escrituras. Os bereanos receberam com avidez e seriedade a Palavra de Deus, voltando suas mentes e corações para os ensinamentos de Paulo, não

resistindo à mensagem do Evangelho. Nessa atitude vê-se a nobreza desses judeus, mencionada pelo autor do terceiro evangelho.

Fica claro que não foi apenas pelo ato de checarem nas Escrituras o que lhes era ensinado que Lucas inspirado pelo Espírito Santo os qualificou como nobres, mas também por sua disposição e interesse em ouvir a verdade. Sobre isso escreve Matthew Henry:

Eles nem prejudicaram a causa, nem foram embora com inveja dos administradores dela, como os judeus em Tessalônica o fizeram, mas muito generosamente deram tanto a ela como a eles uma justa audiência [...]. Eles não fizeram querelas com a palavra, nem encontraram defeito, nem procuraram ocasião contra os pregadores dela; mas deram-lhe boas-vindas, e colocaram uma construção cândida sobre tudo o que foi dito. Nisso eles eram mais nobres do que os judeus em Tessalônica. (Henry, 1989, p. 179)

A postura zelosa dos bereanos diante do ensino da Palavra de Deus é digna de ser imitada e serve de exemplo para o crente dos dias atuais, que deve examinar e manter-se fiel à Palavra de Deus assim como os irmãos de Beréia. Isso aplica-se ao tema em estudo nesta pesquisa, pois quando se trata da humanidade de Jesus muitas dúvidas surgem, por isso é necessário ter a mesma atitude dos bereanos diante do estudo dessa doutrina tão importante para a fé cristã.

### **3. O ESPÍRITO SANTO AUXILIA O CRISTÃO A TER UM MELHOR ENTENDIMENTO ACERCA DA HUMANIDADE DE JESUS**

Compreender que Deus veio a este mundo, viveu no corpo de um homem sem comprometer sua essência e identidade divina é muito complexo para a mente humana. A Bíblia declara que “o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura e não consegue entendê-las porque se discernem espiritualmente” (1 Co. 2:14 – ARC). Paulo nesta passagem não retira do cristão a possibilidade de compreender as coisas espirituais, pelo contrário, aponta a solução: as coisas do Espírito de Deus se discernem espiritualmente.

Jesus, certa vez, perguntou a seus discípulos quem os homens pensavam ser ele. As respostas mostraram que os contemporâneos do Mestre não sabiam quem ele era. A seguir, o Senhor fez o questionamento diretamente aos seus doze discípulos, foi quando Pedro afirmou ser Jesus o Cristo, Filho do Deus vivo. Diante da resposta dada por Simão Pedro, Jesus ressaltou que este havia respondido acertadamente, porque o Pai lhe havia revelado. Verifica-se nesse episódio exatamente o que Paulo ensinou aos coríntios acerca da compreensão das coisas espirituais.

A pergunta “quem é este homem chamado Jesus?”, ecoa ao longo dos séculos, e tantas respostas errôneas e heréticas surgem, baseadas meramente no conhecimento humano. Mas o crente fiel tem o auxílio do Espírito Santo que testifica em seu coração a respeito de Jesus, e assim não será confundido. O evangelista João, declara: “Nisto conhecereis o Espírito de Deus: todo espírito

que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus [...]” (João 4:1,2 – ARC). Ressalte-se que para a maioria das seitas Jesus é um espírito iluminado e não o Deus encarnado.

O homem natural é incapaz de compreender o milagre da encarnação de Jesus. Deus ter-se feito carne, para pagar a dívida do pecador é um grande mistério, e, ao mesmo tempo um dos principais fundamentos da doutrina cristã, que precisa estar arraigado na mente e coração do crente de forma correta, assim como descreve Joel Leitão de Melo:

Para resolver nosso problema de salvação, ele precisou ser um homem como os outros, exceto no pecado. Assim tomou a nossa natureza, para sofrer pelos nossos pecados e cumprir a exigência da Justiça. Com o que ele sofreu na carne, abriu caminho para Deus, sua obra foi classificada como reconciliação entre o pecador e Deus. (Melo, 2023, p. 22)

É preciso fé para compreender tudo que envolve a humanidade de Jesus: a maneira como foi concebido, seu nascimento virginal, as duas naturezas, seu esvaziamento, o fato de nunca ter pecado, “Pela fé, entendemos...” (Hebreus 11:3a – ARC).

Deus revelou através de Isaías a maneira como ocorreria a concepção de Jesus. O profeta assim escreveu: “Portanto, o mesmo Senhor vos dará um sinal: eis que uma virgem conceberá, e dará à luz um filho, e será o seu nome Emanuel”. (Isaías 7:14 – ARC). O milagre aconteceu tal qual anunciado pelo profeta séculos antes. Diante do sobrenatural o escritor Philip Yancey, limita-se a destacar a humildade do Criador do universo.

O Deus que veio à terra não veio num redemoinho arrasador, nem num fogo devorador. O Criador de todas as coisas encolheu-se além da imaginação, tanto, tanto, tanto que se tornou um óvulo, um simples ovo fertilizado, quase invisível, um óvulo que se dividiria e se redividiria até que um feto fosse formado, expandindo-se célula por célula dentro de uma irrequieta jovem. (Yancey, 2004, p.32). Ainda falando da humildade de Jesus, Yancey, declara:

O Deus que trovejava, que podia movimentar exércitos e impérios como piões num tabuleiro de xadrez, esse Deus apareceu na Palestina como um nenê que não podia falar, nem comer alimento sólido, nem controlar a bexiga, que dependia de uma jovem para receber abrigo, alimento e amor. (Yancey, 2004, p.33)

Como entender a grandeza do milagre da humanização de Jesus: Deus no corpo de um homem? Para criatura humana é impossível. No entanto, o Espírito Santo ajuda a entender os mistérios de Deus “Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito; porque o Espírito a todas as coisas prescruta, até mesmo as profundezas de Deus” (1Co 2.10 - ARA).

### **3.1. Atuação Do Espírito Santo Na Encarnação Do Verbo**

E assim “o verbo se fez carne e habitou entre nós [...]” (João 1.14 - ARA): Deus tornou-se homem e veio viver no meio da humanidade. Foi gerado no ventre de uma mulher através da ação do Espírito Santo, sem a participação de um pai humano, assim como relatado no terceiro

evangelho “Respondeu-lhe o anjo: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso, também o ente santo que de ti há de nascer será chamado Filho de Deus” (Lucas 1: 34, 35 - ARA).

Grudem (2023) ressalta que todos os seres humanos receberam como herança de seu primeiro pai Adão, a culpa legal e uma natureza moral corrompida; com Jesus, porém, foi diferente porque ele não teve um pai humano. A descendência de Adão foi interrompida nele, sendo assim, não descende do primeiro homem criado da mesma forma que os demais seres humanos, por isso a culpa legal e a corrupção moral impregnada na raça humana não pertencem a Cristo.

O Espírito Santo nas palavras de César e Céfora é o fio condutor de todo o processo da encarnação. Estes autores destacam que é preciso reconhecer de forma correta o papel da terceira pessoa da trindade na concepção de Jesus a fim de que se evite heresias. Eles descrevem como entendem a atuação do Espírito Santo na concepção de Jesus.

[...] “é o Espírito que, ao atualizar em Maria sua capacidade feminina de conceber”, ou seja, fornecendo os “23 cromossomos masculinos” necessários para a concepção, “suscita o ser humano que se une ao Verbo-Filho e, por isso mesmo, o faz ‘santo’. De maneira que Jesus é Emanuel, Deus conosco, porque ele é (concebido) pelo Espírito Santo”. [...]. (Carvalho; Carvalho, 2022, p.1307)

### 3.2. As Duas Naturezas De Jesus

O nome Emanuel traz intrínseco as duas naturezas de Jesus: humana e divina. Este é um mistério razão de muitos embates teológicos desde os primeiros passos da igreja. Porém a Bíblia ensina com clareza acerca da plena divindade e plena humanidade de Jesus.

Porque há um só Deus, e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem” (1Tm 2.5). Jesus Cristo é o eterno e verdadeiro Deus e ao mesmo tempo o verdadeiro homem. Tornou-se homem para suprir a necessidade dos seres humanos. O termo EMANUEL, que o próprio escritor sagrado traduziu por “DEUS CONOSCO” (Mt 1.23), mostra que Deus está como homem e entre os homens: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, [...]” (Jo 1.14). O ensino da humanidade de Cristo, no entanto, não neutraliza a sua divindade, pois ele possui duas naturezas, a humana e a divina, o que está claramente expresso no seu nome EMANUEL. (Soares, 2008, p. 104, 105)

Em seus escritos o apóstolo Paulo destacou a doutrina da união hipostática (vocábulo utilizado para designar a união entre as naturezas humana e divina na Pessoa única de Cristo), apresentando Jesus como totalmente divino e totalmente humano: “Porque há um só Deus e um só Mediador entre Deus e o ser humano, Cristo Jesus, homem”. (1 Timóteo 2.5 – KJA).

Grudem definiu resumidamente o ensino bíblico sobre as duas naturezas de Jesus da seguinte maneira: Jesus Cristo foi plenamente Deus e plenamente homem em uma só pessoa e assim o será para sempre. (Grudem, 2009). Realmente, entender que Jesus viveu como homem sem deixar de ser

Deus é uma questão que desafia a sabedoria terrena. A maior dificuldade consiste na forma como essas duas naturezas se relacionavam. Entre os teólogos a discussão maior gira em torno dos atributos naturais da divindade e das limitações de Jesus enquanto homem.

[...]. Sendo igual a Deus em seus atributos, pôde administrar sem nenhum empecilho as naturezas divina e humana. As expressões ditas por ele que expressam certas limitações estão ligadas à sua humanidade. Mas quando preciso, ele fez valer os seus atributos divinos. Quando Jesus disse: “Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, senão o Pai” (Mc 13.32), fê-lo como Homem, não se valendo do seu atributo divino da onisciência. Ao dizer “nem o Filho”, expressou a sua humilhação e o seu esvaziamento, decorrentes de sua encarnação (Fp 2.6-8). (Silva, 2020, p.129).

Esclarecer em definitivo a relação das duas naturezas de Cristo não é possível para o intelecto humano, mas este ensino é apresentado no texto sagrado mediante muitas referências bíblicas. Para compreendê-lo melhor, é necessário a junção da revelação e da explicação. (Chagas, 2014, p. 164)

Os teólogos conservadores seguindo adotam o pensamento do Esvaziamento de Privilégios – ensino segundo o qual Jesus renunciou a manifestação visível da sua glória (Jo 17.5) e o exercício independente de seus atributos divinos (Jo 5. 19,30; 6.38-40; 12.49; 14.10). Esta é a compreensão da teologia conservadora concernente às palavras de Paulo “Tende em vós o mesmo sentimento que ouve em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana”. (Filipenses 2.5-7 – ARA)

Quanto ao fato de Jesus nunca ter pecado cita-se os escritos de César e Céfora Carvalho.

Aqui cabe explicar um ponto que ainda suscita algumas polêmicas em determinados meios cristãos, que é a relação entre Jesus e o pecado. Alguns teólogos, no intento de parecerem mais conservadores e piedosos que os outros, afirmam que Jesus possuía o dom da “impecabilidade”, ou seja, não podia pecar, pois era Deus e nele o pecado não podia existir. O grande problema dessa afirmação, que de longe até pode parecer correta, é que ela ignora os aspectos humanos de Cristo [...]. a Bíblia afirma que Jesus, ‘como nós, em tudo foi tentado’ (Hebreus 4:15), portanto podia, sim, pecar, embora não o tenha feito. É a isso, não a uma suposta incapacidade de pecar, que Paulo se refere em 2 Coríntios 5:21. [...] e, é importante destacar, isso foi possível porque ele foi um homem cheio do Espírito Santo. (Carvalho; Carvalho, 2022, p. 1305)

O fato de Deus ter se manifestado de forma plena à humanidade através do homem Jesus é tão grandioso que a criatura humana só consegue compreender através do Espírito Santo. Nunca por mais sábio que alguém seja será capaz de definir Jesus ou encaixá-lo dentro de um conceito. Somente a sabedoria humana de nada valerá para compreender as coisas espirituais. Atente-se para o que dizem os autores da Teologia Sistemático-Carismática.

Definir nosso Senhor Jesus Cristo é um exercício não só complexo, mas impossível. Muitos teólogos creem ser possível dar conta de toda complexidade de Cristo por meio de divisões cada vez mais detalhadas e complexas de seus títulos, atributos e feitos. [...] as limitações humanas de conhecimento, linguagem e até mesmo existência – [...] – nos impedem de definir Deus de forma precisa. (Carvalho; Carvalho, 2022, p.1296)

Aliás, aqueles que vão além do que as Sagradas Escrituras revelam, acabam adentrando o campo da heresia. O Pai em sua infinita sabedoria revelou aos seus servos através de sua Santa Palavra o suficiente para que a criatura na sua pequenez e limitações pudesse compreender por meio da fé o divino habitando no humano.

Jesus é a expressão plena de Deus, dentro das possibilidades do que pode ser revelado na realidade finita, ou seja, para caber em nossa inteligibilidade humana, mas também é a expressão plena do que o homem deveria ser. Esse dualismo paradoxal deve ser aceito mediante a fé [...], as diversas tentativas de explicar de forma definitiva e teórica a questão das duas naturezas de Cristo levaram muitos teólogos ao campo das heresias (Carvalho; Carvalho, 2022, p. 1299)

Contudo, enquanto há estudiosos que tentam a qualquer custo esgotar o tema da humanidade de Jesus, há também aqueles que apesar de terem um vasto cabedal de conhecimento, admitem suas dificuldades e limites no que diz respeito ao entendimento do Deus Homem, compreendendo que sua busca não deve ser apenas baseada na sapiência humana, mas principalmente ser norteadada pelo Espírito Santo. Severino Silva na Teologia Sistemática Pentecostal, assim se refere quanto a isso:

Alguns estudiosos encontram dificuldades para entenderem a combinação da divindade e da humanidade de Jesus Cristo. A maturidade cristã, o andar com Deus e a livre ação do Espírito Santo são vitais. Este assunto, evidentemente, é mais ligado ao campo da revelação do que mesmo o da explicação. Contudo, quando bem analisado do ponto de vista investigativo e teológico, existe uma certa facilidade de ser entendido pela mente natural. [...]. (Silva, 2020, p.128)

Tal atitude é válida para todo servo de Deus que deseja conhecer mais acerca não somente da humanidade de Cristo, mas também de sua Palavra como um todo.

Esta é sem dúvida uma doutrina muito complexa, “para os perdidos é loucura, mas para os salvos é poder de Deus” (1Co 1.18). O homem natural se perde em meio as dúvidas e incredulidade, porém aquele que busca o auxílio do Espírito Santo não se afligirá porque receberá o esclarecimento que lhe trará paz ao coração e a fé para crer no impossível aos olhos humanos “quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda verdade; [...]” João 16.13<sup>a</sup> – ARA).

#### **4. OS FALSOS ENSINOS SOBRE A HUMANIDADE DE JESUS**

A Bíblia ensina tanto acerca da divindade de Jesus, quanto acerca da sua humanidade, “Nisto conhecereis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus” [...] (1João 4.2,3a – ARC). Porém já nos primórdios da igreja começaram a surgir entre os cristãos ensinamentos heréticos acerca das duas naturezas de Cristo.

Essa negação da humanidade de Cristo era tão grave, que João chegou a dizer que é uma doutrina do anticristo [...]. o apóstolo João entendia que negar a verdadeira humanidade de Cristo era negar uma doutrina fundamental ao cristianismo. Quem negasse que Jesus Cristo não veio em carne não era enviado por Deus. (Grudem, 2023, p.347)

Esta é uma doutrina basilar para fé cristã, seu correto estudo não pode ser negligenciado. Não tem como existir salvação sem a encarnação de Jesus, o cristão precisa ter um entendimento correto a respeito dessa verdade, caso contrário poderá comprometer sua salvação.

Era imprescindível que o Filho de Deus fosse plenamente homem, só assim poderia cumprir seu papel messiânico e conquistar a salvação para a humanidade “Porque há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem, o qual se deu a si mesmo em preço de redenção por todos, para servir de testemunho a seu tempo” (1 Timóteo 2. 5,6 – ARC).

Jesus é único e incomparável, plenamente Deus e plenamente homem. Igual a ele nenhum outro homem viveu ou viverá neste planeta. Seu nascimento foi tão impactante que dividiu a história da humanidade ao meio, e assim se diz: antes e depois de Cristo. Nenhuma conquista humana trouxe tantas bênçãos para a humanidade como o nascimento de Jesus.

Richard Nixon empolgou-se em 1969 quando os astronautas da Apollo pousaram pela primeira vez na lua. “É o maior dia desde a criação!”, exclamou o presidente, até que Billy Graham solenemente o lembrou do Natal e da Páscoa. [...]. Este galileu, que em vida falou a menos pessoas do que as que lotariam apenas um dos muitos estádios que Graham lotou, mudou o mundo mais do que qualquer outra pessoa. Ele apresentou um novo campo de força histórica, e agora mantém segura a fidelidade de um terço de todas as pessoas da terra. (Yancey, 2004, p.15)

A doutrina de Cristo ao longo da história do cristianismo sempre foi muito atacada. Todos os fatos referentes a pessoa de Jesus, sua concepção milagrosa, seu nascimento virginal, a maneira como viveu, seu ministério, os milagres que realizou, sua morte e ressurreição, tudo que se refere a Cristo sempre foi alvo de questionamentos que geraram embates e discussões, originando ensinamentos heréticos sobre vários aspectos de seu ser, principalmente suas duas naturezas.

Sendo o foco desta pesquisa o Jesus homem, destacar-se-á aqui três heresias que negavam a vinda de Cristo em carne a este mundo, são elas: docetismo, apolinarismo e o eutiquianismo.

#### 4.1. Docetismo

Docetismo, do grego *dokein*, significa “parecer”, foi uma heresia que ensinava que Jesus apenas parecia ter um corpo, não era encarnado. Para os docetistas Jesus era um ser fantasmagórico, Os docetistas viam a matéria como essencialmente má e a substância espiritual essencialmente boa, dessa maneira não concebiam a ideia de um Deus puro e santo assumir uma forma corpórea pecaminosa.

A concepção docetista, ao negar que Jesus não tinha um corpo real, retira do evangelho suas verdades basilares: a morte sacrificial do Messias na cruz e sua ressurreição. Veja-se que sem um

corpo físico Jesus não poderia morrer, tampouco ressuscitar. Sendo assim sua ascensão também não teria acontecido. A salvação da criatura humana só é possível porque Jesus se humanizou, morreu e ressuscitou, “E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados” (1 Coríntios 15.17).

João declarou que aqueles que negam que Jesus Cristo veio em carne eram anticristos, “E todo o espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anticristo” (1 João 4.3 – ARC).

É interessante mencionar que Jesus diante do espanto de seus discípulos ao vê-lo ressurreto quis mostrar-lhes que não estavam diante de um fantasma: “Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; tocai-me e vede, pois, um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho”. (Lucas 24.39 - ARC).

Este falso ensino nega totalmente a verdade bíblica acerca da humanidade de Jesus, por isso deve ser rejeitado. Tudo que Jesus fez e envolve sua vida é real.

#### 4.2. Apolinarismo

A partir 361, surge o Apolinarismo negando a plena humanidade de Jesus – apresentando um Cristo híbrido. Apolinário, bispo de Laodicéia, passou a ensinar que Jesus tinha um corpo humano, mas mente e alma divina, dando origem à falsa doutrina denominada de Apolinarismo.

De acordo com esse falso ensino, Jesus ter uma mente humana o tornaria suscetível ao pecado. Isso porque tendo o espírito humano livre arbítrio, pode fazer escolhas o que o leva a pecar, então segundo a tese de Apolinário a mente de Cristo não poderia ser humana, pois o levaria a uma vida de pecado, somente com uma mente divina ele seria perfeito e sem pecado. Esta heresia desqualifica Jesus para ser o Salvador da humanidade, contrariando o que diz a Palavra do Senhor: “Pelo que convinha que, em tudo, fosse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote naquilo que é de Deus, para expiar os pecados do povo” (Hebreus 2.17 – ARC).

Assim como o docetismo, o apolinarismo também compromete a redenção e a salvação da humanidade, este último porque distorce a doutrina da encarnação e recusa a plena humanidade de Jesus, afirmando que ele somente detinha um corpo humano, porém sua alma era divina.

As ideias de Apolinário foram rejeitadas pelos líderes da igreja. Eles perceberam que não somente o corpo humano necessitava de redenção; a mente e o espírito (espírito + alma) humanos também. Nesse caso, Cristo tinha de ser plena e verdadeiramente homem a fim de nos salvar de modo igualmente pleno [...]. (Silva, 2020, p.127)

### 4.3. Eutiquianismo

Quanto ao Eutiquianismo, Silva escreve: “A ideia do eutiquianismo acerca de Cristo é chamada de monofisismo – ideia de que Cristo possuía uma só natureza (gr. monos, “uma”, e physis, “natureza”).” (2020, p. 126)

O Eutiquianismo surge através de Êutico, como resposta ao nestorianismo – ensino herético que defendia a ideia de que Cristo tem duas naturezas separadas, resultando em duas pessoas diferentes residindo no mesmo corpo –. Porém, Êutico, acabou se perdendo em sua refutação e incorreu também no caminho da heresia.

Resumidamente a ideia defendida pelo eutiquianismo era de que a humanidade de Jesus havia sido absorvida pela sua divindade, originando uma terceira natureza que seria o resultado da combinação do humano com o divino a qual em sua essência não seria nem humana nem divina.

Êutico asseverava que a natureza humana de Cristo foi tomada e absorvida pela divina, de modo que ambas foram mudadas em algum grau, resultando em uma “terceira natureza”. Uma analogia ao eutiquismo pode ser vista quando pingamos uma gota de tinta em um copo de água. A mistura resultante não é nem pura tinta nem pura água, mas uma terceira substância. (Silva, 2020, p. 127).

Esta doutrina ensinava erroneamente que Cristo tinha apenas uma natureza, se assim o fora ele não poderia ter sido o substituto perfeito e expiado o pecado da humanidade, “ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus.” (Romanos 3.25 ARC)

A igreja nunca se calou diante das heresias que surgiram no decorrer de sua caminhada. Que seja esta a postura de todo cristão piedoso, mas para tanto é preciso conhecimento das Santas Escrituras e buscar a orientação do Espírito Santo.

## 5. RESULTADOS DA PESQUISA

A metodologia utilizada no desenvolvimento desse trabalho foi a análise bibliográfica de autores que abordam o tema em estudo, bem como consulta à diferentes edições e versões da Bíblia Sagrada, norteadas pelos padrões do método hipotético-dedutivo, visando apontar a Palavra de Deus como o alicerce para fé no Cristo encarnado, assim como esclarecer que o Espírito Santo auxilia o cristão a entender esse ensino tão grandioso, além de alertar acerca de falsos ensinamentos que confrontam a doutrina da humanização de Cristo.

Na segunda seção foram feitas várias citações para mostrar o milagre da humanização de Jesus, que já no Gênesis aparece como a Semente da Mulher (Gn 3.15). Foram citadas algumas passagens que revelam vários aspectos de como o Filho de Deus viria e viveria nessa terra. Objetivou-se com isso mostrar que a Bíblia Sagrada é a maior e, sem dúvida a mais segura fonte de

informações a respeito da doutrina da humanidade de Jesus. O Antigo Testamento e o Novo Testamento testificam a respeito de Cristo.

Na terceira seção foi esclarecido que a questão da humanização de Jesus, apesar de ser um mistério, pode ser sim, analisada, mas nunca tão somente pela ótica humana. Ressaltou-se a necessidade do auxílio do Espírito Santo para melhor compreensão dessa doutrina tão importante e fundamental para fé cristã. É fato que tantas distorções acerca das verdades sagradas acontecem porque as pessoas se estribam no seu próprio conhecimento, falho e limitado.

A última seção (tópico 4) tratou do perigo dos falsos ensinamentos acerca do Jesus humano e dos danos que podem provocar na vida do cristão. Além disso, ainda que sucintamente, se discorreu sobre o docetismo, apolinarismo e eutiquianismo, ensinamentos heréticos que confrontavam a verdade bíblica acerca da humanidade de Cristo. Observou-se que os falsos ensinamentos começaram a surgir no seio da igreja desde o início de sua trajetória, mas sempre foram combatidos por homens tementes a Deus e fiéis a sua Palavra.

Na atualidade o povo de Deus não está livre desses ataques, aliás, com o advento da internet e o avanço tecnológico, os falsos ensinamentos se propagam muito rapidamente. Muita heresia surge a respeito da pessoa de Cristo a todo momento, não é exagero dizer que no decorrer dos séculos tem sido assim. Isto é de uma seriedade tremenda, todo servo de Deus deveria olhar por essa ótica e dar prioridade ao estudo da Palavra.

Matthew Henry, destaca a disposição dos bereanos com relação ao estudo da Palavra. Deixa-se aqui uma percepção concernente aos bereanos: não eram eles críticos ferrenhos da Palavra, nem tampouco críticos doutrinários, Lucas os chama de nobres pela sua postura de consultar nas Escrituras o que lhes estava sendo ensinado. Naqueles primeiros passos da igreja já existiam tantos falsos mestres ensinando heresias, assim como nos dias atuais, por isso a nobreza dos bereanos se faz necessária.

Em seu livro “Jesus Cristo, Homem”, Bruce Ware, afirma que o povo evangélico entende melhor o Jesus divino. No prefácio dessa obra ele demonstra o desejo de que Jesus seja honrado também pela sua humanidade. Verificou-se que este pensamento não é um ponto de vista isolado de Ware, mas também é defendido por outros estudiosos, assim como Daniel L. Akin, que ao comentar o livro de Ware alerta que mesmo os evangélicos que creem nas Escrituras como a Palavra de Deus inerrante correm o risco de enfatizar a deidade de Jesus e dar pouca importância à sua humanidade. (Ware, 2013)

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando do início desse estudo foi verificado a dificuldade de muitos crentes entenderem o ensino bíblico acerca do aspecto humano da vida de Jesus. Diante desse fato, iniciou-se uma busca para se averiguar até que ponto esse desconhecimento pode ser prejudicial para fé desses irmãos.

Dessa forma, foi colocado como objetivo geral desse trabalho mostrar através dos Escritos Sagrados que somente com um corpo humano, o Filho de Deus, poderia cumprir sua missão redentora na cruz.

Três objetivos específicos foram estabelecidos, sendo que o primeiro visava incentivar o estudo acerca da humanidade de Jesus tendo como principal fonte de fundamentação as Escrituras Sagradas. Já o segundo objetivo pretendeu esclarecer que a realidade da humanização de Jesus pode ser mais bem entendida com o auxílio Espírito Santo. O terceiro objetivo apontou para o perigo que os falsos ensinos representam para a fé de cristãos não alicerçados na Palavra.

A hipótese levantada como possível causa do problema exposto nessa pesquisa expressa que o desconhecimento do ensino bíblico, a limitada mente humana e, ainda o fato de ser a doutrina da Humanidade de Jesus mais ligada ao campo da revelação do que da explicação, faz com que muitas pessoas tenham dificuldade de compreender tão maravilhoso ensino.

Os pontos abordados como possível causa do problema foram confirmados, outrossim, é necessário frisar que o milagre acerca da humanidade de Cristo vai além do conhecimento humano, jamais ninguém conseguirá descrever em palavras ou explicá-lo de maneira finita. Porém o Espírito Santo ilumina a mente daquele que busca com sinceridade e temor as grandezas de Deus de modo que sua alma seja satisfeita e sua fé fortalecida.

E por fim, como este é um tema muito abrangente que envolve aspectos relacionados a um determinado público, sugere-se uma pesquisa de campo com a aplicação de questionários, ou realização de entrevistas para se ter noção do nível de conhecimento do público-alvo a respeito da doutrina da humanidade de Jesus.

## REFERÊNCIAS

BERGISTÉN, Eurico. **Teologia Sistemática**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2011.

BÍBLIA, **Estudo de Genebra**. 2ª edição. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

BÍBLIA, **Estudo Pentecostal**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1995.

BÍBLIA, **King James Atualizada**. 1edição. Rio de Janeiro: Abba Press, 2019.

CARVALHO, César Moisés; Carvalho, Céfora. **Teologia sistemático-carismática**: vol. 2: a conexão pneumática entre as principais doutrinas da fé cristã. 1ª edição. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.

CHAGAS, José Roberto O. **Curso básico de capacitação teológica**. 3ª edição. Campo Grande: Kenosis, 2014.

GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática ao Alcance de Todos**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática Atual e Exaustiva Nova Edição com Índices**. Edição revisada 2009. Miami – Florida.

MELO, Joel Leitão de. **Sombras, Tipos e Mistérios da Bíblia**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2023.

SILVA, Severino Pedro da. **Teologia Sistemática Pentecostal – Cristologia**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2020.

SOARES, Esequias. **Cristologia a doutrina de Jesus Cristo**. 1ª edição. São Paulo: Hagnos, 2008.

WARE, Bruce. **Cristo Jesus, Homem**: reflexões teológicas sobre a humanidade de Jesus. 1ª edição. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2013.

WRIGHT, Nicolas Thomas. **Simplesmente Jesus**; tradução de Elissamai Bauleo. – 1ª edição. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

YANCEY, Philip. **O Jesus que eu nunca conheci**; tradução Yolanda M. Krievin. São Paulo: Editora Vida, 2004.

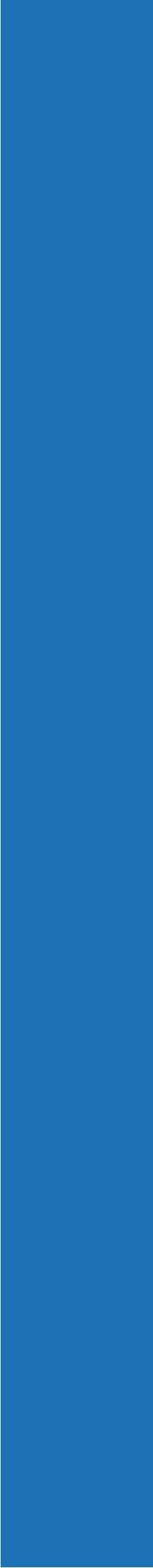


## *Capítulo 4*

---

# **A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NA IGREJA COMO PROCESSO TRANSFORMADOR**

Lindomar Magno Piris



## A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NA IGREJA COMO PROCESSO TRANSFORMADOR

### THE IMPORTANCE OF MUSIC IN THE CHURCH AS A TRANSFORMATIVE PROCESS

*Lindomar Magno Piris<sup>1</sup>*

#### RESUMO

O presente trabalho abordou a temática da 'Importância da Música na Igreja Como Processo Transformador' acentuado pelos resultados de uma pesquisa de campo e de referência bibliográfica com o objetivo de compreender como a igreja evangélica vem enfrentando e superando os desafios de manter a música gospel em seus cultos, identificando os seus elementos históricos mediados pela música sacra nos cultos litúrgicos das igrejas cristãs no Brasil, de modo especial nas bandas e ministérios de músicas que atuam nas dependências dos cultos da igreja evangélica Assembleia de Deus – A Pioneira no Estado do Amapá, resultando assim numa avaliação conceitual de que as três igrejas entrevistadas podem referenciar um bom conceito nos aspectos de - organização, planejamento, liderança e estrutura em termos musicais e bandas, sobretudo por se observar de certo modo uma ascensão desses aspectos, podendo concluir que a música é de fundamental importância para a igreja e que de fato, ela faz parte de um processo transformador de vidas e de salvação de almas na igreja de Jesus Cristo, especialmente nas - Assembleias de Deus, A Pioneira, localizadas nas regiões centrais e periféricas do Estado do Amapá.

**Palavras-chave:** Música Sacra; Igreja; Culto.

#### ABSTRACT

The present work approached the theme of 'Importance of Music in the Church as a Transforming Process' accentuated by the results of a field research and bibliographical reference with the objective of understanding how the evangelical church has been facing and overcoming the challenges of keeping music gospel in its services, identifying its historical elements mediated by sacred music in the liturgical services of Christian churches in Brazil, especially in the bands and ministries of music that work in the premises of the services of the evangelical church Assembly of God - A Pioneira in the State of Amapá, thus resulting in a conceptual evaluation that the three interviewed churches can refer to a good concept in the aspects of - organization, planning, leadership and structure in musical terms and bands, mainly for observing in a certain way an ascension of these aspects, being able to conclude that music is of fundamental importance for the church and that, in fact, it is part of of a process that transforms lives and saves souls in the church of Jesus Christ, especially in the - Assemblies of God, A Pioneira, located in the central and peripheral regions of the State of Amapá.

**Keywords:** Sacred Music; Church; Cult.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Assembleia de Deus - SETAD

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa propõe a reflexão sobre a Importância da Música na Igreja Como Processo Transformador, delimitando-se à realidade das igrejas evangélicas que vivem avanços e percalços existenciais, sobretudo no Estado do Amapá, tendo como objeto de pesquisa a musicalidade gospel nos cultos eclesiais de linha tradicional, pentecostal ou neopentecostal, sendo a linha tradicional a base do processo transformador inserido na vida dos fiéis que congregam na comunidade cristã.

A música, de modo especial em forma de louvor e adoração a Deus, tem preenchido e sustentado a alma da igreja evangélica ao longo dos séculos. Sua importância histórica e cultural sob a ótica da teologia e da igreja aportou um novo entusiasmo na congregação dos irmãos crentes, de modo que inspirou e ainda inspira muitas gerações a vivenciarem a música gospel com um renovado ardor missionário também do ponto de vista litúrgico.

Atualmente, a música sacra, religiosa, ganhou destaque especial nos momentos mais fortes da ação do Espírito Santo, independente de seu estilo, melodia, entonação ou mesmo de seu formato musical. Além disso, é importante ressaltar que especialmente a música evangélica tem transformado muitas vidas humanas a partir de suas diversas formas de expressões (melodia, letra) inspiradas e santificadas dentro de uma visão puramente litúrgica e ao mesmo tempo Cristológica.

Dado o valor transcendental atribuído teologicamente à música para a sustentação da alma da liturgia da igreja evangélica, cabe levantar a seguinte questão problemática: como as igrejas cristãs evangélicas vem se comportando frente aos avanços e percalços de bandas e ministérios da músicas gospel no interior dos cultos e louvores existenciais, tocados de um modo especial, na denominação ‘Assembleia de Deus – A Pioneira, residente no Estado do Amapá?

Seguindo a relevância litúrgica e eclesial da música na igreja, dentre os objetivos, em geral se busca compreender como a igreja evangélica vem enfrentando e superando os desafios de manter a música gospel nos cultos realizados semanalmente e como objetivos específicos, se busca identificar os elementos históricos que ressaltam a importância da música sacra na história litúrgica das igrejas cristãs no Brasil e como caminho metodológico se optou pela pesquisa de campo para levantamento de dados mediante entrevistas e de referências bibliográficas com abordagem quantitativa e qualitativa.

Dentre as hipóteses apontadas, a primeira, consiste no fato de que as igrejas cristãs evangélicas, sobretudo dentro da realidade da Assembleia de Deus – A Pioneira no Estado do Amapá pode buscar incentivar mais os líderes pastores na mobilização dos fiéis, envolvendo as famílias na construção de um projeto de ativação ou reativação de bandas e ministérios musicais, apoiando os músicos na igreja, atendendo as demandas necessárias e proporcionando uma boa

formação musical aos irmãos crentes com foco nas dimensões litúrgica, teológica e pastoral da igreja.

## 2. A HISTÓRIA DA MÚSICA SACRA NO ÂMBITO DA CULTURA JUDAICO- CRISTÃ

O estilo da música gospel cristã firma valores e remonta um período histórico que compreende a música sacra em sentido mais limitado, significando que a música de natureza erudita é inerente à tradição judaico-cristã, mas que também pode ser percebida em seu significado mais amplo, se referindo, conceitualmente a música sacra como toda música executada nas cerimônias de toda e qualquer religião.

Mas, nem todos os pesquisadores concordam com esse mesmo entendimento a respeito do conceito da música sacra. Em geral, de acordo com Santos (2018, p14), a música sacra é conceituada como “musicalidade não profana, criada para animar os sentimentos humanos da natureza do sagrado e da espiritualidade”, ou seja, nem todo autor religioso que compõe determinada letra de uma música necessariamente significa ter os elementos adequados ao reconhecimento enquanto tal.

Ainda de acordo Santos (2018, p.12), “embora toda musicalidade sacra seja de teor espiritual, nem toda composição religiosa é uma canção sacra, isto é, ela deve ter uma aura de santidade”. Senão, evocando o contexto histórico, a autora explica ainda que, para que o uso deste termo (música sacra) pudesse ter sido registrado pela primeira vez na Era Medieval, se precisou concluir que era necessário elaborar uma teoria musical específica para as canções executadas nas celebrações de adoração a Deus, tendo sua expressão mais remota no canto gregoriano como gênero musical de cunho vocal, composto por uma única melodia.

Para Santos (2018, p.122), “a música sempre foi muito presente no culto protestante, e uma das marcas da Reforma foi permitir ao povo participar do serviço litúrgico através do canto coletivo”. Assim, na visão de Lutero, que foi um dos principais reformadores do século XVI e que escreveu sistematicamente vários corais, a música sacra se constituiria em elementos do emprego de valores longos e lentamente escandidos, pelo seccionamento fraseológico, verso por verso, formando cadência, pelo acompanhamento instrumental do órgão.

Na mesma linha raciocínio, a autora acrescenta categoricamente que a música sacra também se forma pela “melodia no soprano em lugar de se situar no tenor, como era costume e por uma execução silábica e articulação simultânea de todas as vozes, a fim de permitir uma nítida compreensão do texto cantado, e complementa afirmando que João Calvino, célebre reformador, privilegiava o uso dos Salmos metrificadas, o texto bíblico era o mais apropriado ao uso litúrgico. (SANTOS, 2018, p. 128).

A visão histórica ensina e mostra as divergências de gostos e opiniões, mas que no fundo, tem uma pitada de hermenêutica teológica, a saber, por exemplo, para João Calvino, havia uma

preferência quanto ao canto congregacional em uníssono e em capela, isto é, àquele hino musical sem acompanhamento instrumental. Já, na concepção contrária, para Lutero, era mais importante aproveitar as várias melodias populares e bastante conhecidas que de certo modo, instrumentalizava a musicalidade evangélica.

Na visão litúrgica de Calvino, seria mais correto insistir no fato de que as melodias deveriam ser criadas especificamente para cada Salmo, evitando assim qualquer associação a músicas profanas durante o serviço litúrgico. Contudo, é oportuno lembrar-se de uma particularidade no que se refere ao evangelismo musical brasileiro que é o fato de que pouco nos foi ensinado ou dado a conhecer desse repertório dos primeiros reformadores. Sendo assim, há de se afirmar categoricamente que:

A herança musical está mais ligada aos hinos produzidos na Era Missionária do século XIX, de tal modo que, ao calor dos movimentos revivalistas de Moody, Spurgeon, Torrey e outros, os chamados hinos evangelísticos, destinados a serem cantados por grandes multidões desde a sua primeira audição, caracterizavam-se por uma extrema simplicidade musical e literária”. (SANTOS, 2018, p.102).

Se a herança musical no seio teológico e litúrgico da igreja evangélica tem raízes históricas no período auge da ‘Era Missionária’, sobretudo desde o período, já chamado de – hino evangelístico, sendo que, logo se faz igualmente importante atentar para o protagonismo musical de seus atores, a exemplo de Moody, Torrey e tantos outros incentivadores que produziram, cantaram e que, portanto, fizeram história no âmbito da musicalidade gospel dos cultos eclesiais de linha tradicional e pentecostal.

O crescente trabalho musical evangelístico na igreja gradativamente se destacava face à sua importância e reconhecimento espiritual e litúrgica por parte dos fiéis e lideranças - pastores, presbíteros evangélicos e assembleia geral dos irmãos crentes, porém, a pesquisa ressalta que a partir dessa análise, sinaliza para a “adoção e sacralização de uma hinologia desvinculada da cultura local, na medida em que se baseia na cultura sacra europeia e norte-americana”, significando dizer que a cultura sacra teria sido desprezada ou desestimulada a criatividade composicional da religiosidade brasileira em diálogo com a tradição reformada.

Santos (2018, p.128), ainda se reporta ao fato de que as diversas denominações religiosas evangélicas que se estabeleceram no Brasil, “usufruíram desse mesmo hinário, e só mais tarde tiveram a preocupação de organizar uma coletânea própria para uso litúrgico”. Assim, ficou comprovado historicamente que “a maioria das coletâneas foram organizadas depois da década de 1920, com exceção dos batistas que em 1891 já tinham o Cantor Cristão, porém, muitas composições foram aproveitadas da edição dos Salmos e Hinos”.

Na concepção histórica de Santos (2008, p.129), “mesmo a denominação que tem sua coleção própria, tem a maioria das composições retiradas dos Salmos e Hinos, fazendo com que esse

repertório seja reconhecido como o da tradição musical evangélica no Brasil”, sendo que a autor chama a atenção para o fato de que, se “ao observarmos as primeiras gravações evangélicas no Brasil, é interessante notarmos que, ao invés de se escrever o título da canção, havia o costume de escrever o número desta nos Salmos e Hinos”.

A autora frisa que ao longo dos anos e com a confecção de diferentes edições desses hinários, composições de autores nacionais foram sendo agregadas, contudo ressalta que sistematicamente é importante considerar que o estilo e temática usados nessas novas composições em nada diferiam das já existentes”, sendo que em termos teológicos e doutrinários, seguiam a linha pietista do evangelismo brasileiro, isto é, o pietismo foi um movimento “oriundo do luteranismo que valoriza as experiências individuais do crente”, sendo que tal movimento surgiu no século XVI, como oposição à negligência da ortodoxia luterana para com a dimensão pessoal da religião, e teve seu auge entre os anos de 1650 e 1800. (SCHALK, 2006, p.15).

Ainda segundo a visão histórica e teológica de Schalk (2006,p.16), “o pietismo combinava o luteranismo do tempo da Reforma Protestante, enfatizando a conversão pessoal, a santificação, a experiência religiosa, diminuição na ênfase aos credos e confissões”, significando que nesse contexto, analisando mais profundamente, havia a necessidade de renunciar o mundo, a fraternidade universal dos crentes e uma abertura à expressão religiosa das emoções.

Para Schalk (2006,p.18) em sua Tese de Doutorado em Ciências Sociais, ao qual realiza uma análise minuciosa nos Salmos e Hinos, principalmente das composições contidas em suas primeiras edições na perspectiva de entender como a mensagem cantada foi responsável pela inserção de determinado tipo de evangelismo no Brasil, destaca algumas observações, a saber: “a valorização da pessoa de Cristo em detrimento das outras pessoas da Trindade, cânticos referentes à confissão de pecados e ao convite para conversão”.

Frisando a questão temática dos cantores e compositores da musicalidade gospel na igreja, seja em linha tradicional ou conservadora, ou seja, seguindo uma linha pentecostal ou neopentecostal, Schalk (2006,p.17) afirmar categoricamente que a maioria dos cantores evangélicos se refere a temas voltados à reflexão de fatos como o “sacrifício expiatório na cruz, acentuando o teor dramático do fato, temas relacionados à vida futura, ao céu, à negação do mundo”, de tal modo que os hinos se dividiram didaticamente em quatro categorias de sua história, a saber, o denominado sistematicamente de: evangelismo pietista; o evangelismo peregrino; o evangelismo guerreiro; e o evangelismo milenarista.

Segundo Santos (2018, p.125), vale ressaltar que esse tipo de “repertório foi cantado e gravado pelos evangélicos brasileiros aproximadamente até a década de 1950”, e acrescenta que esse foi o “momento quando chega ao Brasil às organizações paraeclesiais<sup>2</sup> e num outro viés, o uso do rádio que provocou a necessidade de mais material musical para ser usado nas transmissões”.

Além disso, Santos (2018, p.122) enfatiza que foi “nesse período que começam a aparecer nas igrejas os chamados - corinhos”, expressão no diminutivo que significava a simplificação em termos linguísticos e melódicos, e para outros a degeneração do estilo musical, o que gerou muita polêmica e discussão no meio evangélico, polêmica essa que se estendeu durante muito tempo e que de certo modo foi colocando obstáculos em relação a certas formas musicais na igreja.

### **3. A CONTEXTUALIZAÇÃO DA MÚSICA NA BÍBLIA**

A presente abordagem contextual fita como exemplo musical teológico alguns cânticos importantes referenciados pelo profeta Moisés. Assim, o ministério profético e corajoso de Moisés marcou uma época de manifestação da glória do Deus onipotente na vida de seu povo, sobretudo do povo de Israel que foi conduzido por Deus pelo deserto e passou pelo Mar vermelho e entoou o cântico de vitória.

Assenta-se a convicção do ser humano de que a manifestação do ente transcendente fixa na história de Moisés a crença como um dos episódios bíblicos mais dignos de fé do Antigo Testamento e que os ensinamentos do referido profeta são tão importantes de tal modo que precisam constantemente ser guardados na memória da história bíblica.

#### **3.1. O Primeiro Cântico De Moisés**

O ensino da música pode ser encontrado no clássico e histórico livro do Êxodo no capítulo 15 da Escritura Sagrada no Antigo Testamento. Estudos teológicos revelam que o referente livro possui o primeiro cântico com elementos de estruturação linguística e literário completo fundamentado na Bíblia. Esse reconhecimento também vem do teólogo Henry (2002) ao afirmar nas entrelinhas escritas, o cântico de Moisés é um “cântico santo para a honra de Deus, para exaltar o seu nome e celebrar somente o seu louvor, pois nem mesmo minimamente magnifica a algum homem”, isto é, toda honra e toda glória devem ser dadas ao Deus santo e todo poderoso, o Deus de Israel.

Em meio a um turbilhão de ensinamentos teológicos de Moisés, nessa primeira narrativa, ao cantar, “Moisés ensina o povo a dar ações de graças a Deus através da música”, ou seja, aqui se manifesta a expressão da vida do povo mediante o divino hino, esse mesmo hino de louvor que se juntou à voz de Miriã e fez ao mesmo tempo o povo elevar a sua voz ao Deus onipresente e onisciente.

No ritmo dos cânticos, melodiados pelas harpas e outros instrumentos musicais da época, Champlin (2001,p.14) parafraseia a expressão sob “os gemidos e clamores dos israelitas (Ex.14.10-12), que se transmutaram em adoração, conforme foram conduzidos por Moisés (Ex.15.1-18), e pela

sua irmã Miriã (Vss.19-21), em louvores triunfais ao Senhor”. Senão, paralelamente, o estudioso Maccmmon (2013, p.11) assenta a ideia do método de ensino, asseverando que:

Antigamente, não havia hinário, nem pastas para arquivar as músicas. O método de ensino mais utilizado para que a congregação aprendesse as canções era o canto antifônico, que ensinava as estrofes de maneira alternada, utilizando o método da repetição. (MACCMMON, 2013, p. 18).

No trecho subsequente, supracitado pelo autor, mostra qual o método de ensino utilizado pelos antigos profetas e patriarcas, ou seja, de como havia harmonia entre a letra, a canção, a melodia, a Palavra de Deus na Bíblia e o povo. Seguindo a mesma linha de raciocínio, Barbosa (2017, p.26), lembra que “havia situações em que homens e mulheres intercalavam responsabilmente. Sem dúvida, a participação do povo era muito importante”, significando o teor da pausa, do tempo entre um intervalo e outro e a correspondência das notas musicais com o povo, algo ainda bastante primitivo, mas genuíno e original para a época bíblica.

Num teor histórico e narrativo, Maccmmon (2013,p.14) enfatiza que “sem dúvida, o povo judaico foi, grandemente, influenciado pela música do Egito e da Assíria, tendo, essas duas nações, atingido considerável desenvolvimento nesta arte”, isto é, dois povos – egípcios e assírios ricos em cultura, transmitiram seus legados milenares a povos importantes da Bíblia e que deixaram sua herança cultural de modo específico para a música e da música para a sinagoga dos judeus e mais atualmente para os crentes da igreja de Cristo.

Inspirado pela história divina da salvação, Allen (2016,p.33) vai trazer à baila o fato de que “ao saírem do Egito, o povo recebeu forças vindas de Deus para seguirem em frente, conforme a ordenança de Yaweh” e complementa discorrendo que “Deus era o cântico que os lábios do povo entoavam, e foi essa a maneira que Moises encontrou para entoar o nome de Deus (Ex. 15.2 - O Senhor é a minha força e o meu cântico)”, significando que Deus se manifesta como o grande inspirador da música religiosa e ao mesmo tempo o protetor das causas pelas quais o povo hebreu continuava lutando e vencendo o seu inimigo.

### **3.2. Noção Sobre A Música Na Pedagogia Cristã**

O ensino cristão no contexto musical tem um arcabouço litúrgico que perpassa de geração a geração na igreja de Cristo. Esses ensinamentos foram gradativamente sendo repassados de pais para filhos e tiveram sua importância na liturgia da igreja. Estudiosos como Barbosa (2017) ressaltaram o valor de se trabalhar sistematicamente uma teologia pedagógica tendo a música como instrumento de evangelização e doutrinação entre os fiéis. A dimensão da teologia musical implica numa compreensão mística e interpretativa. Nessa esteira de pensamento, Barbosa (2017) acentua que:

Há uma grande quantidade de ministros e líderes de música que não compreendem a real necessidade da inserção de uma teologia pedagógica através da música. Em função disso, há muitas igrejas perdidas no ensino bíblico dominical, sem saber o que ensinar, como ensinar e como fixar o ensino bíblico. Observa-se um ensino baseado em livros diversos com conteúdo bíblico, entretanto, o âmago do ensino, que é feito através da Bíblia, fica de lado, em consequência da falta de compreensão teológica do próprio professor. (BARBOSA, 2017, p.24).

O autor enfatiza a importância de a liderança pastoral compreender um caminho metodológico de ensino, quer dizer, sem conhecimento teórico e técnico, os ensinamentos da escola dominical se tornam ineficientes e com poucos resultados quando se trabalha o cântico. A inspiração na Palavra de Deus é importante, a inspiração na doutrina litúrgica da igreja é igualmente importante, mas o método pedagógico que estabelece uma ponte de ligação entre a forma de ensino, o conteúdo e o irmão crente é condição essencial no processo da aprendizagem musical. Barbosa (2017) ainda descreve uma espécie de ‘quadro de efeito’ no comportamento evangélico do crente orante na hora da entoação da música:

Vê-se o período de louvor e as músicas cantadas e ministradas. Muito do que se canta gera euforia, envolve, porém pouco ensina, resultando em um momento de animação e emoção. De domingo a domingo vivem-se momentos de êxtase na hora da música, pois muitos acreditam que só ocorre o ensino na escola bíblica dominical e na mensagem pastoral. (BARBOSA, 2017, p.24).

Para o autor, todo canto evangélico entoado com a intenção de louvar e glorificar o Nome de Deus deve ter um propósito claro na busca pelo ensinamento da Palavra de Deus, sobretudo quando se reconhece a necessidade de que toda a igreja de Cristo é sustentada pela graça de Deus e pelos meios estratégicos e didáticos de ensino, chamado de – ensino pedagógico na música cristã. Subsequente a esse mesmo raciocínio teológico, Barbosa (2017) acredita que “compreender os conceitos e funcionalidades diversas da pedagogia tornará a educação cristã uma rocha no que tange ao ensino bíblico”, o que tem veracidade bíblica.

### **3.3. O Ensino Bíblico Aplicado Mediante A Música**

Barbosa (2017) afirma que “a igreja é definida como sendo uma comunidade de louvor e adoração a Deus”, e fundamenta sua concepção eclesiológica recordando a citação bíblica em 1º Pedro 2.5 como “templo espiritual onde vocês servirão como sacerdotes dedicados a Deus”, e complementa com o pensamento paulino, “e isso para que, por meio de Jesus Cristo, ofereçam sacrifícios que Deus aceite”, quer dizer, a existência mística e teológica da igreja caminha com a finalidade Cristo de ser uma comunidade de louvor e adoração ao Senhor da vida.

Para Douglass (2012), a música cristã aqui na terra sempre precisa estar intimamente ligada à Palavra, se não quisermos que uma religiosidade sentimentalista, mal definida e vaga tome o lugar da fé bíblica, porém nas palavras de Shedd (2017), o efeito e a direção musical tem sentido místico,

teológico, humano, antropológico e cognitivo, isto é, tanto em revelação como em resposta, a adoração deve envolver toda a personalidade do homem, o corpo e os sentidos, pensamentos e palavras, movimento e ação, como também o ouvir e o entender.

Tudo o que é cantado na igreja tem um profundo significado diante do Reino de Deus. Quando se canta algo que não condiz com a Bíblia, de maneira herege, a Igreja é conduzida para um momento de cânticos com músicas falsas e vazias. Há uma necessidade de um ensino teológico que tenha abrangência também na área música e não apenas nas mensagens. (MURADAS, 2015, p.152).

Muradas (2015) sinaliza para o alerta a respeito do significado de um termo que merece destaque – heresia na letra da música, que, aliás, atualmente vem sendo bastante expressada em seus ritmos e conteúdos. Embora o autor defina a heresia musical como uma ‘maneira’, o grande impacto negativo sofrido no interior da igreja que escuta e toca esse tipo de música é sentido não apenas no ministério musical gospel, mas na totalidade da assembleia que congrega. Muradas (2015) não deixa solto ou aleatório a escolha da música, por isso define alguns critérios importantes referentes à letra da música, abordando aspectos teológico, pastoral, linguístico ou literário, doutrinário e eclesial, a saber, segundo ele:

Devem edificar; devem ensinar teologia corretamente; devem ter vocabulário, melodia e ritmo de acordo com o público-alvo; devem respeitar as normas da língua em que foi composta; devem respeitar as posições doutrinárias pregadas pela congregação em que está sendo cantada. (MURADAS, 2015, p.152).

Interessante que na colocação do autor em relação à letra da música se faz um conjunto de comportamentos que tem definido um objetivo institucional, uma estratégia teológica, um método linguístico, a delimitação de um público-alvo, uma solução doutrinária e um caminho para a construção de uma igreja edificadora que é Cristo. Barbosa (2017) assinala teologicamente o texto de Colossenses (3.16) “a Palavra de Cristo habite em vós abundantemente, em toda a sabedoria, ensinando-vos e admoestando-vos uns aos outros, com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando ao Senhor com graça em vosso coração”.

## 4. RESULTADO E DISCUSSÃO

### 4.1. No Âmbito Da Pesquisa De Abordagem Quantitativa

Tabela 1 – Quantitativo dos Instrumentos e Músicos nas Igrejas (A, B, C)

DENOMINAÇÃO DA IGREJA (A, B, C)	QUANTIDADE/INSTRUMENTO E MÚSICO
Igreja (A)	09 Instrumentos e 05 Músicos

Igreja (B)	10 Instrumentos da Igreja e demais particulares e média de 40 Músicos
Igreja (C)	03 Instrumentos e 02 Músicos
<b>TOTAL</b>	<b>69 (Instrumentos e Músicos)</b>

Fonte: Nossa autoria.

Em relação à tabela supracitada sobre as entrevistas, foram feitas as seguintes perguntas de números 6 e 7: Quantos instrumentos a igreja possui? Quantos músicos a igreja possui? Os números atribuídos pelos entrevistados (dois pastores e um maestro) variaram na escala de 02 a 40 entre instrumentos e músicos, porém se destacam alguns tipos de instrumentos tais como: corda, bateria, teclado, percussão, guitarra e baixo, considerados, portanto as mais utilizadas nas referidas igrejas denominadas aqui de A, B e C, a saber, descritas na tabela acima.

O que isso significa esses dados? Primeiro, se o número de instrumentos e músicos na igreja (B) é maior que as igrejas (A) e (C), logo se conclui que a igreja (B) é mais bem planejada e estruturada em comparação com as outras. Segundo, numa avaliação conceitual entre “regular, bom, ótimo e excelente”, nos aspectos de - organização, planejamento, liderança e estrutura, as três igrejas podem receber um conceito ‘bom’, sobretudo por se observar de certo modo uma ascensão em termos de sua organização.

Dalla (2014) vai lembrar que “a música pode nos atingir e tocar com um poder que vai além das palavras ou qualquer outro tipo de comunicação”, ou seja, às igrejas mais bem estruturadas, mais preparadas, mais bem planejadas do ponto de vista litúrgico e do ponto de vista de uma pedagogia cristã inspirada pela Palavra divina, logo tem mais possibilidades de elevar as almas para o céu através dos cânticos de louvor e adoração ao Senhor da glória.

Para Johnson (2014, p.11) “as formas da adoração tradicional: ordens históricas de culto, órgãos, hinos, salmos métricos, credos, orações e sermões bíblicos, têm sido abandonadas em favor de formas da cultura contemporânea: soft rock”, significando dizer há um alerta urgente de que cada vez mais os jovens podem estar deixando de lado os púlpitos das igrejas e seus ministérios musicais para agregar-se à moda de outros estilos e ritmos de músicas seculares e mundanas – serve de alerta e cuidado!

#### 4.2. No Âmbito Da Pesquisa De Abordagem Qualitativa

Seguindo o caráter da abordagem qualitativa e uma vez utilizando o instrumento da “Entrevista” foram realizadas as seguintes perguntas (números 1, 2, 3 e 4): 1. Como a igreja pode contribuir para a formação de bandas e orquestras? 2. Na sua visão o que leva o músico a sair da

igreja? 3. Se houver banda/orquestra na sua igreja como fizeram para adquirir instrumentos? 4. O que você faz para que a banda/orquestra continue em sua igreja?

As 04 perguntas supracitadas, abarcaram os 03 entrevistados (dois pastores e um maestro) todos respondendo as mesmas perguntas, mas vivenciando uma realidade eclesial diferente, ou seja, de acordo com o seu contexto de vida de comunidade e de atuação pastoral.

**Quadro 1** – Concepções dos entrevistados sobre banda/orquestra, músicos e instrumentos.

<b>CONTRIBUIÇÃO DA IGREJA NA FORMAÇÃO DE BANDAS E ORQUESTRAS</b>	<b>MOTIVAÇÕES QUE LEVAM O MÚSICO A SAIR DA IGREJA</b>	<b>CAMINHOS PARA A AQUISIÇÃO E MANUTENÇÃO DE INSTRUMENTOS VIA BANDA/ORQUESTRA</b>
Liderança do pastor; mobilização; participação dos membros da igreja; envolvimento da família; projeto de formação da banda/orquestra.	Ausência de visão do líder/pastor; Não apoio aos músicos; Falta e descuido no envolvimento dos músicos; participação escuta e atendimento da demanda.	Execução de projeto; condição financeira para a compra de equipamentos; doação dos irmãos da igreja.
Investimentos; atuação em aulas sistemática teórico-prática; atuação no grupo da liturgia.	A própria falta de adaptação às doutrinas, usos e costumes ou relacionamento com os demais membros. Falta de inclusão e oportunidade.	Recursos financeiros provenientes de membros particulares; captação de recursos provenientes de dízimos e ofertas doados pela igreja.
Formação sistemática e desenvolvimento nas atividades; incentivo local e externo e cursos técnicos na referida área.	Falta de incentivo e de valorização; Não vivência dentro do âmbito eclesial (não em sua totalidade).	Planejamento; incentivos; projetos; promovendo crescimento dos músicos.

Fonte: Nossa autoria.

No ‘**Quadro 1**’, das 04 perguntas assentadas em cada entrevista, 02 foram unificadas (Números 3 e 4) e distribuídas no compartimento do quadro 1, por exemplo – “caminhos para a aquisição e manutenção de instrumentos via banda/orquestra” ao qual abarcam aqui 2 questões levantadas no esquema da entrevista, sendo que na ordem vertical constam as respectivas respostas para as quais foram destacadas as mais específicas e importantes e dessa forma segue a organização descrita.

É importante frisar que as respostas constatadas nas “Entrevistas” sob a abordagem qualitativa (conceitual) realizadas com 03 lideranças pastorais são similares às respostas constatadas no “Questionário” da abordagem quantitativa (numérica). Isto quer dizer, que tanto as respostas de abordagem quantitativas quanto qualitativas, ambas estão unificadas e alinhadas no mesmo

questionário, porém com leituras e interpretações diferentes. Esse fato leva a concluir que, embora as respostas sejam diferentes em termos ou expressões, os resultados são igualmente similares, porém com um pouco de aprofundamento em termos de informações, conteúdo e conhecimento.

Na linha dessa diferença, a título de exemplo, segundo a descrição do **Quadro 1** acima, quando perguntado sobre “como a igreja pode contribuir para a formação de bandas e orquestras?”, consta a informação do fato de que a resposta da igreja (A) aponta para a ‘liderança’, a igreja (B) aponta para o ‘investimento’ e a igreja (C) indica a seta para a questão da ‘formação’.

Esse ponto invoca a ideia de Dalla (2014) ao levantar a questão do uso da bateria na adoração na qual tem sido um assunto, além de polêmico, também controverso tanto para pessoas contra, pessoas a favor ou mesmo pessoas que não manifestam nenhuma opinião nesse sentido. Mesmo em se tratando de um tema polêmico, não podemos nos omitir, não podemos simplesmente ignorar o fato de que se trata de um instrumento que gera divisões na igreja, que cria dificuldades quanto ao exercício da unidade entre os membros, significando dizer que se faz necessário “conhecer as implicações físicas, mentais e espirituais da utilização deste tipo de instrumento”.

É interessante notar que, se é pelos frutos que se conhece a árvore como disse Jesus, logo se conclui que são muitos os exemplos de bandas gospel que introduziram a bateria na igreja e tem completado dezenas e dezenas de anos como é o caso do grupo banda gospel – Ministério de música ‘Vencedores Por Cristo’ (VPC). Rangel (2019, p.87) explica que “com melodias e atitudes bem a frente do seu tempo, o grupo derrubou paradigmas que existiam nas igrejas daquela época, tocavam ritmos brasileiros que eram poucos explorados pelos cantores e grupos do seu tempo”.

**Quadro 2** – Profissionalização do músico, da banda/orquestra e sua formação.

<b>PROFISSIONALIZAR OS MÚSICOS NA IGREJA</b>	<b>IMPORTÂNCIA DE SE OBTER UMA BANDA/ORQUESTRA NA IGREJA</b>	<b>CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO DE MÚSICOS NA IGREJA</b>
Sim, mas não no sentido de certificação escolar. Mas profissionalizou no sentido de que eles hoje tocam como profissionais, inclusive, lendo partituras.	É importante, não apenas pelo seu caráter espiritual, pois nos ajuda no momento da adoração e louvor, mas também porque desperta muitos outros, inclusive crianças, adolescentes e jovens para a área música.	Que o projeto para a formação de músicos na igreja deve ser um projeto encarado como da própria congregação.
Sim, alguns dos nossos instrumentistas já atuam tocando em eventos em	Desde os primórdios os cultos sempre tiveram em sua liturgia muito louvor e com o passar do tempo essa característica	Disponibilizar turmas de musicalização periodicamente e incluir, sempre quando possível esse aluno dentro da banda

geral ou mesmo lecionando.	continuou marcante tendo como uma das poucas diferenças as variações de formações instrumentais.	ou orquestra para que ele desenvolva pro meio da prática de conjunto todos os fundamentos vistos anteriormente.
No momento não temos esse seguimento na igreja.	Uma importância significativa, pois a música tem a habilidade de tocar no emocional das pessoas de forma rápida criando um estado de abertura para o ensino da Palavra sagrada.	A permanência de um músico em uma igreja é produto de vários fatores; exemplo: valorização; crescimento técnico e espaço para execução da atividade.

Fonte: Nossa autoria

No “Quadro 2” supracitado, os colaboradores da entrevista continuam os mesmos (dois pastores e um maestro), e destaca alguns pontos importantes concernentes às suas respostas, a saber: primeiro, que dos 03 entrevistados referente à pergunta sobre a profissionalização dos músicos na igreja, apenas a igreja (C) respondeu não trabalhar o seguimento da profissionalização de músicos na sua eclesia, os demais, igrejas (A) e (B) declararam que os seus músicos, tiveram formação profissional na igreja com direito a certificados, e que atualmente desenvolvem inclusive as suas atividades tanto em eventos como na condição de docente.

A resposta anterior evoca a lembrança do pensamento de Dalla (2014, p.34), ao ressaltar que “o acompanhamento instrumental em si já foi considerado impróprio para a música litúrgica cristã, quando muitos consideravam que o único instrumento adequado à adoração era a voz humana”, porém essa realidade mudou a partir do momento em que os instrumentos foram sendo gradativamente compreendidos como acessórios importantes para louvar e glorificar o Nome do Senhor Jesus, que podem ser imitados aos moldes dos exemplos referenciados pelos antigos profetas e patriarcas nos Salmos do Antigo Testamento.

Daí se compreende a importância da igreja trabalhar organizadamente para adquirir uma banda/orquestra a serviço da evangelização dos fiéis, sobretudo quando se pensa em seu caráter espiritual, pois segundo o líder pastor da igreja (A) “nos ajuda no momento da adoração e louvor, mas também porque desperta muitos outros, inclusive crianças, adolescentes e jovens para a área música”.

De outro ângulo, a ótica teológica de Johnson (2014, p.35) acentua que “nem toda questão sobre adoração ou vida pode ser respondida pela aplicação direta de um versículo bíblico”, e complementa sistematicamente em tom de alerta que esse tipo de postura pode ser “na realidade, legalista e fundamentalista”, querendo dizer no aspecto bíblico que “raramente a vida reta consiste

de apenas aplicar regras da Bíblia às circunstâncias”, e fecha o seu pensamento teológico afirmando, pelo contrário, a vida reta exige iluminação do Espírito Santo e sabedoria para aplicar princípios gerais em doses diárias.

No tocante a última questão (Nº 9), vem a seguinte situação: “Em sua opinião o que é preciso fazer para formar músicos para que permaneçam na igreja?” A resposta dos três entrevistados merecem destaques com termos-chave – projeto, turmas de musicalização, valorização, crescimento técnico e espaço para desenvolver as atividades, ou seja, são componentes de estruturação da igreja considerados fundamentais para o desenvolvimento das atividades litúrgicas, teológicas e pastorais inseridos no coração da igreja, parafraseadas na citação bíblica sob as palavras do Salmo 33,1-3: “Louvem o Senhor com harpa; ofereçam-lhe música com lira de dez cordas”.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de pesquisa abordou como reflexão a temática da – Importância da Música na Igreja como Processo Transformador, acentuando sistematicamente os resultados de um estudo de campo que foram levantados a partir de informações categoricamente interessantes referentes ao Curso Livre Bacharel em Teologia do Seminário Teológico Assembleia de Deus – SETAD.

A realização desta pesquisa perpassa pelo entendimento sobre a reflexão da importância da música em seu campo específico de atuação, sobretudo buscando discutir que a igreja cristã evangélica vem se comportando com oração, louvor e adoração, de forma crente, participativa, organizada e planejada frente aos avanços e percalços de bandas e ministérios das músicas gospel que tocam no interior dos cultos existenciais, de um modo especial, na denominação ‘Assembleia de Deus – A Pioneira, residente no Estado do Amapá.

Ficou entendido que o referido tema em questão ampliou a compreensão sobre a importância da música na igreja, confirmando a hipótese de que as igrejas cristãs evangélicas, sobretudo dentro da realidade da Assembleia de Deus – A Pioneira no Estado do Amapá pode empreender mais esforços na busca de novos líderes e pastores, mobilizando os fiéis, envolvendo as famílias na construção de um projeto de ativação ou reativação de bandas e ministérios musicais, apoiando os músicos na igreja e atendendo as demandas necessárias para uma boa formação musical aos irmãos crentes com foco nas dimensões litúrgica, teológica e pastoral da igreja.

O presente trabalho de pesquisa ressalta que os seus objetivos foram alcançados na medida em que se foi compreendendo como a igreja evangélica vem enfrentando e superando os desafios de manter a música gospel nos cultos realizados semanalmente, identificando os seus elementos

históricos através da música sacra nos cultos litúrgicos das igrejas cristãs no Brasil, de modo especial nas bandas e ministérios de músicas que atuam nas dependências dos cultos da igreja evangélica Assembleia de Deus – A Pioneira no Estado do Amapá.

Tomando o caminho da pesquisa de campo para levantamento de dados e paralelamente o das referências bibliográficas com abordagem quantitativa e qualitativa, os dados ora levantados foram suficientes para realização dos procedimentos em questão – tempo, análise, comparação, leitura, interpretação, seleção e produção, sobretudo afirmando que a bibliografia correspondeu suficientemente à expectativa do trabalho.

Alguns resultados da pesquisa se confirmaram nas informações entre os entrevistados – dois pastores e um maestro de música. Por exemplo, de que o número de instrumentos e músicos na igreja (B) é maior que as igrejas (A) e (C), sendo que esse dado serviu de referência para que se pudesse concluir que a igreja (B) é bem mais planejada e estruturada em relação as outras igrejas.

Porém, numa avaliação conceitual entre “regular, bom, ótimo e excelente”, nos aspectos de - organização, planejamento, liderança e estrutura, as três igrejas podem receber um conceito ‘bom’, sobretudo por se observar de certo modo uma ascensão em termos de sua organização, portanto o meu posicionamento em relação ao tema se firma na convicção de que realmente é de fundamental importância à existência da música como processo transformador de vidas e de salvação de almas na igreja de Jesus Cristo, especialmente nas - Assembleias de Deus, A Pioneira, localizadas de Norte a Sul do Estado do Amapá.

Considera-se que os objetivos do trabalho foram alcançados e espera-se que os seus resultados possam colaborar e servir como fonte de informações para novas pesquisas à comunidade acadêmica e a sociedade em geral, sobretudo quando se depara com um universo de informações variadas onde o conhecimento e fontes fidedignas se tornam atualmente subsídios de melhoria e crescimento espiritual, moral, ético e religioso para o ingresso dos irmãos crentes na igreja de Cristo e conseqüente salvação das almas para o Reino de Deus.

## REFERÊNCIAS

ALLEN, Clifton J. Broadman. **Comentário Bíblico: Velho testamento**. Trad. Adiel Almeida de Oliveira. Rio de Janeiro: JUERP, 1987. p 462.

BARBOSA, Ana Karenina Maia. **O Ensino Teológico através da Música na Igreja**. Faculdade Batista Pioneira. IJUÍ/RS. Setembro, 2017.

BÍBLIA SAGRADA ONLINE. **Versículos sobre Músicas. Antigo e Novo Testamento**. Temas. 2022.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo: Gênesis, Êxodo**, Ed. ABA. Ed. 2, 2001.

DALLA, Leandro. **Música, Reverência e Adoração: O Propósito de Deus**. Editoração e Revisão: Relevo Design. 1ª Edição. 2014.

DOUGLASS, Klaus. **Celebrando o amor de Deus: o despertar para um novo culto**. Trad. Valdemar Kroker. Curitiba: Esperança, 2012, p. 64.

HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico**. 2 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

JOHNSON, Terry L. **Adoração Reformada**. Adoração segundo as Escrituras; Revisado e Expandido. EDITORA MONERGISMO Brasília, DF, Brasil. 1ª Edição, 2014.

MACCMON, Paul. **A Música na Bíblia**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 2013.

MURADAS, Atilano. **Decolando nas asas do louvor**. 3 Ed. São Paulo: Abec, 2015.

RANGEL, Caio. **Banda gospel que introduziu a bateria na igreja completa 50 anos**. O grupo missionário gravou o álbum mais bem sucedido da música gospel brasileira. Música. Adoração, 2019.

SANTOS, Leila Christina Gusmão dos Santos; LUZ, Westh ney Rodrigues. **Culto Cristão. Contemplação e comunhão**. Rio de Janeiro: JUERP, 2018.

SCHALK, Carl F. **Lutero e a música: paradigmas de louvor**. Trad. Werner Ewald. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

SHEDD, Russell P. **Adoração Bíblica: fundamentos da verdadeira adoração**. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2017.

WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo: Antigo Testamento: Pentateuco**. Trad. Suzana E. Klassen. Santo Andre: Geográfica, 2016.

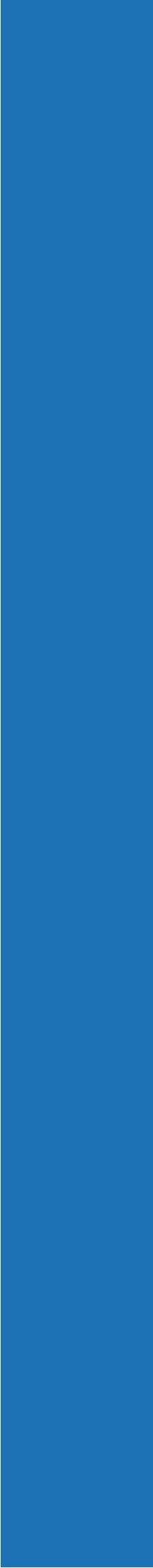


# *Capítulo 5*

---

## **UM OLHAR SOBRE A DEPRESSÃO EM UMA PERSPECTIVA CONJUNTA ENTRE TEOLOGIA E PSICOLOGIA**

Eduim Souza dos Santos



## UM OLHAR SOBRE A DEPRESSÃO EM UMA PERSPECTIVA CONJUNTA ENTRE TEOLOGIA E PSICOLOGIA

### A LOOK AT DEPRESSION IN A JOINT PERSPECTIVE BETWEEN THEOLOGY AND PSYCHOLOGY

*Eduim Souza dos Santos<sup>1</sup>*

#### RESUMO

O presente artigo vem propor uma análise sobre o universo da tão temida doença chamada depressão, este mal que mata centenas de pessoas por ano, uma doença silenciosa que atinge os angustiados, aflitos e mais frágeis do universo social, contudo ao se discorrer sobre o presente tema, procura-se abordar um olhar mais íntimo e completo buscando uma alternativa de solução que promova a eficácia de solucionar ou ao menos tentar promover uma resposta que busque atender em toda sua plenitude este problema, trazendo uma solução completa com uma perspectiva de tratar mente corpo e espírito, com o trabalho conjunto da psicologia e da teologia na busca ao enfrentamento desta doença.

**Palavras-chave:** depressão; teologia; espiritualidade; saúde mental.

#### ABSTRACT

this article proposes an analysis of the universe of the dreaded disease called depression, this disease that kills hundreds of people a year, a silent disease that affects the anguished, afflicted and most fragile of the social universe, however when discussing about This theme seeks to address a more intimate and complete look, seeking an alternative solution that promotes the effectiveness of solving or at least trying to promote a response that seeks to fully address this problem, bringing a complete solution with a perspective of treat mind, body and spirit, with the joint work of psychology and theology in the search for coping with this disease.

**Keywords:** depression; theology; spirituality; mental health.

#### 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe uma análise reflexiva em torno da maior doença psicológica do século XXI, a depressão, buscando embasamento não apenas no âmbito da psicologia, mas principalmente na teologia. Visando alternativas de reversão a essa tão temida doença que

---

<sup>1</sup> Bacharel em teologia; bacharelado em sistemas de informação. e-mail: [eduim.souza@gmail.com](mailto:eduim.souza@gmail.com)

unifiquem essas duas áreas, e consigam tocar e curar as pessoas que sofre desse mal.

O processo de cura da depressão é extremamente complexo e diferente das outras doenças, sua recuperação não depende em sua maior parte de remédios ou dos profissionais que estão em busca da cura, mais que tudo, depende grandiosamente do individuo que esta sofrendo com essa situação, visto que este deve acreditar que as coisas por piores que estejam vão melhorar e que a dor vai passar para assim conseguir se libertar dessa prisão psicológica, o livro de marcos 9:3 diz o seguinte “e Jesus disse-lhe: se tu podes crer, tudo é possível ao que crê”. Ou seja, é preciso acreditar na cura.

A depressão que por muito tempo foi tratada como “frescura”, recentemente passou a ser levada sério depois de deixar os rastros de suas consequências extremamente danosas pelo mundo, o alto índice de suicídios cometidos por pessoas com problemas psicológicos por todo mundo levou a depressão de uma frescura a uma doença psicológica gravíssima, que pode trazer resultados desastrosos caso não seja reconhecida e tratada.

Tendo em vista que muitos depressivos não sabem o que fazer ou restringem-se a tratar a doença apenas clinicamente, é que se procurou abordar a possibilidade de curar esse mal através de um trabalho conjunto da medicina e da teologia. Visando uma possível cura por completo tratando não apenas a mente, mas o corpo e o espírito também.

Traçar um caminho que busque a melhoria de saúde das pessoas precisa abranger todas as probabilidades possíveis, sem banalizar qualquer possibilidade que seja de promover a melhor qualidade de vida a quem encontra-se enfermo, o trabalho multiprofissional tem ganhado força e alcançado grandes conquistas principalmente relativas a saúde, afinal, expandir e agregar novos conhecimentos acarretará novas conquistas, portanto unir religião e medicina pode proporcionar uma forma mais eficaz de tratar a depressão e salvar muitos indivíduos que estão a beira dos abismo ou do suicídio.

## **2. O QUE É DEPRESSÃO**

De acordo com a CID-101 (1993), a depressão está elencada dentro da categoria de transtornos de humor e é considerada uma doença, a mesma não possui os sintomas pré-definidos e suas crises variam muito de acordo com o estado emocional do doente, é conhecida por ter crises episódicas, ou seja, acontecem sempre, e as recaídas são constantes, sendo uma das doenças mais comuns da atualidade.

Um indivíduo que tem ou já passou por um estagio depressivo ao longo de sua trajetória, após a sua reabilitação não esta isento de ter novos surtos da doença, surtos estes que de acordo com as

recorrências vão se tornando cada vez mais fortes e mais difíceis de serem superados, este é um ponto bem característico da depressão, o que justifica o fato de haver muitos suicídios como efeito colateral mais marcante desta doença, pois, quanto mais recorrentes forem as crises mais o indivíduo vai ficando mentalmente afetado pois o nível de dificuldade da cura aumente, o quanto maior o obstáculo mais fácil se torna desistir e superar a dor novamente, pois isso torna-se um ciclo que parece não ter fim.

O termo depressão referia-se a um sintoma que gerou, em todos os tempos, grande polêmica que se arrasta até a atualidade. Kaplan e Sadock descrevem três usos diferentes para o termo depressão: o uso leigo, que se refere à tristeza e ao desânimo, não estando necessariamente relacionado a uma doença; o uso do termo representando um sintoma que indica humor rebaixado, deprimido, podendo ser encontrado em inúmeras patologias, e o uso para definir uma síndrome que reúne um conjunto de sinais e sintomas relacionados principalmente aos denominados transtornos de humor. (KAPLAN; SADOCK; GREBB, 1997, p. 80-85).

Serson (2016) relata que é comum em alguns momentos da vida não estar bem ou reagir de forma estressada, ansiosa, triste ou com medo, contudo quando reações como essas tornam-se corriqueiras fazendo cada vez mais parte da vida do indivíduo desenvolvesse ações desproporcionais que comprometem que comprometem a convivências, o trabalho e a vida do mesmo, trata-se do desenvolvimento do distúrbio de ansiedade ou depressivo.

O ansioso apresenta “medo do medo”; inquieta antecipação (apreensão) “Vai acontecer alguma coisa”, diz o indivíduo. Já a pessoa com depressão apresenta anedonia (dificuldade ou quase incapacidade de ter prazer pelas coisas), variação circadiana do humor, ruminação obsessiva, autoacusação. “Gostaria de dormir e nunca mais acordar” (SERSON, 2016, p. 34, 42).

Sabe-se que a depressão se tornou uma das maiores mazelas a atingir a sociedade principalmente na atualidade, independente de classe cor, raça ou religião. A referida doença causadora de inúmeros sintomas que atingem o psicológico dos doentes, tem como principal alvo pessoas que estão fragilizadas e passando por dificuldades e problemas internos e externos a ela, que ao chegarem a um grau insuportável resultam em sua maioria no suicídio.

O melancólico se isola; tem medo de ser perseguido e aprisionado; atormenta-se com ideias supersticiosas; sente-se aterrorizado; transforma suas fantasias em verdade; queixa-se de doenças imaginárias; amaldiçoa a vida e deseja morrer. Acorda subitamente e é presa de um grande cansaço. Em certos casos a depressão parece ser uma espécie de semimania: os pacientes estão sempre obcecados com a mesma ideia e podem ser deprimidos e enérgicos ao mesmo tempo. (SOLOMON, 2002, p. 269).

A depressão pode ser conhecida como solidão, um vazio existencial que não consegue ser preenchido mesmo com todas as tentativas possíveis, e mesmo que não se esteja só o vazio persiste em não abandonar o indivíduo que sofre constantemente com essa sensação de despertencimento e desamor constante. “É a solidão dentro de nós que se torna manifesta, e destrói não apenas a conexão com os outros, mas também a capacidade de estar apaziguadamente apenas consigo mesmo.” (SOLOMON, 2002, p. 15).

A depressão possui a capacidade de destruir tudo que há de bom dentro de um ser humano, a paz, o amor próprio, a segurança em si mesmo, a autoestima e a capacidade de sentir afeto por si mesmo, fazendo com que o indivíduo se considere o mais desprezível ser habitante na face da terra, tornando-se a mais segura das prisões humanas, na qual é praticamente impossível traçar uma rota de fuga e onde o prisioneiro é seu próprio carcereiro, e sua mente a pior privação de liberdade que possa existir. “O deprimido desacredita no amor, na fé e na esperança e mergulha no mais silencioso e terrível dos desesperos humanos: o desespero acompanhado, aquele que não acredita, não suporta e nem aceita a ajuda de outrem.” (SOLOMON, 2002, p. 177).

A depressão espalha a concentração impedido o indivíduo de conseguir colocar a mente em um posicionamento que o leve a uma saída estratégica do mal que o oprime, fazendo que este ser humano não consiga concentra-se nas atividades mais irrelevantes dentro do cotidiano de sua vida infeliz, fazendo com que este não sinta vontade de fazer absolutamente nada, sua concentração é dispersa e sua vontade é inexistente, é característico de pessoas depressivas começarem inúmeras atividades e se perderem nomeio do caminho, deixando o trabalho, planos e projetos pela metade, pela simples falta de vontade em fazer ou dar continuidade a esta ação. A falta de prazer é um sentimento constantemente abundante na vida de um depressivo. (DEL PORTO, 2004).

### 3. ALGUNS FATORES DE DESENCADEAMENTO DA DEPRESSÃO

Gomes (2011) afirma que não existem causas estabelecidas que ocasionem a depressão, contudo o mesmo revela que acontecimentos que marcam negativamente as pessoas que possuem pré-disposição para depressão associam tais acontecimentos ao desencadeamento da doença. Essa correlação, no entanto, pode ou não existir, para que essa associação seja de fato verdadeira é necessário verificar o período em que os acontecimentos ocorreram e o comportamento do indivíduo durante esses acontecimentos.

O deprimido sofre pela ausência de amor. Ele não se sente amado e não ama. Não ama a Deus, não ama a si mesmo e, no mais das vezes, sente medo e ansiedade diante do amor demonstrado pelo outro. O deprimido também não consegue amar o próximo. Vive aprisionado aos próprios medos, angústias, ansiedades, decepções reais ou imaginárias. (GOMES, 2011, p. 87)

Apesar de pouco provável, ainda assim em alguns casos de pessoas com depressão um dos fatores constatados foi, o enfrentamento religioso negativo (por exemplo, conflitos com Deus ou com a comunidade religiosa, entender a doença como um castigo de Deus) ou o adoecimento mental de causa religiosa foi encontrado em algumas pesquisas.

Algumas dessas mostram a influência negativa de religiões radicalmente fundamentalistas, nas quais o exercício do perdão e do amor incondicional nem sempre é praticado; “Ao lidar com

peças que contraem doenças graves em razão de um comportamento pecaminoso [mal ético], tais como uso de drogas ou atividades sexuais promíscuas (ESPERANDIO, 2014; LIBÓRIO; GUIMARÃES, 2015).

Quem tem depressão tem imunidade diminuída, maior probabilidade de desenvolver comportamentos não saudáveis, como práticas sexuais de alto risco para doenças transmissíveis e desobediência às recomendações médicas para tratamento. É normal em alguns momentos de nossa vida reagirmos com estresse, ansiedade, medo ou tristeza, gerando luta, fuga ou resiliência. Porém, quando tudo isso é excessivo e nós desenvolvemos reações desproporcionais, comprometendo atividades usuais de trabalho, estudo, convivência, lazer ou socialização, estamos desenvolvendo distúrbio ansioso e/ou depressivo. O ansioso apresenta “medo do medo”; inquieta antecipação (apreensão) “Vai acontecer alguma coisa”, diz o indivíduo. Já a pessoa com depressão apresenta anedonia (dificuldade ou quase incapacidade de ter prazer pelas coisas), variação circadiana do humor, ruminação obsessiva, autoacusação. “Gostaria de dormir e nunca mais acordar” (SERSON, 2016, p. 34-42).

#### 4. A DEPRESSÃO A PARTIR DO PONTO DE VISTA DA PSICOLOGIA E TEOLOGIA

De acordo com Koenig (2012) a relevância de se estudar a possibilidade de conciliação entre religião e saúde não se pauta apenas nas em estudos científicos realizados em torno do tema, mas também na comprovação de que uma relação favorável entre ambas as aéreas fazem com que as pessoas se torne mais saudáveis mentalmente, ou seja, religiosidade e psicologia estão diretamente relacionadas a melhoria do bem estar e da saúde dos que à praticam em conjunto.

A relação entre religião e saúde tem sido muito estudada nos casos de doenças mentais, trazendo à discussão a possibilidade de uma constante constitucional espiritual humana capaz de influenciar favorável ou desfavoravelmente na cura das pessoas. O tratamento junguiano busca levar o paciente a reconhecer que ele também apresenta um conteúdo mental saudável e bom, possível de ser reforçado e agir como força geradora de interação saudável do indivíduo com sua família, com seu grupo social e com sua religião (GOMES, 2011, p. 90).

Fortes e Zoboli (2009) ressalta que o resgate científico da religiosidade propõe uma reflexão a cerca da necessidade de ampliar o conceito de saúde, ou seja, a saúde não seria apenas a ausência de uma doença e o bem estar físico e mental, mas se estenderia também ao bem estar espiritual, o qual só poder ser alçado através do contato do indivíduo com a teologia, atribuindo a este um equilíbrio existencial que o ajudaria a lidar com as inúmeras dificuldades da vida.

A relação do homem das antigas religiões com o sagrado institucional ou instituído parece sempre contar com a presença e atuação de taumaturgos, xamãs, curandeiros, exorcistas, terapeutas e médicos, cujas funções são as mais diversas, às vezes, opostas e até sobrepostas. De fato, a religiosidade humana, também na Antiguidade, está permeada de preocupações e atitudes diante de três companheiros inseparáveis do homem: o sofrimento, a doença e a morte. (LIBÓRIO, 2010, p. 12).

Falcão (2013) corrobora que a direção e o aconselhamento espiritual devem ajudar as pessoas a encontra a felicidade e o sentido da vida de forma a sobrepor aos sofrimentos inerentes à realidade social e humana, afirmando que a reconciliação com Deus proporcionará a sua reconexão com a

vida e com as pessoas.

O referido autor também afirma que os profissionais da saúde, especificamente os psicólogos sejam especialistas em teologia ou até mesmo serem religiosos, porém é fundamental que o mesmo estenda as relações positivas e negativas que existem entre religião e medicina, além de conhecer um pouco de teologia para conseguir compreender a religião do paciente.

Alguns indivíduos com sintomas depressivos preferem dar importância à apenas um tipo de tratamento, seja ele espiritual ou clínico, por acreditarem que somente umas dessas alternativas pode melhorar ou solucionar seu problema.

A teologia cristã enfatiza que o mal, seja ético ou natural, doença ou acidente, é uma consequência das ações humanas do indivíduo na terra. Sendo consequência do pecado deliberado de anjos rebeldes e dos primeiros seres humanos, os quais geraram uma herança de tendência à desobediência; mesmo perante uma consciência espiritual do que é certo ou errado e diante do sentido de vida supremo de glorificar e ter prazer em Deus.

O mundo bom formado pelo supremo Criador foi deformado por suas criaturas racionais livres, necessitando ser reformado/restaurado pela ação redentora de Deus. Sendo assim, há necessidade pessoal do ser humano arrepender-se de seus erros, reconciliar-se com Deus e encontrar a salvação, a qual não é somente eterna, mas é também imanente, histórica. Nesse contexto teológico cristão, às vezes nos deparamos com pregações que enfatizam a necessidade bíblica do arrependimento universal.

Contudo, negligenciam que Deus enviou seu filho único ao mundo para que todo aquele que nele crer receba perdão divino e forças para vencer suas provações “no mundo tereis aflições, mas tende bom animo, eu venci o mundo.” (João 16,33).

As palavras “justas” e “justiça” atingiram minha consciência como um rio, quando os ouvi, estava aterrorizado. Se deus é justo [pensei], ele deve punir. Mas quando pela graça de Deus refleti, no quarto esquecido desta torre, sobre as palavras “aquele que por fé é justo viverá” [Romanos 1:17] e “a justiça de Deus” [Romanos 3:21], logo cheguei a conclusão de que, se nós, como justos, devemos viver da fé e se o direito a escravidão de Deus contribui para a salvação de todos os que creem, então a salvação não será nosso mérito, mas misericórdia de deus. Meu espírito foi assim aplaudido. Pois é na justiça de Deus que somos justificados e salvos através de cristo. Estas palavras que antes me assustavam agora me agradam mais. O espírito santo revelou as escrituras para mim nesta torre. (JUDD, 2016, p. 328).

De acordo com o relato acima, subentende-se que a depressão ou o quadro depressivo de um indivíduo não é castigo dado por Deus, pois a misericórdia divina é capaz de conceder perdão ao mais miserável e maléfico dos indivíduos, contudo, para que se alcance esta graça divina é essencialmente necessário acreditar primeiramente em deus e segundo na sua capacidade em ser perdoado, se sentir digno do perdão de deus, para que assim, se torne uma tarefa menos difícil se

libertar dessa prisão chamada depressão que assola milhares de brasileiros pelo mundo a fora, e mata igualmente ou até mais que a criminalidade existente na sociedade.

Para Matos (2017) Possuir alguma religião, bem como frequentar igrejas, tem se mostrado importante fator de proteção para dificultar o aparecimento da depressão e outros problemas na esfera da saúde mental, além de estimular a capacidade de se satisfazer com a vida e aumentar o potencial de resiliência. Outros estudos investigaram a ligação entre envolvimento religioso e saúde, concluíram que a maioria das pessoas religiosas é fisicamente mais saudável, tem estilo de vida mais salutar e requerem menos assistência de saúde.

A espiritualidade pode fornecer um sentido, um significado para a vida que transcende a perda, o sofrimento e a percepção de finitude. Mas como nem só de perdas vivem os idosos, a espiritualidade também pode ser útil para dar um significado para a vida, na adaptação a eventos positivos, pois o estresse não advém só de eventos negativos.

A espiritualidade está ligada às questões transcendentais de significado da vida, podendo ou não ter relação com o sagrado. Já a religiosidade se localiza no plano do sagrado, tem relação com ritos, instituições e práticas religiosas e com adoração de divindades. A religião geralmente está associada à crença em uma divindade. Recorrer à religião em momentos de crise, no entanto, não é a mesma coisa que religiosidade, porém essa prática é comum no enfrentamento de situações difíceis. (MATOS,2017, p.87)

Entretanto, como cristãos, devemos encontrar respostas e auxílio para todas as nossas dificuldades na Palavra de Deus. Afinal, o que a Bíblia diz sobre a depressão? Na maioria de suas versões não encontramos o termo depressão, contudo, podemos encontrar diversas histórias que trazem descrições de sintomas que atualmente são relacionadas a ela.

Jó ficou desanimado por causa de seu sofrimento e sentiu-se incompreendido por seus amigos. “Minha vida só me dá desgosto; por isso darei vazão à minha queixa e de alma amargurada me expressarei” (Jó 10.1). Davi ficou abatido por causa dos efeitos físicos e psicológicos da sua enfermidade. “Estou encurvado e muitíssimo abatido; o dia todo saio vagueando e pranteando. Estou ardendo em febre; todo o meu corpo está doente. Sinto-me muito fraco e totalmente esmagado; meu coração geme de angústia” (Sl 38.6-8).

Os versículos acima constataam que até mesmo homens que amam e buscam a Deus podem passar por momentos de profunda tristeza. Nós cristãos podemos ficar abatidos, o que não é necessariamente pecado, mas não devemos nos entregar ao abatimento a ponto de desfalecermos. Em meio a situações adversas e complicadas, devemos nos lembrar de que Deus está presente e no controle de todas as circunstâncias.

A seguinte frase do autor Gonçalves (1999, p.46) responde bem a esse tipo de pensamento: “Certamente algumas pessoas são mais alegres por natureza do que outras, mas cada cristão deve evidenciar um equilíbrio de todas as virtudes do caráter cristão, independentemente de seu temperamento”. A despeito de personalidades e temperamentos, manter os olhos fixos no Pai é, não

somente a melhor maneira de manter-se longe do desfalecimento, como também a melhor saída para quem já desfaleceu.

Jesus disse: "Não se perturbe o coração de vocês. Creiam em Deus; creiam também em mim" (Jo 14.1). Essas palavras, além de um conforto para o nosso coração, expressam uma ordem bem clara: Jesus chama os seus discípulos a não permitirem que as circunstâncias os controlem. É evidente que diversos fatores podem contribuir para o abatimento, entretanto, o desfalecimento não é resultado de nenhum deles, mas da nossa impiedade.

Devemos nos alegrar mesmo em meio a situações complexas, uma vez que podemos ter a certeza de que Deus tem um propósito maior para nós em meio a crises: ele quer que nós nos tornemos mais parecidos com Cristo e que estejamos mais bem preparados para sermos instrumentos dele na vida de outras pessoas. Não conseguiremos enfrentar ou evitar o desfalecimento por nossa própria força de vontade, mas podemos estar sempre alegres no Senhor, se lidarmos com os problemas da forma que ele deseja.

O fato é que a nossa estabilidade deve estar naquele que habita em nós e dirige cada área de nossa vida. "Porque, aquilo que a Lei fora incapaz de fazer por estar enfraquecida pela carne, Deus o fez, enviando seu próprio Filho, à semelhança do homem pecador, como oferta pelo pecado. E assim condenou o pecado na carne, a fim de que as justas exigências da Lei fossem plenamente satisfeitas em nós, que não vivemos segundo a carne, mas segundo o Espírito.

Quem vive segundo a carne tem a mente voltada para o que a carne deseja; mas quem vive de acordo com o Espírito, tem a mente voltada para o que o Espírito deseja. A mentalidade da carne é morte, mas a mentalidade do Espírito é vida e paz; a mentalidade da carne é inimiga de Deus porque não se submete à Lei de Deus, nem pode fazê-lo. Entretanto, vocês não estão sob o domínio da carne, mas do Espírito, se de fato o Espírito de Deus habita em vocês. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, não pertence a Cristo. Mas, se Cristo está em vocês, o corpo está morto por causa do pecado, mas o espírito está vivo por causa da justiça"

Porquanto o que era impossível à lei, visto que se achava fraca pela carne, Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança da carne do pecado, e por causa do pecado, na carne condenou o pecado. Para que a justa exigência da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito. Pois os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne; mas os que são segundo o Espírito para as coisas do Espírito. Porque a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do Espírito é vida e paz. Porquanto a inclinação da carne é inimizada contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem em verdade o pode ser. Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós. Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele. Ora, se Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito vive por causa da justiça. (ROMANOS, 8.3-7;7-10)

O suporte social oferecido pelas comunidades religiosas ajuda a diminuir o estresse e atua como um recurso de enfrentamento. Estudos mostram que a participação em serviços religiosos pode ser um fator protetor de saúde mais eficaz do que o suporte social, e que existe correlação

positiva entre tamanho da rede social e da rede de suporte social e envolvimento religioso.

Na ciência, a depressão pode ter origem psiquiátrica, sua cura pode ser alcançada com o uso de antidepressivos e com psicanálise, mas também não podemos destacar o tratamento espiritual. Haja vista Deus o Criador conhece muito bem a sua criatura, por isso que a busca ao seu Senhor e criador ajuda nesse processo de cura e restauração. Conseqüentemente, é possível extrair lições e princípios inspirados para a luta contra a depressão a partir da observação de como os personagens bíblicos lidaram com suas persistentes sensações de tristeza e perda de interesse pela vida, principalmente para os pastores que lutam contra esse mal.

## 5. RESULTADOS

Precisamos entender que a nossa verdadeira alegria vem de Cristo e, por esse motivo, não se baseia em circunstâncias instáveis, mas sim em um relacionamento estável com Deus. Vale lembrar que na Bíblia, enquanto chorar é permitido, alegrar-se é ordenado: “Alegram-se sempre no Senhor. Novamente direi: Alegram-se!” (Filipenses 4.4).

Nada melhor do que o modelo de como Jesus lutou contra o abatimento de sua alma para ajudar seus discípulos que no presente lutam contra a depressão. Até nessa esfera ele nos deixou exemplo para seguirmos os seus passos (1Pedro 2.21).

Todavia, devemos lembrar que Cristo não é apenas nosso modelo, mas nosso Redentor, aquele que sofreu e triunfou para que pudéssemos ter livre acesso ao Pai por meio dele. Em nossa angústia, podemos recorrer a ele, pois, naquilo que ele mesmo sofreu, é poderoso para socorrer os que são tentados (Hebreus 2.18). Que o Senhor nos ajude na caminhada com Jesus em um mundo caído, mas aguardando o retorno do Supremo Pastor.

Disse Jesus: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve”. (Mateus 11.28-30)

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dias atuais grande parte da população mundial sofre com as desastrosas conseqüências da depressão, sendo esta uma doença que destrói o individuo de dentro para fora é necessário que a cura também possua a mesma trajetória, restaurar os corpos destruídos de dentro para fora, a passagem do livro de Isaías 61: 3-4 fala que: “Ao ordenar aos tristes de Sião que se lhes dê grinalda por cinza, óleo de alegria por tristeza, vestes de louvor por espírito angustiado; [...] E edificarão os

lugares antigamente assolados, restaurarão os anteriormente destruídos”.

Sendo assim é compreensível que a teologia é fundamental para a renovação dos indivíduos que se encontram em estado aflitivo e depressivo, contudo assim como todas as doenças a depressão também necessita de tratamentos clínicos e ajuda de medicamentos, pois não é por se tratar de uma doença que atinge o psicológico de suas vítimas que os médicos não possuem a capacidade de tratá-la, pelo contrario, estes profissionais são essenciais para a recuperação desses indivíduos.

Portanto o trabalho em conjunto dessas duas áreas distintas e conflitantes para o tratamento de um mal extremamente grave, propondo um trabalho multiprofissional entre estas, resultará em resultados positivos e mais completos, visto que, cada uma dessas áreas possui papel extremamente relevante na vida de pessoas que sofrem de depressão, o tratamento clinico cuidaria especificamente da parte biológica atingida pela depressão e o tratamento teológico cuidaria de sarar as feridas o conduzir o espíritos do aflitos em direção à luz, buscando assim o alcance da salvação do seu corpo e alma, alimentado pela palavra de deus e pelos remédios dos homes. Este trabalho em conjunto poderia melhorar e favorecer os tratamentos dos depressivos evitando que esta doença avance no número de vítimas e morte por suicídio.

A religião busca trazer os indivíduos ao encontro de Deus para que estes trilhem os caminhos do senhor e vivem em procura de um proposito divino, sendo assim, buscar a religião nos casos em que um indivíduo está sofrendo com depressão torna-se uma saída positiva. Pois Deus tem o poder de curar os mais aflitos dos indivíduos, a palavra de Deus diz vinde à mim todos os que estão aflitos e eu vos aliviarei, e curar a depressão através da religião é exatamente isto, buscar a palavra de Deus para curar a sua dor, acalmar seu coração e sair do precipício que é a depressão

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA, Português. **Bíblia Sagrada**. Antigo e Novo Testamento. Tradução: João Ferreira de Almeida. São Paulo, 1995.

CID-10. **Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

DEL PORTO, J. A. Evolução do conceito e controvérsias atuais sobre o transtorno bipolar do humor. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 26 supl. 3, São Paulo, out 2004.

ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. **Teologia e a pesquisa sobre espiritualidade e saúde: um estudo piloto entre profissionais da saúde e pastoralistas**. Rev Horizonte. V. 12, n. 35, p. 805-832, jul./set. 2014.

FALCÃO, Sergio da Cunha. **Tende bom ânimo: ansiedade, depressão e teologia prática cristã**. *Be of good cheer: anxiety, depression And christian practice theology*. Unifest 2013

FORTES, Paulo Antonio de Carvalho; ZOBOLI, Elma Lourdes Campos Pavone (Orgs.). **Bioética e saúde pública**. 3a ed. São Paulo: Loyola; 2009. Bioética e saúde pública: entre o individual e o coletivo. Cap. 1, p. 11-24.

GONÇALVES, Cíntia Adriana Vânia; MACHADO, Ana Lúcia. **Depressão, o mal do século: de que século?** In: Revista de Enfermagem UERJ, Rio de Janeiro, 2007 abr/jun; Vol 15. Número 2. P. 298 – 304. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v15n2/v15n2a22.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2021

GOMES, Antonio Maspoli de Araújo. **Um olhar sobre depressão e religião numa perspectiva compreensiva**. Estudos de Religião. V. 25, n. 40, p. 81-109, jan./jun. 2011.

JUDD, Daniel K. **Clinical and Pastoral Implications of the Ministry of Martin Luther and the Protestant Reformation**. Open Theology. V. 2, p. 324-337. 2016. DOI 0.1515/opth-2016- 0027

MATOS, Ismael. **Depressão na igreja: Físico ou Espiritual?** São Paulo: Editora Reflexão, 2017.

KOENIG, Harold George. **Medicina, Religião e Saúde: o encontro da ciência e da espiritualidade**. Tradução de Iuri abreu. Porto Alegre, L&PM, 2012.

KAPLAN, Benjamin; SADOCK, J.; GREBB, J. A. **Compêndio de psiquiatria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LIBÓRIO, Luiz Alencar. **Religiosidade e saúde integral no hinduísmo e budismo**. Revista de Teologia e Ciências da Religião da Unicap. Recife, ano IX, n. 2. p. 9-39, jul./dez, 2010.

SERSON, Breno. **Transtornos de ansiedade, estresse e depressões: conhecer e tratar**. São Paulo: MG Editores, 2016.

SOLOMON, Adrew. **O demônio do meio-dia, uma anatomia da depressão**. Tradução Myriam Campello. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

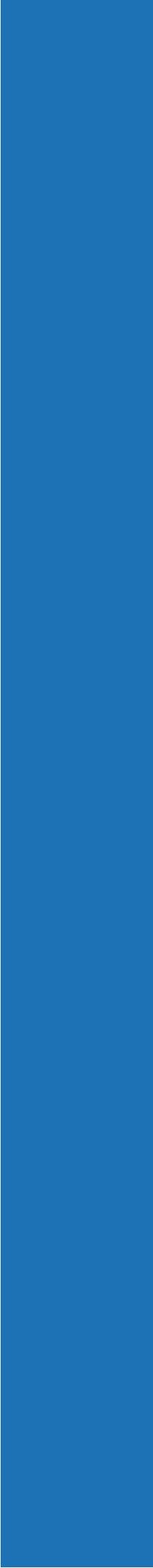


## *Capítulo 6*

---

# **A RELEVÂNCIA DA FAMÍLIA NA CONSTRUÇÃO DA VIDA CRISTÃ DOS ADOLESCENTES**

Andres Balieiro de Sousa



## A RELEVÂNCIA DA FAMÍLIA NA CONSTRUÇÃO DA VIDA CRISTÃ DOS ADOLESCENTES

### THE RELEVANCE OF THE FAMILY IN THE CONSTRUCTION OF THE CHRISTIAN LIFE OF ADOLESCENTS

*Andres Balieiro de Sousa <sup>1</sup>*

#### RESUMO

A qualidade da relação familiar constitui-se como a vinculação entre os membros familiares, quando norteadas por fatores protetivos, tornando-se especialmente relevante na adolescência. Nesta perspectiva, as práticas religiosas têm repercutido no relacionamento familiar, mas têm sido pouco exploradas nas pesquisas nacionais. Diante do exposto, esta pesquisa investigou o impacto que um movimento cristão exerce sobre a qualidade da relação entre pais e filhos adolescentes. O estudo caracterizou-se uma pesquisa bibliográfica. Evidenciou-se que a aderência a vida cristã e a vida na comunidade religiosa se constituiu como uma rede de apoio social e afetiva e possibilitou mudanças no subsistema familiar filial e conjugal, bem como nas práticas educativas e no envolvimento parental.

**Palavras-chave:** adolescência; família; religiosidade; espiritualidade.

#### ABSTRACT

The quality of the family relationship is constituted as the bond between family members, when guided by protective factors, becoming especially relevant in adolescence. From this perspective, religious practices have had repercussions on family relationships, but have been little explored in national research. Given the above, this research investigated the impact that a Christian movement has on the quality of the relationship between parents and teenagers. The study was characterized as qualitative. It was evident that adherence to Christian life and life in the religious community constituted a network of social and affective support and enabled changes in the filial and conjugal family subsystem, as well as in educational practices and parental involvement.

**Keywords:** adolescence; family; religiousness; spirituality.

#### 1. INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade a família tem vivenciado transformações significativas no que se refere à relação entre pais e filhos, especialmente quando estes estão na fase da adolescência. Evidencia-se, portanto, um interesse da comunidade científica em investigar a qualidade da relação

---

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia no Seminário Teológico Assembleia de Deus – SETAD. E-mail: 96999072444a@gmail.com

familiar entre pais e filhos adolescentes a partir das últimas décadas.

A qualidade da relação familiar constitui-se como a vinculação entre os membros familiares, quando esta é norteadada por fatores protetivos que podem ser identificados a partir da afetividade, tipo de comunicação estabelecida, envolvimento dos pais, práticas educativas e estilo parental aderido, clima conjugal estabelecido, bem como das práticas religiosas.

Aderência das práticas religiosas pode ser considerada como um fator protetivo, uma vez que permite o fortalecimento de vínculos no relacionamento familiar, na provisão de apoio, suporte e respeito mútuo. Pode possibilitar ainda a promoção do desenvolvimento de uma autoestima positiva, autocontrole, bem como características de temperamento afetuoso e flexível. Tais autores consideram que os grupos religiosos se constituem como um dos fatores protetivos significativos para o desenvolvimento juvenil.

Neste estudo torna-se relevante a distinção entre os conceitos de religiosidade e espiritualidade. A religiosidade refere-se ao conjunto de crenças e práticas estabelecidas por uma religião na vida de um indivíduo, com base em um sistema de adoração ou doutrina específica partilhada por um grupo.

Portanto, a religiosidade está relacionada a uma instituição religiosa, por meio da qual o indivíduo segue uma crença ou prática proposta por determinada religião. Já o termo espiritualidade norteia questões voltadas ao propósito da vida e à razão de viver. Não se limita a tipos específicos de crenças ou práticas e pode ou não estar relacionada à religiosidade, podendo haver aproximação entre os dois conceitos na vida pessoal de quem a pratica

Frente à relevância de estudos que investiguem o impacto que a religiosidade e a espiritualidade exercem nas relações familiares e na sociedade contemporânea, esta pesquisa tem como objetivo analisar a qualidade da relação entre pais e filhos adolescentes a partir da aderência a um movimento cristão.

Para tanto, propôs-se a descrever as práticas religiosas desenvolvidas por pais e adolescentes que frequentam a igreja; identificar os significados atribuídos à prática religiosa na percepção desses participantes; bem como analisar as repercussões dessas práticas na relação familiar entre os adolescentes e seus pais.

## **2. A FAMÍLIA DO ADOLESCENTE NA SOCIEDADE**

A instituição família vem sofrendo modificações através da história, que pode variar de uma cultura para outra. Durante muito tempo a definição de família se restringiu à ideia de que o pertencimento familiar se efetivava somente pelo fator de consanguinidade. Assim, consideravam-

se membros da família as pessoas que possuíam herança genética, ou seja, que tivesse ligação sanguínea.

A modernidade trouxe consigo avanços significativos e novas formas de entendimento dessas relações. Existem, atualmente, diversos conceitos de família e uma das definições clássicas diz respeito a uma unidade nuclear, eventualmente ampliada por outros indivíduos que com ela possuam laços de parentesco ou de afinidade, que forme um grupo doméstico, vivendo sob o mesmo teto e que se mantém pela contribuição de seus membros. Com esta mudança de conceito, a família nuclear, constituída por pai, mãe e filhos cede espaço para as novas configurações familiares, evoluindo para uma comunidade de consumo. (BARRETO, 2012, p.87)

Apesar das mudanças, a família apresenta capacidade de sobrevivência e de adaptação, originando diferentes formas de composições e de padrões relacionais. A família constitui-se em um centro formador da sociedade, bem como do desenvolvimento individual e da maturidade emocional de cada indivíduo. Desde os tempos mais antigos a família corresponde a um grupo social que exerce forte influência sobre a vida das pessoas, sendo encarada como um grupo com uma organização complexa, inserido em um contexto social mais amplo com o qual mantém constante interação.

O grupo familiar também é importante da determinação e organização da personalidade, além de influenciar significativamente o comportamento individual através de ações e medidas educativas adotadas no âmbito familiar pode-se dizer que esta instituição é responsável pelo processo de socialização primária das crianças e dos adolescentes. (BURKHALTER, 1986, p.35)

Os grupos familiares têm como finalidade estabelecer normas e limites para as relações estabelecidas entre as gerações mais novas e mais velhas, propiciando a adaptação dos indivíduos às exigências do conviver em sociedade.

Para se abordar a família hoje, é preciso considerar que a estrutura familiar, bem como o desempenho dos papéis parentais, modificou-se consideravelmente nas últimas décadas. A tendência da família moderna é ser cada vez mais simétrica na distribuição dos papéis e obrigações, ou seja, uma família marcada pela divisão entre os membros do casal referente às tarefas domésticas, aos cuidados com os filhos e às atribuições externas, sujeita a transformações constantes, devendo ser, portanto, flexível para poder enfrentar e se adaptar às rápidas mudanças sociais inerentes ao momento histórico em que vivemos.

No que diz respeito às relações entre pais e filhos, esse padrão também se modificou, não sendo mais baseado na imposição da autoridade e sim na valorização de um relacionamento aberto, pautado na possibilidade de diálogo, o qual é considerado um elemento importante dentro do contexto familiar, principalmente no que se refere à convivência entre os membros da família. (CAMPOS, 1991, p. 97)

Atualmente verificam-se elementos contraditórios nas práticas paternas e que existem poucas regras que são determinadas, antecipadamente, para disciplinar o cotidiano das crianças. As práticas parentais educativas são determinantes do comportamento de crianças e adolescentes, além

do exemplo que é transmitido no ambiente familiar.

Estudos evidenciam que a adolescência corresponde a um fenômeno cujo elemento psicológico do processo é constantemente determinado, modificado e influenciado pela sociedade. Ela corresponde a um período de descobertas dos próprios limites, de questionamentos dos valores e normas familiares e de intensa adesão aos costumes do grupo de amigos. É um tempo de rupturas e aprendizados, uma etapa caracterizada pela necessidade de integração social, pela busca da autoafirmação e da independência individual e pela definição da identidade sexual.

Necessário ressaltar ainda que o processo de adolescência não afeta apenas os indivíduos que estão passando por este período, mas também as pessoas que convivem diretamente com os mesmos, principalmente a família. Isso porque a adolescência dos filhos tem influência direta no funcionamento familiar. (COLLINS, 2004, p.57)

A família é uma instituição de grande importância para o desenvolvimento e amadurecimento dos indivíduos. Ela deve garantir a sobrevivência da espécie, proporcionar suporte afetivo e emocional, dispor de ambiente adequado à aprendizagem e transmitir os valores culturais da sociedade.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069 de 1990) afirma que é dever, também da família, assegurar com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, educação, esporte, lazer, alimentação, cultura, dignidade, respeito, liberdade e à convivência familiar e comunitária da criança e do adolescente.

Contudo, nem sempre seus direitos são assegurados. Se levarmos em conta o elevado índice de menores abandonados à própria sorte, privados da convivência familiar, habitando viadutos e ruas percebermos o grau de disparidade entre o que é previsto pela lei e o que realmente acontece.

### **3. COMO AJUDAR O ADOLESCENTE NA SUA CAMINHADA COM DEUS**

A juventude cristã precisa mais do que nunca buscar a Jesus, para vencer as tentações, cada vez mais sofisticadas, sutis, destruidoras e difíceis de serem vencidas. Mas não somente isso: há um questionamento por parte dos adolescentes quanto à religião, à fé e às crenças.

A adolescência é o período em que se procura decidir o que quer. Isso significa que é uma fase de questionamento de valores, de pessoas e da realidade. Onde se tenta desenvolver a própria fé, e não reproduzir aquilo que os outros creem e ensinam. Quando um adolescente é mais novo, ele pode ver e tomar como exemplo as pessoas ao seu redor. Mas, conforme vai amadurecendo, passa a distinguir desses exemplos. Assim, ele passa a analisar quem é Deus e descobre, por ele mesmo, o que significam os assuntos espirituais.

Inicialmente o que pode envolver os adolescentes é a dúvida espiritual, em que as questões da fé podem torná-lo um questionador. A dúvida espiritual é caracterizada pela ausência

tanto de concordância quanto de discordância com uma proposição religiosa. Não é o mesmo que descrença, que é a convicção de que determinada coisa é falsa. Psicologicamente, a dúvida é quase sempre acompanhada de ansiedade ou depressão. Para alguns, pode se tornar obsessiva e particularmente perturbadora. As convicções religiosas mudam quando a criança entra na adolescência que, por sua vez, conta mais com o raciocínio que com os preceitos dos pais. (DAUNIS, 2000, p.153)

O desenvolvimento espiritual não segue uma linha reta até atingir o auge da maturidade. O jovem sente um ímpeto emocional durante dias, semanas e até meses quando assume um novo compromisso espiritual, mas, depois de certo tempo, essa energia se dissipa e surgem perguntas que podem causar dúvida. Esse processo é natural. Faz parte do crescimento espiritual. Alguns teólogos enxergam a dúvida como um auxiliar dinâmico da fé, não necessariamente algo que se opõe a ela.

Harris (2010) O adolescente precisa também de modelos de espiritualidade vibrante que possa ter como exemplo. Precisa ver a fé praticada por colegas e também por adultos. Exemplos negativos só pioram. Se não tiver uma comunidade formativa de amigos com a qual compartilhar uma fé comum, o jovem terá dificuldade de desenvolver um compromisso religioso e, portanto, enfrentará a dúvida espiritual.

Para Johnson (2004) Através das dúvidas, o adolescente com sensibilidade espiritual perguntará: “Como vou saber qual é a vontade de Deus em relação a minha vida”? As grandes decisões da vida dos jovens de gerações anteriores foram determinadas pela cultura ou pelos pais. O típico adolescente cristão de hoje encontra uma diversidade de oportunidades e escolhas. Suas decisões são complexas e podem provocar confusão quanto a saber qual a vontade de Deus.

A preocupação, em geral, não é com a soberania ou a vontade moral de Deus, mas com sua vontade individual, seu plano de vida, criado unicamente para cada crente. A vontade de Deus como a única forma pela qual o seu amor se torna manifesto na vida de alguém. Essa vontade é o relacionamento em que Deus revela seus propósitos, seu poder e seus planos para a vida. Obviamente, a maior vontade de Deus é ser conhecido, amado e glorificado.

Lopes (1996) comenta que existem quatro aspectos básicos da busca da aceitação da vontade de Deus. (1) O adolescente deve estar disposto a ouvir a vontade de Deus. Se não houver abertura e disposição, dificilmente ele compreenderá a vontade de Deus. (2) O cristão deve pedir a orientação de Deus em suas orações. Pela oração, o adolescente pode começar a vislumbrar a perspectiva de Deus para a sua vida e pedir para que ele lhe dê forças para cumprir sua vontade. (3) O jovem precisa estudar a Bíblia, não para encontrar a palavra final para algumas decisões complexas, mas para compreender a Deus e os princípios de uma vida plena. (4) o adolescente precisa usar a razão que Deus lhe concedeu para tomar decisões inteligentes. O indivíduo deve confiar que Deus, em sua providência, lhe dará todas as informações necessárias para seguir sua vontade.

O incentivo à leitura bíblica é importante. O fundamento é simples: é a Palavra de Deus. A

Bíblia é o livro inspirado por Deus, com instruções precisas, destinado aos que desejam ser seus seguidores. Contém verdades, padrões, princípios e modelos práticos de como viver uma vida correta e relevante do ponto de vista da eternidade. Sua profundidade e confiabilidade dão a passagem segura e firme de uma existência sem propósito para uma totalmente focada.

Para a autora Omartian (2006) É importante também levar em consideração o incentivo à oração. A oração parece uma completa loucura. Como pode Deus ouvir as orações diárias que aproximadamente 2,1 bilhões de cristãos lhe dirigem? Inicialmente, a oração é válida porque é emocionalmente saudável para quem ora. Ela é a mais alta atividade da qual o espírito humano é capaz. O homem ora porque tem necessidade interior de orar. A oração é a outra via de comunhão com Deus. A primeira via é a leitura da Palavra de Deus. Por esta, Deus fala com a pessoa; por aquela, a pessoa fala com Deus. A prática da oração é um dos mais extraordinários meios de graça de que o homem pode dispor.

Omartian (2006) continuar relatando que orar é simplesmente falar com Deus. É conversar com ele e compartilhar tudo o que está no coração. É contar para ele tudo o que se passa na vida e como está se sentindo em relação a Ele. É compartilhar com Deus todas as coisas que vê que estão erradas e de que forma gostaria que elas fossem mudadas. Ao orar com frequência, o adolescente se concentra em quem é Deus e em quem se é em relação a Ele.

Há algumas coisas a serem consideradas antes de tomar qualquer decisão importante na vida. Ser obediente à vontade de Deus já revelada; estar aberto a qualquer meio ou resultado; examinar a Palavra de Deus para obter princípios de orientação; orar; reconhecer a obra do Espírito Santo; utilizar os conselhos dos outros; considerar as circunstâncias providenciais; analisar a si e o seu meio e tomar a decisão.

Para se tomar uma decisão segura devem ser considerados os desejos pessoais; analisar a competência e as aptidões de lidar com as responsabilidades de uma determinada decisão; o adolescente deve, ainda, examinar as circunstâncias para ver quais são suas oportunidades.

Os planos de Deus para o futuro das pessoas são diferentes de seus desejos para as circunstâncias presentes. Não compete ao cristão prever o futuro. Em geral, Deus revela seus planos específicos para alguém aos poucos. A ansiedade indevida surge em virtude da ideia de que é preciso saber o futuro para compreender a vontade de Deus para o presente. O adolescente deve ser estimulado a se concentrar mais nos desejos de Deus agora e não se apressar a tirar conclusões sobre o amanhã. O futuro não pode ser conclusivamente determinado. A suprema vontade de Deus se revela quando as pessoas fazem, no momento presente, o que mais lhe agrada. (BARRETO, 2012, p.110)

A direção de Deus para a vida nem sempre se apresenta de maneira clara. Mas é necessário primeiro conhecer a vontade de Deus expressa na Bíblia, que serve como um manual. É importante também desejar e colocar diante de Deus aquilo que se almeja por meio da oração. Assim, é preciso estar disposto a ouvi-lo e pronto a lhe obedecer

#### 4. RESULTADOS

As práticas religiosas, como a oração, depoimentos de experiências com o Sagrado e leituras bíblicas, são compreendidas como estratégias que promovem a autoconfiança do sujeito em lidar com as adversidades e estabelecer comportamentos de aprendizagem positiva. Constata-se que a adesão às práticas cristãs sugere uma vivência de espiritualidade, a qual repercute nas escolhas pessoais quanto a um estilo de vida saudável.

há uma forte tendência na atualidade de os adolescentes buscarem o lazer religioso, ou seja, mediante grupos de convivência cristã juvenil os participantes estabelecem novas formas de relação com o Sagrado,

Verifica-se que os adolescentes passam a estabelecer os significados atribuídos às vivências espirituais, não somente pela identificação parental, mas à medida que se identificam com o próprio grupo de jovens no movimento religioso e que estabelecem experiências religiosas-espirituais com o Deus

A religiosidade se constitui numa dimensão fundamental na vida dos jovens e adolescentes, sendo que o vínculo às identidades religiosas é um pilar essencial na construção da identidade social do jovem, bem como da sua visão de mundo e de sociedade.

Também se evidencia a relevância dada à Bíblia Sagrada como uma referência de direcionamento e instrumentalização, constituindo-se como um recurso de apoio frente às decisões a serem tomadas. Além da leitura da Bíblia como um recurso mediador, também pôde ser constatado nas pesquisas uma explanação sobre o processo de identificação e crescimento espiritual dos adolescentes.

#### 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A influência da Palavra de Deus precisa ser observada também hoje em dia. Ao olhar para o passado e perceber a grande diferença que ela proporcionou aos que a praticaram vividamente, inclusive Jesus, percebe-se que ela é realmente importante, não apenas por ser seguida, falada ou pregada por muitas igrejas, mas por conter as palavras de Deus expressas para as pessoas terem-na como um guia e para que possam estabelecer uma completa relação com o seu Criador. Por outro lado, além da importância da Palavra de Deus na adolescência cristã, apontou-se neste trabalho a importância da família na educação e na sua influência para com o adolescente.

Diante de Deus, os adolescentes devem buscar boas influências, tendo amigos cristãos e, se possível, uma boa base para as dificuldades que irão enfrentar em sua vida. Atentar para a vida cristã e dar a ela sua devida atenção é tão fundamental quanto se imagina. O adolescente precisa

perceber que depende de Deus e que a igreja irá ajudá-lo nesta relação e desenvolvimento. Muito embora seja difícil hoje em dia trabalhar com adolescentes e competir contra a sociedade em meio a um mundo globalizado que interfere grandemente na vida e desenvolvimento do adolescente.

A igreja cristã precisa atentar para o adolescente a ajudá-lo na sua caminhada e desenvolvimento, ajudando-o e influenciado nas suas decisões, que nesta fase são tão importantes. Mas, acima de tudo isso, o adolescente precisa perceber mais do que tudo que Deus o ama e mandou Jesus para dar a sua vida por todos os que creem nele, e não somente isso, mas também dar exemplo de como viver.

## REFERÊNCIAS

BARRETO JÚNIOR, Lúcio. **Manual de sobrevivência para o jovem cristão**. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2012.

BURKHALTER, Frank E. **Como ganhar os adolescentes**: sugestões práticas para os que trabalham com adolescentes. Trad. Lauro Bretones. 4ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1986.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Lei nº 8.069, 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o **Estatuto da Criança e do Adolescente** e dá outras providências. Diário Oficial da União. ano 1990, Disponível em: <https://cutt.ly/yECVBmB>. Acesso em: 6 out. 2021.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da adolescência**: normalidade e psicopatologia. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991. 156 p.

COLLINS, Gary R. **Aconselhamento cristão**: edição século 21. Trad. Lucília Marques Pereira da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2004.

DAUNIS, Roberto. **Jovens**: desenvolvimento e identidade trocam de perspectiva na psicologia da educação. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

HARRIS, Alex e Brett. **Radicalize**: um desafio para fazer diferença na adolescência. Trad. Omar de Souza. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

JOHNSON, Lin. **Como ensinar adolescentes**: descubra a alegria de trabalhar com eles. Trad. Luciana Zibordi. 2ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

LOPES, Jamiel de Oliveira. **Aprendendo a lidar com o adolescente**: um manual prático para professores. São Paulo: Candeia, 1996.

OMARTIAN, Stormie. **O poder do adolescente que ora**. Trad. Valéria Delgado. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

PARROTT, Les. **Adolescentes em conflito**: os 36 problemas mais comuns na adolescência. Um guia prático para pais e educadores. Trad. Denise Avalone. São Paulo: Vida, 2003.

# *Capítulo 7*

---

## **A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA NA FORMAÇÃO DO PERFIL DO GESTOR ECLESIAÍSTICO NA IGREJA EVANGÉLICA À PIONEIRA NO AMAPÁ**

Josias Santos do Rosário  
Miriam Carvalho da Silva

## A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA NA FORMAÇÃO DO PERFIL DO GESTOR ECLESIAÍSTICO NA IGREJA EVANGÉLICA À PIONEIRA NO AMAPÁ

### THE IMPORTANCE OF PSYCHOLOGICAL EVALUATION IN THE FORMATION OF THE PROFILE OF THE ECCLESIASTICAL MANAGER IN THE EVANGELICAL CHURCH TO PIONEER IN AMAPÁ

*Josias Santos do Rosário*<sup>1</sup>

*Miriam Carvalho da Silva*<sup>2</sup>

#### RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma revisão da pesquisa baseado numa leitura do perfil do gestor eclesiástico incluindo as características secular, o modelo bíblico desse gestor, e de que forma a avaliação psicológica pode colaborar nesta formação. Partindo desse princípio buscou –se traçar o perfil desse gestor eclesiástico. Para o gestor de pessoas se destacar entre os demais, é necessário que tenha o autoconhecimento, ser o exemplo, proativo, como também precisa ser irrepreensível, vigilante, sóbrio, honesto e dentre outros.

**Palavras – Chave:** Avaliação, Perfil, Gestor eclesiástico.

#### ABSTRACT

This work was developed from a review of the research, based on a reading of the profile of the ecclesiastical manager, including the secular characteristics, the biblical model of this manager, and how psychological evaluation can collaborate in this training. Based on this principle, we sought to draw the profile of this ecclesiastical manager. For the manager of people to stand out among others, it is necessary that he has self-knowledge, be the example, proactive, but also needs to be irreproachable, vigilant, sober, honest and among others.

**Keywords:** Evaluation, Profile, Ecclesiastical manager.

#### 1. INTRODUÇÃO

O conceito de avaliação psicológica é amplo, se refere ao modo de conhecer fenômenos e processos psicológicos por meio de procedimentos de diagnósticos e prognóstico, para criar as condições de aferição de dados e dimensionar esse conhecimento. Esta avaliação assume um papel

---

<sup>1</sup> Bacharel em psicologia pela faculdade Estácio Macapá. Pós-graduado lato senso em gestão eclesiástica, pela faculdade cristã da Amazônia- FCA. E-mail: Josiasantos07@gmail.com

<sup>2</sup> Bacharel em Teologia e Massoterapeuta. E-mail. Miriann1503@gmail.com

fundamental na gestão eclesiástica.

No ambiente eclesiástico, observa-se que a gestão é o exercício da liderança na direção da missão, com o foco em pessoas, dentro dos princípios e valores que se preconiza, com boas técnicas e procedimentos, fazendo acontecer os resultados que se tem como alvo, no intuito de alcançar metas e objetivos bem definidos previamente junto à liderança local, na direção da missão cristã.

Esta pesquisa se configura de natureza qualitativa baseada na revisão de bibliografia, contidas em livros e artigos científicos disponíveis na base de dado científico. Apresentado na seguinte disposição: conceitos de avaliação psicológica, as características principais de um gestor, características bíblicas do gestor eclesiástico e os procedimentos para se definir o perfil de um gestor eclesiástico e as considerações finais.

## 2. CONCEITO DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA

Avaliação Psicológica é um conjunto de procedimentos para a tomada de informações de que se necessita e não deve ser entendida como um momento único em que um instrumento poderia ser suficiente para responder às questões relacionadas ao problema que se pretende investigar. Segundo afirma a cartilha de avaliação psicológica do CFP (2007).

A avaliação psicológica é um processo técnico e científico realizado com pessoas ou grupos de pessoas que, de acordo com cada área do conhecimento, requer metodologias específicas. Ela é dinâmica, e se constitui em fonte de informações de caráter explicativo sobre os fenômenos psicológicos, com a finalidade de subsidiar os trabalhos nos diferentes campos de atuação do psicólogo, dentre eles, saúde, educação, trabalho e outros setores em que ela se fizer necessária. Trata-se de um estudo que requer um planejamento prévio e cuidadoso, de acordo com a demanda e os fins aos quais a avaliação se destina. (Cartilha Avaliação Psicológica do CFP 2007)

Segundo a Resolução (CFP nº 07/2007) A avaliação psicológica ou psicodiagnóstico configura uma situação com papéis bem definidos.

Os resultados das avaliações devem considerar e analisar os condicionantes históricos e sociais e seus efeitos no psiquismo, com a finalidade de servirem como instrumentos para atuar não somente sobre o indivíduo, mas na modificação desses condicionantes que operam desde a formulação da demanda até a conclusão do processo de avaliação psicológica”. Cumpre enfatizar que os resultados das avaliações psicológicas têm grande impacto para as pessoas, os grupos e a sociedade (Cartilha Avaliação Psicológica do CFP 2007).

Esta avaliação assume um papel fundamental na gestão eclesiástica. No ambiente eclesiástico, observa-se que a gestão é o exercício da liderança na direção da missão, com o foco em pessoas, dentro dos princípios e valores que se preconiza, com boas técnicas e procedimentos, fazendo acontecer os resultados que se tem como alvo, no intuito de alcançar metas e objetivos bem

definidos previamente junto à liderança local, na direção da missão cristã.

[...] O processo de avaliação psicológica é capaz de prover informações importantes para o desenvolvimento de hipóteses, por parte dos psicólogos, que levem à compreensão das características psicológicas da pessoa ou de um grupo. Essas características podem se referir à forma como as pessoas irão desempenhar uma dada atividade, à qualidade das interações interpessoais que elas apresentam, etc. Assim, dependendo dos objetivos da avaliação psicológica, a compreensão poderá abranger aspectos psicológicos de natureza diversa. É importante notar que a qualidade do conhecimento alcançado depende da escolha de instrumentos que maximizem a qualidade do processo de avaliação psicológica. (Cartilha Avaliação Psicológica do CFP 2007).

O fato é que, a igreja necessita de bons gestores, assim como uma empresa precisa de profissionais que estejam à frente, liderando, para ajudar na divisão de tarefas e ajustar qualquer necessidade que surgir no dia a dia. Estes são os gestores de pessoas, fundamentais para o sucesso dos processos e resultados de uma empresa. (IBC,2018).

### **3. AS CARACTERÍSTICAS PRICIPAIS DE UM GESTOR**

Para um gestor de pessoas se destacar entre os demais, é necessário que tenha o autoconhecimento muito bem desenvolvido. Segundo o Instituto Brasileiro de Coaching. Esta é uma característica importante para este tipo de profissional, pois, através do autoconhecimento o indivíduo é capaz de identificar suas qualidades e seus pontos de melhoria, adquirir segurança para tomar decisões, traçar metas e objetivos assertivos e assim, ter focos bem definidos contribuirão para o desenvolvimento da sua equipe. (IBC, 2018, p. 65).

#### **3.1. Ser O Exemplo**

Deve ser a marca registrada de um gestor, seus colaboradores o olharão como alguém que possui um comportamento e conduta de acordo com os valores da empresa, ter coerência em suas palavras, inspirar confiança e ser transparente em suas ações.

#### **3.2. A Comunicação**

É essencial no perfil do bom gestor de pessoas. É a capacidade de desenvolver uma comunicação que lhe será capaz de trazer o grupo pra si. A comunicação assertiva, leva o gestor a conseguir transmitir as informações desejadas de forma transparente e objetiva, assim suas mensagens serão devidamente interpretadas na sua equipe.

#### **3.3. Ser Agradável**

É cumprimenta cada membro de sua equipe, sendo cortês e amável, considerando cada colaborador como um colega de trabalho, surtirá bons resultados para a equipe desse gestor.

#### **3.4. Saber Entender**

Em se tratando de um ambiente de trabalho, logo irá surgir os conflitos entre as pessoas. O gestor precisa saber entender cada componente de sua equipe, para assim poder auxiliar o grupo na resolução dos conflitos. Um dos grandes entraves na vida do gestor é o tempo, ele deve ser apto para gerir de forma correta. “Isso quer dizer que ele precisa definir aquilo que é prioridade na sua rotina de trabalho, estabelecer prazos de entrega e cumprir suas funções de forma assertiva.

### **3.5 Planejar Suas Ações**

Todo líder deve ser um bom planejador, isso determinará o resultado de todas as suas ações. Estipulando prazos para cada etapa ou ciclo para a conclusão da tarefa.

### **3.6 Distribuir Responsabilidades**

Nem sempre é uma tarefa confortável para o gestor, mas ele precisa ter uma equipe bem ajustada em todos sentidos, para assim poder ter a tranquilidade de na hora de repartir responsabilidades. Essa é uma maneira de criar nos seus colaboradores uma sensação de pertencimento nas ações realizadas.

### **3.7 Positividade**

O líder deve sempre se mostrar motivado, pensar positivamente. Isto fará com que cada colaborador tenha energia suficiente para desenvolver sua tarefa. Ter essa positividade fará do gestor um diferencial no meio da equipe, onde será visto como alguém que eleva a motivação do grupo.

### **3.8 Desenvolver Talentos**

O trabalho desenvolvido pelo gestor, fará com que novos talentos sejam descobertos ou desenvolvidos no meio da equipe. O líder precisa ser um bom incentivador, para que os liderados possam se sentir seguros para desenvolver suas habilidades e talentos. Para o instituto brasileiro de coaching IBC (2018) o gestor precisa:

Avalia, individualmente, a performance de cada um, mostrando onde estão ocorrendo acertos e onde precisam haver melhorias em seu desempenho. E não para por aí! Como sabe que é um ser humano passível de falhas, ele também pede que todos que fazem parte de sua equipe avaliem a forma como ele conduz a sua liderança, para que saiba onde está acertando e onde precisa fazer ajustes. É importante lembrar, que tudo isso acontece da forma mais respeitosa possível, ou seja, neste processo de feedback positivo, nenhuma pessoa sai ou se sente ofendida, pelo contrário, todos saem entendendo que para que haja crescimento e progresso, é necessário onde estão ocorrendo as falhas, para que se tenha a oportunidade de melhorar, e onde estão os acertos, que ajudam a alcançar o sucesso, individual e coletivo. (IBC, 2018, p. 87)

#### 4. CARACTERÍSTICAS BÍBLICA DE UM GESTOR ECLESIAÍSTICO

Em contra ponto às qualidades de um gestor, temos o perfil bíblico de um gestor eclesiástico ou gestor (espiritual), o gestor eclesiástico precisa se enquadrar no que diz a Bíblia Sagrada. De acordo com Paulo “Esta é uma palavra fiel: se alguém deseja o episcopado, excelente obra deseja.” (1 Timóteo. 3:1: Revista Almeida Atualizada). A partir do versículo primeiro traça um perfil que seria o ideal para um líder ou gestor eclesiástico:

A) Irrepreensível: Todo gestor eclesiástico deve primar por ser uma pessoa irrepreensível, pois isso, lhe fará ter a aprovação de seus liderados. (1 Timóteo. 3:2: Revista Almeida Atualizada)

B) Sóbrio e Honesto: O gestor precisa ser honesto com todos a sua volta, principalmente ser honesto consigo mesmo. (1 Timóteo. 3:1: Revista Almeida Atualizada)

C) Apto a ensinar: Estar apto para o ensino, o gestor, pastor, líder não podem abrir mão do ensinar o seu grupo, ou membresia da igreja. (1 Timóteo. 3:2, Revista Almeida Atualizada)

D) Não dado ao vinho: Para um gestor, ser amante de bebida alcoólica, pode sinalizar fraqueza, o vinho tira o poder de discernimento do ser humano. (1 Timóteo. 3:3. Revista Almeida Atualizada)

E) Segundo (1 Timóteo. 3:3: Revista Almeida Atualizada) o gestor “Não pode ser espancador”. A violência não combina com a vida de um líder, nos tempos de pós modernidade é inaceitável que alguém assuma posições de tal relevância tendo a prática de espancador no seu “currículo”. A família do gestor, pastor, líder eclesiástico não faz parte do ministério, mas sim é a base que sustenta um ministério profícuo, e não soa bem que um líder seja um provocador de violência doméstica, seja ela agressão física, verbal ou psicológica.

F) Moderado: É a qualidade de quem age com moderação, ou moderadamente, comedido, equilibrado. Um gestor não pode ser amante de contendas, pois isso o levará a ruína e sua queda será fatal.

G) Não neófito: O líder precisa ter no seu “currículo” um nível de experiência que lhe garanta o mínimo de respaldo no tratar dos assuntos. (1 Timóteo 3. 6, Nona Versão Internacional)

H) Tenha bom testemunho dos de fora: É importante que o líder seja bem visto, quisto pelos que não fazem parte de sua comunidade cristã. Quando alguém de fora traz um testemunho a respeito de alguém contribuirá de forma positiva ou negativa para com essa pessoa, no caso do gestor eclesiástico será positivamente.

I) Ser um obreiro aprovado: Ter essa prerrogativa de ser aprovado não só nos processos de avaliação. Mas ter respaldo no que se propõe a fazer. (2 Timóteo 3: 6, Nona Versão Internacional)

J) Não se envergonhe de nada, a timidez não condiz com a conduta de um gestor eclesiástico, ou seja, ela pode leva-lo ao fracasso.

K) Maneje bem a palavra da verdade: Ter essa habilidade com a palavra é indispensável, pois estamos lidando com pessoas de todas as classes sociais. (2 Timóteo 2 .15 Nova Versão internacional)

L) Evitar falatórios profanos: Que venham escandalizar a igreja ou o grupo, desta forma estará zelando pela boa reputação da sua equipe. ((2 Timóteo 2 .16 Nova Versão internacional)

M) Se aparte da iniquidade: É um pecado que se não evitado fatalmente conduzirá o gestor por caminhos tortuosos. (2 Timóteo 2 :15, Nova Versão internacional)

N) Ser manso: É uma das qualidades de Cristo, e o gestor precisa ser um possuir essa qualidade. (Mateus 11. 29, Nova Versão internacional). Dentre os desafios da administração eclesiástica,) destaca:

Às vezes, para alguns pastores é frustrante pastorear e gerir uma Igreja em crescimento. O pastor é sempre pressionado, a aumentar o número de membros de membros da comunidade e a desenvolver a novas ações de crescimento. Mas, se a Igreja cresce, ele normalmente fica frustrado porque não se sente capaz de liderá-la. (Marcelino 2014, p.34)

## 5. OS PROCEDIMENTOS DE AVALIAÇÃO QUE SE USA PARA DEFINIR O PERFIL DO GESTOR ECLESIASTICO

Para que se tenha um bom resultado no que se busca avaliar, é importante que o avaliador, lance mão de todo material disponível para o auxiliá-lo, na igreja evangélica Assembleia de Deus, se usa diversos tipos de avaliações: como a entrevista vocacional que é liderada por uma banca de líderes de pastores que é designada pelo pastor presidente da igreja, nesta entrevista o candidato responde perguntas voltada a sua vocação ministerial.

Em seguida ele(a) passa pela avaliação psicológica que é composta por profissionais da psicologia, que tenha ou seja pertencente ao ministério, ou seja, um pastor, pastora, missionário(a) que tenha a formação de psicólogo. Como membro dessa comissão desde 2016 buscou-se uma bateria de instrumentos para esta avaliação.

### 5.1. Entrevista Psicológica

A entrevista, trata de uma importante ferramenta na definição de um perfil. é um instrumento fundamental de trabalho para o psicólogo e se diferencia das demais formas de entrevista devido aos seus objetivos puramente psicológicos (investigação, diagnóstico, terapia, dentre outros). Sendo uma técnica, ou conjunto de técnicas, de coleta de dados e informações que permitem ao entrevistador conhecer as representações do indivíduo, como sua história de vida, crenças, valores,

desejos, conflitos, traumas, fantasias, "sombras".

Para Silvestre (2009). A entrevista psicológica pode ser classificada conforme sua estrutura em tipos fundamentais de: entrevista aberta e entrevista fechada. Na entrevista aberta há uma maior flexibilidade, pois o entrevistador conduz o curso das perguntas de acordo com a necessidade e o caso, em detrimento da entrevista fechada onde tanto a ordem quanto a maneira de formular as perguntas já estão previstas e não podem ser alteradas.

### **5.2 Teste De Atenção Concentrada**

Atenção Concentrada, esse teste dará ao avaliador as habilidades e características da atenção concentrada do avaliando, o quanto estará atento as atividades desenvolvidas frente ao grupo ou igreja.

### **5.3 Teste De Personalidade**

Neste teste o avaliador buscará as características exclusivas de cada indivíduo tais como: agressividade, insubordinação, traços de sociopatia, psicopatia, desvios na sexualidade entre outros. Segundo Machado (2014). A avaliação psicológica só um profissional da área de psicologia estar apto a realizar.

Avaliar alguém não é só aplicar testes e corrigi-los com crivos, “encaixando a pessoa em uma determinada faixa. Avaliar alguém envolve reconhecer, inicialmente, os objetivos daquela avaliação, a que fim ela se destina e, principalmente, as consequências dos resultados para aquela pessoa e para os envolvidos na situação. Por este motivo, o uso dos testes psicológicos deve ser entendido como uma parte do processo de avaliação, parte esta importantíssima, que pode nos fornece informações vitais para o embasamento do nosso posicionamento. Porém a entrevista é imprescindível a qualquer avaliação psicológica (senão trabalharíamos “às cegas”), e o máximo de dados que pudemos obter através dos outros recursos técnicos que dispomos são importantes. (Machado, 2014, p. 76)

## **6. RESULTADO DA AVALIAÇÃO**

Essas técnicas e procedimentos irão colaborar para o resultado final da avaliação, a cada ano é avaliado um número x de candidatos, destes cerca de 80% são aprovados, o restante de 20% fica por algum motivo, seja na entrevista vocacional ou na avaliação psicológica. Vale salientar que existe outras duas etapas dessa avaliação, que são a fase documental e a prova de conhecimentos teológicos.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considera-se que a avaliação psicológica na formação do perfil profissional e espiritual do

gestor eclesiástico, dentro dessas características, acima exposta. Possa ser um diferencial no auxílio da formação de cada profissional, levando em conta que o gestor deva ser uma pessoa preparada e com múltiplas habilidades na gerencia de um grupo, ou igreja.

O problema é que a maioria de nossos pastores não recebe preparo suficiente para administrarem uma instituição grande e em expansão. Embora a maioria dos pastores sintam-se capazes de liderar a Igreja no campo espiritual, mas infelizmente, poucos se sentem aptos o bastante para administrá-la como instituição.

Diferentemente das pessoas que exercem outras profissões, a equipe que administra uma igreja normalmente recebeu sua formação nos seminários ou faculdades teológicas, onde a grade curricular inclui disciplinas como Homilética, Escatologia, Tipologia, Hermenêutica (Exegese), etc., e o estudo dessas disciplinas é benéfico, ajudando o pastor a transmitir os ensinamentos doutrinários corretos. Porém, nenhuma delas prepara o pastor para administrar ou liderar uma instituição ou grupo.

Além do preparo bíblico- teológico o candidato à gestor eclesiástico precisa ter em mente que sua tarefa, nunca será das mais simples, por isso que avaliação psicológica é um diferencial na formação desse futuro gestor. É importante que o gestor possua essas características listadas acima para que, assim possa desenvolver suas habilidades. Desta forma não resta dúvidas de que a avaliação psicológica é o meio pelo qual pode se definir o perfil de um gestor eclesiástico, é logico que possuir todas essas características, não são garantia para ser um bom gestor, mas é um bom passo para o equilíbrio entre pastorear e gerir um grupo ou igreja.

## REFERÊNCIAS

92

BIBLIA, Português. **Bíblia de Estudo Vida Plena**: N, T. Nova versão internacional, NVI, Rio de Janeiro. 2014.

BÍBLIA, Português. **Bíblia de Estudo Almeida**: Revista Atualizada- Sociedade Bíblica do Brasil.1999.

BIBLIA, **Sagrada do homem**: N.T. nova versão internacional NVI, central gospel -2009.

GABY. Eliel dos Santos: **A administração estratégica da organização eclesiástica com objetivo de atender às demandas do nosso tempo**, 2013.

HISATUGO. Carla Luciano Codani. **O início do processo de avaliação psicológica Psicólogo informação** ano 17, n, 17 jan./dez. 2013. <https://www.ibccoaching.com.br/portal/saiba-qual-e-o-perfil-de-um-bom-gestor-de-pessoas/>

MACHADO. Adriane Picchetto. **O uso de técnicas de avaliação psicológica**. 2014.

MARCELINO. Nilton Cesar. **Administração eclesiástica**. Faculdade Teológica de Lorena- FTL, 2014.

PORTUGUES. **Dicionário Online- cobiça** Disponível em: <https://www.google.com/search?q=.+Dicion%C3%A1rio+Online+cobi%C3%A7a&rlz>. Acesso em: 20 set. 2020

SILVA E RIBEIRO Geoval Jacinto e Otoniel Luciano. Gestão e serviço: administração nas organizações religiosas sem fins lucrativos. **Revista Caminhando** v. 15, n. 1, p. 107-118, jan./jun. 2010

PSICOLOGI ACFP. **Cartilha de avaliação psicológica**, 2013.

SILVESTRE, Josel. **A Entrevista Psicológica**. Psicologado, [S.l.]. (2009). Disponível em <https://psicologado.com.br/psicodiagnostico/a-entrevista-psicologica>. Acesso em 22 Set 2020.



## *Capítulo 8*

---

# **SURDEZ NO ÂMBITO RELIGIOSO: INCLUSÃO DA PESSOA SURDA NA IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS - A PIONEIRA, CONGREGAÇÃO FONTE DA BENÇÃO**

Leidiane Soares Ferreira de Sousa  
Liliane Soares Ferreira Matos

**SURDEZ NO ÂMBITO RELIGIOSO:  
INCLUSÃO DA PESSOA SURDA NA IGREJA EVANGÉLICA  
ASSEMBLEIA DE DEUS - A PIONEIRA, CONGREGAÇÃO FONTE DA  
BENÇÃO**

DEAFNESS IN THE RELIGIOUS SCOPE:  
INCLUSION OF DEAF PEOPLE IN THE EVANGELICAL CHURCH  
ASSEMBLEIA DE DEUS - A PIONEIRA, FONTE DA BLESSING  
CONGREGATION

*Leidiane Soares Ferreira de Sousa<sup>1</sup>*

*Liliane Soares Ferreira Matos<sup>2</sup>*

**RESUMO**

A igreja como uma instituição social e espiritual deve ser um lugar de acolhimento e inclusão. Diante de um número significativo de pessoas com surdez no Brasil a igreja não pode fechar os olhos para esta questão. Este trabalho pretende fazer uma análise reflexiva a respeito da inclusão de pessoas com surdez dentro dos templos da igreja, trazendo uma pesquisa bibliográfica e também em campo com dois surdos da igreja evangélica Assembleia de Deus - A pioneira, congregação Fonte da Benção. Neste sentido este trabalho traz na sua primeira parte o conceito de Surdez, em seguida faz uma análise histórica sobre o tema, traçando considerações sobre a comunidade surda e sua língua (LIBRAS). A segunda parte desta pesquisa traz um enfoque sobre a inclusão da pessoa surda no âmbito religioso, abordando sobre a igreja e o seu papel missionário, refletindo também sobre o desafio da igreja na inclusão da pessoa surda e finaliza trazendo algumas considerações sobre como acontece o acolhimento e inclusão dos surdos que congregam na igreja Assembleia de Deus- A pioneira, Congregação Fonte da benção. A inclusão da pessoa surda dentro das igrejas não é tarefa simples, pois vai muito além de dar acesso, envolve a capacidade das pessoas em lidar com o desconhecido e dar condições para que eles possam entender a mensagem e o que se passa neste ambiente espiritual.

**Palavras-chave:** inclusão; deficiência; surdez; igreja.

**ABSTRACT**

The church as a social and spiritual institution must be a place of acceptance and inclusion. Faced with a significant number of people with deafness in Brazil, the church cannot turn a blind eye to this issue. This work intends to make a reflective analysis about the inclusion of people with deafness inside the church's temples, bringing a bibliographical research and also in the field with two deaf people from the evangelical church Assembly of God - A Pioneer, Source of Blessing Congregation. In this sense, this work brings in its first part the concept of deafness, then makes a historical analysis on the subject, drawing considerations about the deaf community and its language (LIBRAS). The second part of this research focuses on the inclusion of deaf people in the religious sphere, addressing the church and its missionary role, also reflecting on the challenge of

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia e Licenciatura Plena em Pedagogia. E-mail: leidianesfs@gmail.com

<sup>2</sup> Bacharel em Teologia e Licenciatura em Letras E-mail: liliaferreira26@hotmail.com

the church in the inclusion of deaf people and ends by bringing some considerations about how reception happens. and inclusion of deaf people who congregate in the Assembly of God church - A Pioneer, Source of Blessing Congregation. The inclusion of deaf people in churches is not a simple task, as it goes far beyond providing access, it involves people's ability to deal with the unknown and provide conditions for them to understand the message and what is happening in this spiritual environment.

**Keywords:** inclusion; deficiency; deafness; church.

## 1. INTRODUÇÃO

A discussão sobre inclusão é de grande relevância em nossa sociedade por se estar vivendo em uma época em que o respeito à diversidade e a garantia do direito à participação social de cada indivíduo tem surgido como uma questão emergente. Este grupo de pessoas está diretamente inserido na sociedade fazendo parte dos elementos que convivem entre si, em diversas esferas, tais como: escola, igreja, família, grupo de amigos entre outros; sempre se estará rodeado de pessoas que possuem algum tipo de deficiência. Diante disso, percebe-se que há uma necessidade de saber conviver com o diferente e aceitar as diferenças dos outros.

A inclusão social é um tema atual e que está cada vez mais sendo discutido e alcançando vários setores da sociedade. A igreja como uma instituição social e espiritual também deve ser, observar e oferecer um lugar de acolhimento e inclusão. Diante de um número significativo de pessoas com deficiência no Brasil a igreja não pode fechar os olhos para esta questão.

Este tema surgiu da necessidade de muitas igrejas se adequarem à nova realidade da inclusão deste público, além de ser uma temática pouco abordada no campo teológico. Neste sentido, este trabalho pretende fazer uma análise reflexiva a respeito da inclusão de pessoas com surdez dentro dos templos da igreja. Traz uma abordagem bibliográfica sobre o tema, complementando com uma pesquisa em campo com dois surdos da Igreja Evangélica Assembleia de Deus – A Pioneira, Congregação Fonte da Benção, localizada no Km 9 em Macapá, Estado do Amapá.

Um dos grandes desafios da Igreja hoje é atingir evangelisticamente grupos que estão na invisibilidade. Há templos de várias igrejas hoje que ainda se encontram insensíveis à causa da inclusão, mesmo tendo como base o amor ao próximo e conhecendo o impacto do alcance da salvação para essas pessoas. O apóstolo Paulo lembra em sua Carta aos Romanos que amar ao próximo é um mandamento de Deus aos cristãos (Rm 13:8); para tanto, deve-se cumprir as Sagradas Escrituras praticando o amor ao próximo não como uma opção, mas como um mandamento divino.

A Bíblia mostra a preocupação especial de Deus com as pessoas que são desfavorecidas e excluídas. Quando se observa os relatos dos Evangelhos, percebe-se as histórias das pessoas que

Jesus curava: cegos, surdos, deficientes físicos, entre outros. O contexto da época mostrava que pessoas diferentes aos de padrões ditos normais pela sociedade eram marginalizadas e excluídas da sociedade; mas Jesus se preocupava com elas e tratava suas necessidades demonstrando que também eram dignas de serem tocadas por Ele. Neste sentido, a igreja está conduzindo as pessoas com deficiência a Jesus também? Esta pesquisa é uma excelente reflexão de como a igreja pode e deve ser inclusiva como foi o ministério terreno de Jesus.

## 2. A SURDEZ

A deficiência auditiva consiste na privação parcial ou total da capacidade de ouvir. De acordo com o parágrafo único do Decreto de nº 5.626 de 25 de dezembro de 2005, “Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz”. Os vários tipos de deficiência auditiva são classificados de acordo com o grau de perda auditiva. A audição é avaliada pela intensidade de captação do som, que é medida em decibéis. Lima (2006, p.19) diz que “consiste na perda maior ou menor da percepção normal dos sons, na qual verifica-se a existência de vários tipos de pessoas com surdez, de acordo com os diferentes graus de perda da audição”.

A surdez consiste na ausência total ou parcial de sons, decorrente de problemas auditivos. É considerado surdo total aquele que tem total ausência da audição, ou seja, que não ouve nada. E é considerado parcialmente surdo todo aquele que a capacidade de ouvir é comprometida, com ou sem prótese auditiva. Para identificar a perda auditiva, é necessário fazer o exame audiológico, conduzido por um fonoaudiólogo. Lima (2006) classifica a pessoa parcialmente surda em pessoa com surdez leve (40 dB) e pessoa com surdez moderada (de 41 à 70 dB); classifica também a pessoa surda em pessoa com surdez severa (71 a 90 dB) e pessoa com surdez profunda (superior a 90 dB).

Em muitos casos, o diagnóstico médico consegue identificar a causa mais provável da perda auditiva. Quando se consegue descobrir a causa, o mais frequente é que ela se deva a doenças hereditárias, rubéola materna e meningite, nascimento prematuro.

Os fatores etiológicos são os fatores que podem causar surdez, fatores estes, que podem ocorrer nos períodos: pré-natal, peri-natal ou pós-natal. O período pré-natal corresponde ao momento gestacional, onde fatores provenientes de doenças adquiridas durante a gestação da mãe, como rubéola, toxosplasmose, citomegalovírus, podem levar o feto a adquirir surdez. (ALVES, 2012, p.81)

De modo geral a surdez é o nome dado à impossibilidade ou dificuldade de ouvir e pode ocorrer por vários fatores, bem como, pode variar em graus e tipos de surdez. A surdez traz muitas limitações para o desenvolvimento do indivíduo, considerando que a audição é essencial para a

aquisição da linguagem falada, a sua limitação interfere em comunicar-se por via auditiva, tornando necessária medidas que possibilitem a comunicação como um instrumento de inclusão social.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgados em 2020, mais de 10 milhões de pessoas tem algum problema relacionado a surdez, ou seja, 5% da população é surda. Entre essas pessoas, 2,7 milhões não ouvem nada. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a estimativa é de que 2,5 bilhões de pessoas no mundo todo podem desenvolver surdez até 2050.

São aproximadamente 10 milhões de brasileiros. Dados tão expressivos assim evidenciam que a inclusão das pessoas com deficiência auditiva é não só necessária, como urgente. O que o cenário atual no país mostra, no entanto, não é nada favorável. Muitas pessoas surdas ainda não encontram acessibilidade na educação, no mercado de trabalho e em outras tantas áreas fundamentais da vida cotidiana como é o caso das igrejas.

## 2.1 Um Pouco Da História Da Surdez

Fazendo uma abordagem histórica da surdez, as pessoas com deficiência foram consideradas ora amaldiçoadas ora seres semidivinos; porém, sempre foram excluídas do contexto social e vistas como objeto de pena. Tiveram tratamentos diferentes em vários momentos da história.

Na Antiguidade pode-se observar que as primeiras referências de pessoas surdas podem ser encontradas no contexto histórico do povo Hebreu, por meio da Lei Mosaica. Esses escritos da Lei Mosaica trazem a informação de que os “surdos-mudos” eram respeitados e recebiam a proteção da família por conta da religião através de instruções divinas. A Bíblia Sagrada ensina como tratar o semelhante: “Não amaldiçoarás o surdo, nem porás tropeço diante do cego; mas temerás o teu Deus. Eu sou o Senhor.” (Lv 19:14). Portanto, é possível afirmar que esse tratamento mais humano oferecido pela sociedade hebraica ocorria em grande parte devido à religião da época.

É importante fazer referência aos antigos egípcios, pois nesta sociedade, os surdos eram considerados como deuses, ou seja, eles eram adorados e tinham por função realizar uma mediação entre os faraós e os deuses. Devido a essa posição de autoridade e prestígio, os surdos eram respeitados e honrados, porém sem vida ativa na sociedade.

Os surdos eram considerados como sujeitos privilegiados, enviados dos deuses, porque pelo fato de os surdos não falarem e viverem em silêncio, eles achavam que os sujeitos surdos conversavam em segredo com os deuses, numa espécie de meditação espiritual. Havia um possante sentimento de respeito, protegiam e ‘adoravam’ os surdos, todavia os sujeitos surdos eram mantidos acomodados sem serem instruídos e não tinham vida social (STROBEL, 2008, p.82, grifos do autor).

A história dos surdos passa por uma mudança radical na antiga sociedade grega. Para eles as

pessoas surdas eram tidas como incapazes de raciocinar e incompetentes. Dessa forma, os surdos não podiam ter qualquer espécie de direito, sendo muito discriminados pela sociedade como um todo. Nos casos mais extremos, as pessoas surdas chegavam a ser condenadas à morte. Eram lançados ao mar ou de penhascos, ou ainda, oferecidos em sacrifício aos ídolos (deuses). A eliminação de crianças nascidas com alguma deficiência era prática comum entre esse povo, pois acreditavam que a sociedade não podia contar com eles para nada.

Na civilização grega, a sociedade espartana cultuava o corpo, enquanto a sociedade ateniense cultuava o intelecto. Os espartanos preparavam os meninos desde os sete anos para que todos pudessem estar aptos para a guerra e a defesa da polis. Em Atenas, o investimento era feito nas atividades artísticas, culturais e filosóficas. As crianças que nasciam com qualquer deficiência deveriam ser eliminadas, pois não poderiam servir ao Exército em Esparta, nem receber instruções em Atenas. (DUARTE, *et al.* 2013, p. 1716)

Igualmente acontecia em Roma as maiores atrocidades com o indivíduo surdo, pois acreditavam que eram pessoas castigadas ou enfeitiçadas. Por essa razão eram abandonadas, mortas ou escravizadas. Strobel (2008) afirma que faziam os surdos passar a vida toda no moinho de trigo empurrando a manivela, ou ainda o jogavam no rio Tiger, só se salvavam aqueles que conseguiam sobreviver ou aqueles que os pais os escondiam.

Segundo o pensamento do filósofo Aristóteles (384-322 a.C.) a audição era considerada importante para o aprendizado, pois para atingir o conhecimento e a inteligência tudo deveria passar por este órgão do sentido. Assim, quando uma pessoa não falava, não possuía linguagem e conseqüentemente não possuía pensamento. Por isso, a pessoa surda nessa época não era digna de receber educação.

Na Idade Média, também se dava tratamento inferior aos surdos, eram considerados estranhos e objeto de curiosidade da sociedade. A Igreja Católica, que detinha a supremacia religiosa neste período, também os excluía de atividades religiosas por conta de suas limitações. Strobel (2008) assegura que aos surdos era proibido receberem a comunhão porque eram incapazes de confessar seus pecados.

Deste modo pode-se afirmar que existiram muitos obstáculos em relação ao reconhecimento da pessoa surda como seres humanos dotados de direitos. A situação só começou a mudar no final da Idade Média, quando começaram a surgir estudos e pesquisas a respeito da surdez, e um olhar diferenciado das famílias da pessoa surda e da igreja começou a aparecer.

As famílias nobres que tinham herdeiros surdos tinham interesses em compreendê-los e integrá-los na sociedade com a finalidade de não perder as riquezas familiares. Além disso, havia o interesse da igreja em praticar a 'caridade', promovendo a comunicação das PS's com Deus e o ensino dos sacramentos para que não perdesse a sua alma. (SCHLUNZEN, BENEDETTO, SANTOS, 2013, p.49)

No século XVI o espanhol Pedro Ponce de León, monge beneditino, fundou uma escola para surdos e desenvolveu o alfabeto manual, garantindo que eles aprendessem a soletrar as palavras, e

conquistando o crédito também como um dos primeiros educadores de surdos da história. “O ensino incluía a datilografia (alfabeto manual), a escrita e o treino para a fala (oralização)”. (DUARTE, *et al*, 2013, p.1718). A partir de então a educação dos surdos se efetivou formalmente com o objetivo de serem reconhecidos pela lei e pela sociedade como cidadãos herdeiros de títulos e fortunas de suas famílias.

A partir de então, surgiram vários métodos de educação para surdos que foram significativos dentro da história, tais como: o método pedagógico da fala e da leitura labial de Johan Conrad Ammann, na Holanda (1669-1724); o método alemão do oralismo puro de Samuel Heincke (1729-1790); e o método de ensino dos surdos por meio de sinais gestuais do abade Charles Michel de L’Epée (1712-1789). Este último fundou a primeira escola de surdos do mundo em Paris, na qual, deu base para o ensino passar a ser coletivo.

Ao longo do tempo, muitos educadores não reconheceram a língua de sinais e atuavam numa linha oralista. Defensores do oralismo, valorizavam somente a língua oral na reabilitação e não admitiam o uso dos sinais, pois os consideravam prejudiciais para o desenvolvimento e incapazes de promover a educação dos surdos. (DUARTE *et al.*, 2013, p. 1721)

No Brasil, uma língua nacional de sinais passou a ser difundida a partir do Segundo Império. O educador francês Hernest Huet que era surdo foi o introdutor dessa metodologia, fundou o Imperial Instituto Nacional de Surdos-Mudos, por meio da Lei nº 839, de 26 de setembro de 1857, no Rio de Janeiro, hoje, Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES). De acordo com Duarte *et al.* (2013) foi a partir da fundação do INES que os indivíduos surdos brasileiros passaram a contar com uma escola especializada para sua educação. Atualmente o INES é um centro de referência com atendimento diversificado para atender pessoas com surdez no Brasil.

## 2.2 A Comunidade Surda E Sua Língua

A comunidade surda define-se por pessoas surdas ou não que compartilham e interagem coletivamente pelos mesmos interesses. Refere-se às pessoas com surdez, porém, essa comunidade também abrange os familiares dos surdos, tradutores e intérpretes da Língua Brasileira de Sinais e demais pessoas que trabalham ou socializam com pessoas surdas. Segundo Manhães (2016) quando falamos em comunidade surda, não nos referimos somente as pessoas surdas, pois também fazem parte desta comunidade os familiares, que em sua maioria são pessoas ouvintes, assim como os interpretes de língua de sinais, professores amigos e outros.

Em termos culturais, a surdez não é considerada somente uma condição fisiológica, ela constrói uma identidade cultural própria; portanto, não existe cultura surda sem surdez. O idioma natural dos surdos, a língua de sinais, é o principal elemento que une os membros desta comunidade, assim, o sentido da cultura surda é mais forte entre aqueles que utilizam este idioma.

Isso porque os surdos utilizam-se da própria diferença linguística como forma de elevar a autoestima e sentir orgulho de suas próprias conquistas.

Para os intelectuais que mobilizam o saber linguístico, a surdez é uma particularidade ético-linguística e o surdo é aquele que utiliza uma língua específica, que se torna igual por meio do reconhecimento da sua particularidade como: membro de uma comunidade linguística minoritária, a comunidade surda brasileira; pertencente a uma cultura, a cultura surda; e detentor de uma história, a história do povo surdo. (CAVALHEIRO, 2014, p. 563)

A cultura surda engloba possibilidades e elementos próprios da vida dos sujeitos que se reconhecem como surdos, abrangendo não apenas aspectos mais corriqueiros da vida de cada um, mas também o grupo social que constituem. A privação do sentido da audição não inviabiliza a interação linguística, a participação social ou a produção cultural das pessoas surdas. Ao aproximar-se mais da realidade surda, pela vivência e pelo estudo, descobre-se que ela comporta um rico, complexo e instigante conjunto de elementos culturais caracterizados pelas formas alternativas de produção e interação dessas pessoas através das comunidades surdas e, infelizmente, ainda pouco conhecidos entre os ouvintes.

Cavalheiro (2014) faz menção às ideias de Augusto Assis e seu livro “Cultura surda” quando se refere a cultura surda como uma ampla rede de sociabilidade que compõem um circuito de instituições e pontos de encontros, tais como: escola, associações, clubes, igrejas, shopping center, praças, etc.

A comunidade surda partilha da Língua de Sinais. Existem muitas línguas de sinais pelo mundo e não são universais, mas diferentes umas das outras, sofre as influências da cultura nacional de cada país e cada uma das línguas de sinais tem sua estrutura própria. A Língua Brasileira de Sinais - Libras, que é comum a todos os integrantes da comunidade surda brasileira foi uma grande conquista da comunidade surda, ela é uma língua de modalidade gestual-visual onde é possível se comunicar através de gestos e expressões faciais. É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão desde 24 de abril de 2002, através da lei nº 10.436, hoje é uma importante ferramenta de inclusão social.

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002, Parágrafo único)

A linguagem permite ao homem estruturar seu pensamento, traduzir o que sente, registrar o que conhece e comunicar-se com outros homens. Ela marca o ingresso do homem na cultura, construindo-o como sujeito capaz de produzir transformações nunca antes imaginadas. O surdo não tinha a fala, em padrões claros de comunicação, conseqüentemente era visto como alguém sem linguagem, mas a Libras veio marcar um grande passo para a comunidade surda no que se refere a comunicação e linguagem própria.

A Libras é um sistema de linguagem com uma estrutura que é desenvolvida e usada pelas pessoas surdas como uma forma de comunicação tanto receptiva, como expressiva. Os surdos têm costumes, história, tradições em comuns e possuem às mesmas peculiaridades, ou seja, constrói sua concepção de mundo através da visão.

Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras (BRASIL, 2005, artigo 2º)

Os surdos que não tinham vez e nem voz, com a Libras, passaram a reivindicar seus direitos como cidadãos, conquistaram o direito de utilização da língua, reconhecimento, respeito à sua cultura e educação. O direito a educação já vem sendo mencionado desde a Constituição Federal de 1988, na qual reitera que “a educação é um direito de todos e dever do estado e da família”. (BRASIL, 1988, art. 205).

Embora se tenha tido grandes conquistas com a Língua de sinais na comunicação e na educação, o uso de sinais foi interrompido no final do século XIX, a partir do Congresso de Milão em 1880, onde estavam presentes educadores do mundo todo que decidiram pelo oralismo, a educação voltada para a leitura labial.

A educação dos surdos passou, então, a ser exercida por uma maioria de professores ouvintes, mas ao contrário do se podiam imaginar, o novo método por ser restrito a oralidade, não obteve sucesso para uma maioria de escolas, que chegaram a situações de extrema regressão em se tratando de comunicação, alfabetização e desenvolvimento de pensamento entre os surdos. De acordo com Schlunzen, Benedetto, Santos (2013), em decorrência desse processo da volta ao oralismo, aqui no Brasil os professores foram substituídos e os estudantes proibidos de usar sinais, na qual a prática de amarrar as mãos das crianças para impedirem de sinalizarem era comum nessa época, mas a língua de sinais sempre foi a preferida das comunidades surdas por ser a maneira natural delas se comunicarem.

Foram quase 100 anos de predominância do oralismo ao invés da língua de sinais, embora muitas críticas ao método tenham surgido, além de pesquisas que defendiam a língua de sinais no século XX. Duarte *et. al* (2013) afirma que em 1970 diversas pesquisas linguísticas buscaram provar que as línguas de sinais podiam ser comparadas as línguas orais em complexidade, singularidade, expressividade e função estética.

Em 1980 foi divulgado pelo mundo a filosofia educacional chamada de “Bilinguismo”, na qual, tem como objetivo que o aluno surdo seja bilíngue. No Bilinguismo a língua mãe da pessoa surda é a língua de sinais e a segunda língua escrita é a Portuguesa, no caso do Brasil. As escolas Brasileiras possuem essa proposta de educação bilíngue, onde o aluno é ensinado por meio da sua

língua mãe e recorrer à língua portuguesa para integrar-se na cultura ouvinte.

A maioria das escolas de ensino regular brasileiras já possuem uma proposta bilíngue, as que ainda não possuem, acabam atrapalhando o rendimento escolar dessas crianças, pois muitas delas ficam afastada de sua cultura e criam sinais próprios, tornando-se marginalizadas. [...] Deve-se propor a valorização da libras nas escolas regulares, onde professores e estudantes surdos poderão utilizá-las em todas as circunstâncias, podendo haver uma participação efetiva dessas pessoas na escola comum e, conseqüentemente, na sociedade. (SCHLUNZEN, BENEDETTO, SANTOS, 2013, p. 53)

É necessário conhecer as particularidades da cultura surda, bem como sua língua, para favorecer a comunicação entre o surdo e a sociedade. As comunidades surdas estão conquistando cada vez mais espaços relacionados a educação de surdos e a Libras, porém ainda há necessidade de políticas de acessibilidade linguística que considerem a surdez, o surdo, sua cultura e identidade para que, de fato a inclusão social da pessoa surda aconteça.

### 3. INCLUSÃO DA PESSOA SURDA NO ÂMBITO RELIGIOSO

Falar de inclusão da pessoa surda no meio religioso faz-se necessário uma reflexão sobre como a Bíblia Sagrada faz referência as pessoas com deficiências, e através da hermenêutica e teologia buscar entender como os princípios antigos viam essas pessoas, que durante muito tempo permaneceram na marginalização.

No Antigo Testamento percebe-se o povo israelita atribuindo as causas das deficiências a castigos ou pecados, na qual, pessoas assim, de acordo com sua cultura e tradição não podiam exercer funções importantes, tal como o sacerdócio. “Pois nenhum homem em que houver alguma deformidade se chegará: como homem cego, ou coxo, ou de nariz chato, ou de membros demasiadamente compridos, ou homem que tiver o pé quebrado, ou mão quebrada.” (Lv 21:18-19). Para Figueira (2015) é no contexto desse povo antigo que se percebe registro de um olhar diferenciado onde qualquer deficiência ou deformação indicava um grau de impureza ou pecado.

Na verdade, o texto do livro de Levítico citado acima refere-se ao sacerdócio, onde os sacerdotes realizavam sacrifícios no Lugar Santo; portanto, exigia-se perfeição quanto ao ato sagrado. O povo, na época, costumava discriminar as pessoas com deficiências por conta disso, porém a recomendação de Deus para com o povo no tratamento as pessoas com deficiência, bem como o surdo, era outra: “Não amaldiçoarás o surdo, nem porás tropeço diante do cego, mas temerás ao teu Deus. Eu sou o Senhor.” (Lv 19: 14). As atitudes de discriminação e desprezo aos deficientes eram combatidas por Deus na sua lei ao povo, neste caso na Lei Apodítica.

Ainda no Antigo Testamento observamos o primeiro caso de inclusão na Bíblia sagrada, de Mefibosete, filho de Jônatas, neto do rei Saul descrita no livro de 2 Samuel, capítulo 9, que ocorreu

após a morte de Saul e seus três filhos na guerra contra os filisteus. Davi, ao saber da morte de Saul e seus filhos, lembrou-se da aliança que fez com Jônatas e mandou chamar Mefibosete, que era coxo, e restituiu-lhe os bens, terras e passou a comer na mesa com Davi. “Então se inclinou, e disse-lhes: Quem é o teu servo, para teres olhado para um cão morto tal como eu? [...]. Morava, pois, Mefibosete em Jerusalém, porquanto sempre comia a mesa do rei, e era coxo de ambos os pés.” (2 Sm 9:8-13).

No Novo Testamento observa-se o tratamento de Jesus para com estas pessoas que eram excluídas da sociedade. Ele se aproximava, conversava e os curavam. No Evangelho de Marcos, capítulo 7, verifica-se Jesus curando um surdo:

E trouxeram-lhe um surdo, que falava dificilmente; e rogaram-lhe que pusesse a mão sobre ele. E, tirando-o à parte de entre a multidão meteu-lhe os dedos nos ouvidos; e, cuspido tocou-lhe na língua. E, levantando os olhos ao céu, suspirou e disse: Effatá; isto é, abre-te. E logo se abriram os seus ouvidos e a prisão da língua se desfez, e falava perfeitamente. (MARCOS 7:32-35)

Jesus demonstra amor a todas as pessoas, independentemente de suas deficiências como percebe-se em muitas passagens bíblicas onde Ele promove a cura de muitos deficientes e doentes, promovendo assim, a inclusão dessas pessoas no convívio social, já que eram excluídas conforme o pensamento da época. “Jesus já promovia a inclusão, ensinando pela Palavra e pelo exemplo, que não basta torcer pelos excluídos, é preciso ser solidário com eles.” (FIGUEIRA, 2015, p.112).

Naquela época a medicina não tinha encontrado a cura de certas doenças, tão pouco das deficiências, a única maneira de se obter a cura era através da fé em Jesus, o Cristo; por isso quando se ouviam falar que Jesus estava nas proximidades, se esforçavam para levar os deficientes e doentes até Ele. Desta forma reuniam-se grandes multidões a procura de milagres. “Os escritos dos evangelistas registram que Jesus fez mais de 40 milagres notórios, sendo pelo menos 21 deles relacionados a pessoas com deficiências físicas ou sensoriais” (FIGUEIRA, 2015, p.86).

Jesus quebrou muitos paradigmas da época, inclusive o pensamento de que a deficiência era atribuída a castigos ou pecados. No texto bíblico observa-se os discípulos indagando Jesus sobre a culpa do pecado de um cego de nascença, se a deficiência era atribuída a ele mesmo ou ao pecado dos pais:

E passando Jesus, viu um homem cego de nascença. E os seus discípulos lhe perguntaram dizendo: Rabi, quem pecou este ou seus pais, para que nascesse cego? Jesus respondeu: nem ele pecou nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus. (JOÃO 9:1-3)

A ideia de culpa não era atribuída ao doente, nem aos familiares, mas para que se manifestasse a glória de Deus. Na resposta de Jesus, ele isenta qualquer causa direta, sendo Ele o Criador de todas as coisas, soberano e dono da vida, e a vontade do Senhor do universo prevalecendo, não há o que questionar. Uma pessoa com deficiência pode ser grata pela vida, pois,

apesar das limitações, muitos conseguem se destacar nos estudos, no trabalho e glorificar ao Deus todo poderoso. Os propósitos de Deus são sempre do bem, mesmo que aconteçam em situações adversas, contrárias a que se espera Dele. Compreender os motivos e a ação de Deus não é alcançável ao ser humano se não for pela fé.

A partir de Cristo rompeu-se a carga negativa atribuída a estas pessoas, as quais eram excluídas e rotuladas pelo pensamento da época. Figueira (2015) diz que a vinda de Jesus foi o início de uma mudança geral de mentalidade, pautada pela inclusão dos menos favorecidos ao cristianismo. Jesus trouxe a valorização destas pessoas dando senso de justiça e valores através de sua misericórdia e amor por todos, sem exceção.

### 3.1 A Igreja E Seu Papel Missionário

De acordo com Brito (2017) a palavra “igreja” vem do grego *ekklesia*, que basicamente significa “assembleia pública, ou reunião dos que foram chamados”. Nesse sentido, é comum escutar que Igreja significa “chamados para fora”. Isso acontece porque o termo grego original é formado por uma combinação de duas palavras que significam “chamar” e “fora”.

De fato, teologicamente essa é uma verdade absoluta com relação à igreja, no sentido de que os membros do corpo de Cristo foram chamados para viverem fora do padrão pecaminoso do mundo. Porém não é exatamente nesse sentido que a palavra igreja é empregada na Bíblia.

Biblicamente o termo *ekklesia* é utilizado para se referir à assembleia dos israelitas: “Anunciarei o teu nome a meus irmãos, cantar-te-ei louvores no meio da congregação.” (Hb 2:12). Mas em todas as outras ocorrências, *ekklesia* designa a Igreja Cristã, no sentido de sua pluralidade nas comunidades locais: “Saudai uns com os outros com santo ósculo, as igrejas de Cristo vos saúdam.” (Rm 16:16). Assim como também em seu aspecto universal, destacando sua unidade, ou seja, só há uma única Igreja “Olhai pois por vós, e por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus, que ele resgatou com o seu próprio sangue.” (At 20:28). Brito (2017) faz essa distinção como a igreja geral ou corpo místico e a igreja local ou visível:

A igreja geral, ou corpo místico de Cristo, é a totalidade de todos os nascidos de novo, os salvos que confessam a Jesus como Senhor. (Ef 5:25, 32). A igreja local, ou visível, é a comunidade de crentes de uma determinada localidade que compartilham a mesma fé no Senhor (Rm 1:7). Portanto, a igreja é a reunião de pecadores remidos por Deus, através de Jesus, o Salvador. (BRITO, 2017, p. 66)

No contexto veterotestamentário a nação de Israel fazia o papel que a Igreja assumiu posteriormente. Pois a nação de Israel foi tirada dentre todos os povos do mundo para ser um povo exclusivo de Deus. Nesse período, ela cumpria uma série de rituais, ordenanças que apontavam para o Messias. Através da nova aliança em Cristo, cumpriram-se as promessas e esperanças do Antigo

Testamento com relação ao povo escolhido de Deus. Sob essa nova aliança, os rituais e ordenanças presentes na antiga igreja (Povo Israelita), foram substituídos pela obra perfeita de Cristo. Ele mesmo disse que edificaria sua nova igreja<sup>3</sup>: “Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16:18). E logo após sua ascensão ao céu, o Espírito Santo foi enviado no dia de Pentecostes, dando início ali a sua igreja. O Evangelho seria pregado em todo mundo e a comunidade dos fiéis seria formada de pessoas de todas as tribos, povos, raças e línguas. Portanto, na Igreja de Cristo não há qualquer distinção de nacionalidade, Judeus e gentios, crentes de todas as nações, encontram-se unidos no corpo de Cristo. “E cantavam um cântico novo dizendo: Digno és de tomar o livro e de abrir os sete selos; porque foste morto, e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda a tribo, e língua, e povo, e nação” (Ap 5:9).

E qual a missão da igreja? Basicamente a missão da igreja se divide em três: a) adorar a Deus, “para louvor e glória de sua graça, pela qual nos fez agradáveis a si no amado” (Ef 1:6); b) manter a comunhão, “Para que todos sejam um, como tu, ó pai és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17:21); c) anunciar o Evangelho, esta é a missão fundamental. Ela deve proclamar ao mundo que Jesus Cristo é o único Senhor e Salvador, explicando que através de sua obra redentora Deus convida aos pecadores ao arrependimento e à vida eterna.

E tudo isso provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por Jesus Cristo, e nos deu o ministério da reconciliação; isto é, Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados; e pôs em nós a palavra da reconciliação. De sorte que somos embaixadores da parte de Cristo, como se Deus por nós rogasse”. (2 CORÍNTIOS 5: 18-19)

A Igreja tem essa responsabilidade de levar a palavra de salvação a todas as pessoas, o centro do ministério da Igreja é o Evangelho. Então todas as funções desempenhadas pela Igreja jamais podem estar separadas do Evangelho. Ela foi chamada para continuar o ministério do Senhor Jesus neste mundo, portanto, é importante que cada igreja (indivíduo nascido de novo) esteja completamente comprometida com esse objetivo.

Essa missão foi dada pelo próprio Jesus quando ordenou: “Portanto ide e fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mt 28:19). O apóstolo Pedro ressalta que a Igreja foi chamada para anunciar “as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (1 Pe 2:9). Então é de responsabilidade de cada crente estar

---

<sup>3</sup> Neste sentido expressa-se o entendimento de que a nova igreja, de fato, é o novo povo escolhido por Cristo para executar sua obra universal, de evangelizar todos os povos para o reino de Deus. Obra esta, que o antigo povo exclusivo, Israel, faliu em executá-la.

envolvido nessas tarefas; e jamais se poderá cumprir essas funções adequadamente sem ser participante de uma igreja local.

O escritor de Hebreus adverte: “Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações e tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima” (Hb 10:25). Assim, há uma importância de estar fazendo parte de uma igreja local para todos que querem uma vida com Deus, pois é na comunhão junto com os irmãos que o cristão é fortificado, alimentado na palavra e cresce espiritualmente. Para Brito (2017), não basta apenas evangelizar e ganhar almas para Jesus, também é preciso discipliná-las e levá-las a maturidade espiritual. Portanto a igreja precisa ser um local inclusivo para todos que almejam a Cristo, independentemente de suas limitações.

A igreja é chamada a ser uma comunidade inclusiva que ofereça amor, valor e respeito a todas as pessoas. Ela é chamada para cumprir o ide de Jesus, levando a todos a preciosa palavra, sem preconceitos e exclusão e oferecendo a todas as pessoas a oportunidade de conhecer a Deus e desenvolver seus dons e talentos. Deve-se seguir o exemplo de Jesus, “o ensino de Jesus levou o mundo a ver que Deus não faz acepção de pessoas, que "vermelhos e amarelos, pretos e brancos, todos são muito preciosos a seus olhos". (PRICE, 1980, p.97).

De acordo com Costa-Renders (2011) é legítimo falar de inclusão nas igrejas, pois se o próprio Cristo foi um meio para a eliminação de barreiras e criação das condições de acesso ao Pai pela graça do evangelho, a igreja que é comprometida com os valores do evangelho de Cristo, deve assumir o compromisso com a inclusão social.

Se no decorrer da história os cristãos da antiguidade contribuíram para a construção de barreiras sociais e religiosas, na contemporaneidade é preciso rever o papel da igreja nesta terra e contribuir para facilitar o acesso de todos a Jesus Cristo, inclusive das pessoas com deficiência, que há muito tempo viveram na exclusão, mas que podem e devem ser incluídos na igreja de Cristo, pois ele mesmo disse: “Vinde a mim todos que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei”. (Mt 11: 28)

### **3.2 O Desafio Da Igreja Na Inclusão Da Pessoa Surda**

No ambiente religioso, surdez tem sido motivo de discussão e preocupação nos últimos anos. Para Dantas (2016) é importante ajudar as pessoas a observarem a importância de fazer com que os surdos tenham acesso a Palavra de Deus. Compreender um pouco sobre as pessoas com deficiência auditiva é um passo importante para poder alcança-los enquanto vidas que precisam de salvação.

Para Manhães (2016) compreender quem é o povo surdo e entender como esta comunidade se constitui e como está organizada é um passo fundamental para um olhar missiológico adequado

voltado a esse grupo, bem como compreender como o surdo pensa e identificar sua modalidade de aprendizagem, são as bases para comunicar o ensino de maneira contextualizada para que dessa forma o povo surdo consiga entender as diferentes maneiras que Deus usa para comunicar suas verdades.

Infelizmente encontra-se nas igrejas muita confusão e pouca informação sobre o assunto e, como resultado, a indiferença. É preciso ouvir as vozes daqueles que têm algum tipo de deficiência para que possamos entender sua vida e o clamor de seu coração.

A falta de acesso das pessoas com surdez aos ambientes religiosos pode estar vinculada as dificuldades encontradas por elas em ser de fato incluso neste ambiente religioso, pois, em muitos casos, não são entendidos e nem entendem o que é repassado nos cultos devido a comunicação. Este aspecto da linguagem é de grande importância na vivência com a pessoa surda. Antes de tudo, é preciso observar que a comunicação para este grupo se dá a partir de símbolos, imagens e gestos, bem como através da Língua de sinais (LIBRAS). Dantas (2016) conta relatos e experiências de pessoas deficientes com a igreja:

As igrejas têm acolhimento, não são lugares discriminatórios. Mas na maioria das vezes não sabem como receber alguém com deficiência”, comenta. Ela conta que conhece alguns cegos e surdos que após frequentar os cultos deixaram de congregar devido a dificuldade de compreender as celebrações. “Uma dessas pessoas não entendia nada do que se passava na igreja. Passou a ir a outro segmento religioso que dispunha de um ambiente mais acessível. (DANTAS, 2016, p.4)

A Libras é considerada uma língua autêntica, com possibilidade de expressão em qualquer nível de abstração. Portanto pode ser usada também no ambiente religioso como forma de comunicação e alcance da fé. No entanto há poucas igrejas que capacitam pessoas nesta área.

Uma das barreiras que se observa para que haja uma expansão maior da atuação das igrejas junto aos surdos é a falta de treinamento. Atualmente, o acesso mais fácil é aprender a linguagem dos sinais através das instituições governamentais ou ONGs, visto que são praticamente inexistentes os cursos em seminários ou mesmo organizações missionárias, bem como materiais específicos para o surdo ter acesso a Bíblia. Dantas (2016), diz que há carência de um material sistematizado sobre evangelização e ensino cristão para os surdos, e isso precisa ser superado.

Jesus Cristo também nos deu exemplo, pois mesmo sendo o verdadeiro Deus, não hesitou em falar a linguagem dos homens da época para comunicar a mais importante mensagem do amor de Deus aos homens, usou do mundo deles através de parábolas do cotidiano. Devemos também usar diversas linguagens para alcançar a salvação a todos as pessoas, devemos seguir o exemplo de Jesus, assim como o apóstolo Paulo disse: “sede meus imitadores, como também eu, de Cristo” (1 Co 11:1).

A Bíblia diz “Vós sois o sal da terra [...] Vós sois a luz do mundo” (Mt 5:13-14). A função do sal é dar sabor a comida e hoje em dia o sal é muito barato, mas na época de Jesus era valioso e essencial para a comida, assim como hoje, sem ele a comida fica incompleta e sem graça, basta uma pitada para dar sabor a comida. A vida do cristão deve ser como o sal, Jesus nos chamou para fazermos a diferença no mundo através de boas obras, pois a fé em Jesus sem obras é inútil assim como diz a palavra de Deus (Tg 2:17 e18). Para Darke (2015), ser a luz e o sal do mundo para os cristãos é ser um exemplo excelente para com o outro. A Igreja precisa ser o modelo, como agência do Reino de Deus, deve cuidar da aproximação das pessoas para ouvir e praticar a Palavra de Deus, removendo as barreiras, permitindo que as pessoas frequentem os cultos. No texto bíblico do livro de Marcos descreve a cura de um paralítico em Cafarnaum que ocorreu com a ajuda de alguns amigos que o levaram até o teto e desceram com ele de lá, para que pudesse chegar próximo a Jesus.

E vieram ter com ele conduzindo um paralítico, trazido por quatro. E não podendo aproximar-se dele, por causa da multidão, descobriram o telhado onde estava, e, fazendo um buraco, baixaram o leito em que jazia o paralítico. E Jesus vendo a fé deles, disse ao paralítico: Filho, perdoados estão os teus pecados. (MARCOS 2: 3-4)

Naquela época era muito difícil para as pessoas com deficiência realmente chegar até ele. As pessoas com mobilidade limitada não podiam andar até ele. As pessoas com deficiência auditiva ou visual não podiam ouvi-lo ou vê-lo. As pessoas com lepra ou classificadas como impuras não podiam se aproximar dele ou tocá-lo. Porém, neste texto bíblico vê-se um grupo de pessoas esforçando-se para garantir que seu amigo chegaria até Jesus. Elas não apenas demonstraram compaixão por ele, mas também o pegaram e o carregaram até o local onde Jesus estava. E quando chegam lá, a casa estava cheia, porém não desanimaram, decidem literalmente romper as barreiras entre o paralítico e Jesus fazendo um buraco no telhado e abaixando o homem por ele. E hoje a igreja tem se esforçado para levar estas pessoas a Cristo? A igreja está sendo a ponte que as leva até Cristo?

A igreja precisa rever seus conceitos, e aplicar o princípio da Graça incondicional na construção de espaços acessíveis para todas as pessoas. Isto exige um movimento em mão dupla. “O quebrar barreiras e criar acesso deve começar em nós e seguir, profeticamente, na denúncia sobre a exclusão e no anúncio sobre os meios sociais para a eliminação de barreiras impostas a determinados grupos sociais”. (COSTA-RENDERS, 2011, p. 69).

A igreja deve considerar que todos são preciosos aos olhos do Senhor, ainda no texto de Marcos observa-se Jesus dando mais valor ao homem como pessoa que precisa de salvação de sua alma, do que para a deficiência, pois quando o homem chega ao chão, ele é recebido com amor e perdão de seus pecados:

E Jesus conhecendo logo em seu espírito que assim arrazoavam entre si, lhes disse: [...] Qual é mais fácil? Dizer ao paralítico estão perdoados os teus pecados; ou dizer-lhes: Levanta-te, e toma o teu leito, e anda? Ora, para que saibais que o filho do homem tem na terra poder para perdoar pecados (disse ao paralítico), A ti te digo: Levanta-te, toma o teu leito, e vai para tua casa. (MARCOS 2: 8-11)

Quando Jesus diz que perdoados foram os pecados está considerando que este homem, assim como qualquer outro, precisa de perdão, e Jesus sabe que sua alma eterna era muito mais importante do que qualquer deficiência. Como uma segunda consideração, a fim de mostrar aos líderes religiosos que ele é Deus, Jesus cura a deficiência.

Infelizmente, algumas igrejas hoje frequentemente colocam barreiras que impedem as pessoas com deficiência de chegarem até Deus. Estas não são apenas barreiras físicas, mas também podem ser causadas pelas atitudes das pessoas. Deve-se trabalhar no sentido de excluir as barreiras que impedem pessoas com diferentes tipos de deficiência de ouvir o evangelho e chegar até Jesus.

O Decreto Federal 5.296 de 2 de dezembro de 2004, dispõe sobre Lei de Acessibilidade que garante um ambiente acessível aos que possui deficiência. Há também o termo acessibilidade nos meios de informação e comunicação, trata-se da acessibilidade associada aos meios de informação e comunicação. Já é possível, por exemplo assistir televisão, filmes e noticiários, sem que alguém tenha que ajudar a narrar, por meio de sinais, os diálogos televisivos para uma pessoa surda.

O Decreto 6.949 de 25 de agosto de 2009, que aborda sobre a Convenção Brasileira de Pessoas com Deficiência reconhece que não é a limitação da pessoa que define a deficiência, mas os obstáculos nos lugares de circulação da pessoa deficiente: no espaço, no transporte, na comunicação, nas informações, como ainda nos serviços. Assim, a busca pela diminuição dos obstáculos para estas pessoas é de fundamental importância. Nos ambientes religiosos estas barreiras também precisam ser superadas. Além da obrigatoriedade de seguir a normativa legal, a igreja tem o compromisso político, social, e acima de tudo, espiritual, de cumprir com a ordem do mestre.

O conceito de que pessoas com deficiências são frutos de pecados percorreram vários séculos e chegaram até os nossos dias, porém é preciso desconstruir essas ideias religiosas, pois cada pessoa é exatamente como Deus criou e a igreja tem que receber acolher, não se pode esquecer que qualquer pessoa mesmo que possua doença ou deficiência tem uma alma que precisa alcançar a salvação em Cristo. As imagens de negatividade em relação a essas pessoas ainda circulam no inconsciente das pessoas, inclusive dentro das igrejas, como por exemplo a imagem de coitadinhos, inferiores, mudinhos, eternos dependentes, entre outras, desconhecendo suas potencialidades. Para Figueira (2015) a igreja em relação a pessoa com deficiência pode explorar este aspecto das potencialidades, mostrando aos seus fiéis de que essas pessoas são capazes, tentando retirar toda

carga de piedade ou sensacionalismo, pois elas precisam de oportunidades e não de piedade. Não existem deficiências diante dos olhos de Deus, como ele mesmo diz em sua palavra no livro de 1 Samuel: “não atentes para sua aparência, nem para a grandeza de sua estatura, porque o tenho rejeitado; porque o Senhor não vê como vê o homem, pois o homem vê o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração” (1 Sm 16:7).

Vive-se hoje em um mundo moldado que é difícil aceitar o que sai do convencional. A inclusão é um desafio a uma mudança de olhares que exige de todos, e especialmente das igrejas, pela responsabilidade profética, a construção das condições de acesso e permanência das pessoas com deficiências nos seus diversos espaços. É necessário dar condições de suporte e representatividade para este grupo social de pessoas com deficiência auditiva nos quadros funcionais de todas as igrejas. Contudo, isto exigirá a eliminação de várias barreiras atitudinais e comunicacionais, para assim poder quebrar o ciclo da exclusão e se dispor a incluir pessoas com deficiência nas comunidades religiosas, pois Deus, segundo a Carta de Primeira a Timóteo, “quer que todos os homens se salvem, e venham ao conhecimento da verdade” (1 Tm 2:4).

#### **4. ABORDAGEM INCLUSIVA NA CONGREGAÇÃO FONTE DA BENÇÃO**

Para aquisição de dados necessários para esta pesquisa, foi realizado um questionário destinado a 2 surdos, que congregam na igreja evangélica Assembleia de Deus - A Pioneira, Congregação Fonte da Benção, localizada no Km 9 em Macapá-Ap. O questionário conta com questões fechadas e apenas uma aberta referente a idade dos entrevistados.

Trata-se de dois jovens, um possui a idade de 23 anos e o outro tem 25 anos de idade. Ambos são irmãos e moram na mesma casa, compartilham da mesma rotina diária, bem como da mesma igreja. Assim as perguntas fechadas tiveram as mesmas respostas pelos dois jovens.

Quanto a participação nos cultos e nas atividades da igreja responderam que as vezes frequentam os cultos e a participação nas atividades desenvolvidas também acontecem algumas vezes, o que aponta, portanto, o envolvimento parcial dos mesmos, pois não estão indo com frequência à igreja e também não se envolvem nas atividades realizadas com frequência. É fundamental que o surdo se envolva nas atividades e projetos da igreja, além de somente frequentar os cultos. Para Manhães (2016) é importante que se conheça o potencial do surdo, dando oportunidades iguais em todos os espaços, levando em consideração a sua língua.

Sobre o questionamento se eles acham bom os cultos junto dos ouvintes na igreja, responderam “em parte”. Sabe-se que o surdo não deve ser comparado ao ouvinte, pois a compreensão do surdo é diferente da do ouvinte e para que haja comunicação e entendimento é

necessário considerar sua língua. Manhães (2016) afirma que conhecer como o surdo pensa e sua modalidade de aprendizagem são as bases para comunicar o evangelho de maneira relevante.

Assim, a resposta para a pergunta sobre a compreensão do que se passa nos cultos dentro da igreja foi que há “um pouco” de compreensão, portanto, não conseguem compreender 100% de tudo o que é falado, mesmo fazendo uso da leitura labial. Manhães (2016) diz que há um profundo abismo linguístico e cultural entre o povo surdo e o povo ouvinte. Na verdade, são percepções diferentes, mas apesar das dificuldades de compreensão os entrevistados têm conseguido estreitar relacionamentos e estabelecer pontes de compreensão dentro da igreja, mesmo que de forma reduzida.

A igreja na qual os surdos entrevistados congregam não possui interprete de libras que possam traduzir o que é falado durante os cultos, porém os dois contam com a ajuda da tia que os acompanham na maioria das vezes, e traduz em libras o que é relatado e ou pregado durante a realização dos cultos.

Percebe-se que uma das barreiras para a inclusão do surdo nas comunidades religiosas é a falta de capacitação de recursos humanos na área, de acordo com Dantas (2016), esse aspecto é uma das principais barreiras para as igrejas no acolhimento dos surdos, a falta de pessoas qualificadas e tecnologia assistida para lidar com este público dificulta a recepção e permanência deles na igreja. No caso dos entrevistados, eles conseguiram vencer esta barreira com apoio familiar, pois, desde pequenos a familiares os levavam para a igreja e buscaram aprender a libras para pode intervir junto a eles na igreja. Neste caso, a tia deles que conhece libras os acompanha sempre que pode a igreja e os ajuda na compreensão do que está sendo falado nos cultos.

Apesar da grande lacuna em relação a recursos humanos e tecnologia assistida que a congregação Fonte da Benção encontra para acolher estes dois surdos, a inclusão tem acontecido, mesmo que não seja de uma forma ideal, mas da maneira que se pode e com o que se tem. “Nem sempre precisamos do ideal para que o real seja feito. As vezes temos o real na mão. Mas quando a gente quer fazer, consegue”. (DANTAS, 2016, p.6)

A palavra de Deus diz que a fé vem pelo ouvir a palavra de Deus (Rm 10:17), e quando não se pode ouvir devido à limitações, como é o caso da pessoa surda? Para os surdos entrevistados neste trabalho o evangelho entrou no coração através do convívio familiar, do contato com a palavra de Deus através das suas idas a igreja juntamente com sua família desde a infância, através de suas leituras labiais nos cultos e traduções em libras feitas pela tia.

Observa-se a importância de que os surdos tenham acesso a palavra de Deus, mesmo diante de um cenário carente de materiais específicos para a evangelização da pessoa surda no país. Os surdos ainda não têm a sua disposição a Bíblia Sagrada em sua língua, a língua de sinais, apesar de

vários esforços estar sendo feito neste sentido, ainda não se tem um material completo que se possa contar. “A falta de um material sistematizado sobre evangelização e ensino cristão para esse público é outro desafio a ser superado. Tudo ainda é bastante incipiente. Não tem material específico para usarmos em libras. (DANTAS, 2016, p. 5)

Fernandes (2016) afirma que os surdos formam um enorme grupo de pessoas em que as políticas oficiais de inclusão social são incipientes e no que se refere ao aspecto espiritual são igualmente excluídos, pois são poucas igrejas e organizações cristãs que desenvolvem ministérios específicos e eficientes, aponta que os surdos brasileiros podem ser considerados um grupo não alcançado pelo evangelho e constituem um dos segmentos menos evangelizados do país.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se que a presença do povo surdo é tão antiga quanto a humanidade, sempre existiram surdos, porém, nos diferentes momentos históricos eles nem sempre foram respeitados em suas diferenças ou mesmo reconhecidos como seres humanos. Na antiguidade eles eram vistos sob um olhar mítico, na qual a surdez era tida como doença ou como maldições dos deuses.

Embora com o decorrer dos séculos se tenha tido grandes conquistas com a Língua de sinais na comunicação, na educação e em diversos setores da sociedade, ainda há necessidade de políticas de acessibilidade linguística que considerem sua cultura e identidade para que a inclusão social da pessoa surda realmente aconteça.

No âmbito religioso, observou-se que antes de Cristo a deficiência era atribuída a castigos ou pecados e Jesus veio quebrando esses paradigmas. Verificou-se em muitas passagens bíblicas Jesus demonstrando amor a todas as pessoas, independentemente de suas deficiências, promovendo a cura de muitos deficientes e doentes, realizando a inclusão dos menos favorecidos ao cristianismo.

A Igreja de Cristo é formada pelo povo de Deus, e entre esse povo não há qualquer distinção, sendo deficientes ou não, crentes de todas as nações estão unidos no corpo de Cristo. A igreja é chamada a ser uma comunidade inclusiva que ofereça amor, valor e respeito a todas as pessoas. E acima de tudo, cumprir o ide de Jesus, levando a todos a preciosa palavra, sem preconceitos e exclusão.

Percebeu-se a importância de a igreja contribuir para facilitar o acesso de todos a Jesus Cristo, inclusive das pessoas com deficiência, que há muito tempo viveram na exclusão, mas que podem e devem ser incluídos na igreja de Cristo. Porém, incluí-los dentro das igrejas não é tarefa simples. A inclusão vai muito além de dar acesso, envolve a capacidade das pessoas em lidar com o que não conhecem.

Observou-se que dos motivos que levam os deficientes a se distanciarem das igrejas é pela falta de pessoas preparadas em saber lidar com esse público. É importante que as igrejas conheçam essa comunidade e sua língua poder intervir. O fato de um surdo não ter interpretação daquilo que está sendo discutido e pregado na igreja o torna distante do evangelho de Cristo, pois sem alguns cuidados quanto à essas pessoas corre-se o risco de proclamar um evangelho sem sentido e irrelevante, pois não adianta inseri-los na igreja sem dar condições para que eles possam entender a mensagem e o que se passa neste ambiente espiritual.

Diante do desafio da igreja na inclusão da pessoa surda, não há receita pronta, mas há uma necessidade, então, a igreja que recebe um surdo deve-se adaptar a essa realidade, traçar estratégias para poder intervir, mesmo diante da carência de pessoas capacitadas para lidar com este público na igreja. Foi o que se observou na congregação Fonte da Bênção, na qual os surdos entrevistados para esta pesquisa se congregam. Há falta de um interprete em libras e tecnologia assistida para acolher estes dois surdos, porém a inclusão acontece da maneira que se pode e com o que se tem, que é o apoio familiar para a tradução do que é falado na igreja.

Acredita-se que este trabalho possa servir para pesquisas posteriores sobre este tema, já que é escasso os materiais bíblicos específicos para o surdo, ainda não se têm a Bíblia sagrada completa traduzida para língua de sinais, apesar de estudos e trabalhos está sendo desenvolvidos para isto, além de ser poucas igrejas e organizações cristãs que desenvolvem ministérios específicos e eficientes voltados para evangelização e discipulado da pessoa surda.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Edilania Reginaldo. Caracterizando a surdez: fundamentação para intervenções no espaço escolar. **Revista Lugares de Educação**, Bananeiras/PB, v. 2, n. 2, p. 75-92, Jul. - Dez. de 2012. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rle>. Acesso em 20 de setembro de 2012.

BÍBLIA, Português. **Bíblia da pregadora pentecostal**. Antigo e Novo Testamento. Tradução: João Ferreira de Almeida, Versão: Revista e Corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2020.

BRASIL, Decreto nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004. **Regulamenta as leis de acessibilidade**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm). Acesso em 28 de outubro de 2021.

BRASIL, Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providencias**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm). Acesso em 20 de agosto de 2021.

BRASIL, Decreto nº 5.626 de 25 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm). Acesso em 20 de agosto de 2021.

BRASIL, Ministério da Justiça. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa oficial, 1988. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em: 15 de setembro de 2021.

BRASIL, Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. **Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das pessoas com deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm). Acesso em 23 de outubro de 2021.

BRITO, Enaldo. Revista da Escola Bíblica Dominical. Doutrinas bíblicas: fundamentos da verdade, **Lição 11, igreja o povo de Deus**. Belém-Pa: programa de educação cristã continuada, 2017.

CAVALHEIRO, Andréia de Moraes. César Augusto de Assis. **Cultura Surda: Agentes religiosos e a construção de uma identidade**. Revista de Antropologia. São Paulo: USP, v. 53, nº 1, p. 561-573, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2014.87781>. Acesso em 28 de setembro de 2021.

COSTA-RENDERS, Elizabete Cristina. **Inclusão das pessoas com deficiência: a responsabilidade das Igrejas**. Revista Caminhando V, nº 16, jul / dez, 2011. Disponível em: <http://www.metodista.br/revistas/revistasmetodista/index.php/Caminhando/article/view/2766/2797>. Acesso em 7 de outubro de 2021

DANTAS, Rafael. Um olhar para pessoas especiais. **Revista Olhar Cristão**. Recife: SMF- TGI editora, n.12, p. 4-6, dez. de 2015 - jan. de 2016.

DARKE, Brenda. **Deficiente: o desafio da inclusão na igreja**. São Paulo: Hagnos, 2015

DUARTE, Soraya Bianca Reis et al. Aspectos históricos e socioculturais da população surda. **História, Ciência, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.20, n. 4, p. 1713-1734, out.- dez. de 2013. Disponível em: [https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/47935/1/u1\\_d24\\_v21\\_t02.pdf](https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/47935/1/u1_d24_v21_t02.pdf). Acesso em 23 de setembro de 2021

FERNANDES, Carlos. **Uma Nação invisível**. Surdos são quase 10 milhões de brasileiros, mas a igreja não os tem alcançado como deveria. Revista Ultimato. Viçosa - MG: editora Ultimato Ltda. Edição 363 de Novembro-Dezembro de 2016. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/sites/blogdaultimato/2016/12/13/uma-nação-invisivel>. Acesso em 21 de agosto de 2021.

FIGUEIRA, Emílio. **Teologia da inclusão: a trajetória das pessoas com deficiência na história do cristianismo**. São Paulo: Figueira Digital, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em 19 agosto de 2021.

LIMA, Dayse Maria Collet de Araújo. **Saberes e Práticas inclusivas: Dificuldades de comunicação e sinalização – Surdez**. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

MANHÃES, Marília Moraes. **A Missiologia e as comunidades surdas**. Surdos são quase 10 milhões de brasileiros, mas a igreja não os tem alcançado como deveria. Revista Ultimato. Viçosa -

MG: editora Ultimato Ltda. Edição 363 de Novembro-Dezembro de 2016. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/a-missilogia-e-as-comunidades-surdas>. Acesso em 21 de agosto de 2021.

OMS, Organização Mundial de Saúde. **Relatório que estima 2,5 bilhões de pessoas com problemas auditivos em 2050**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-03/oms-estima-25-bilhoes-de-pessoas-com-problemas-auditivos-em-2050>. Acesso em 25 de agosto de 2021.

PRICE, J. M. **A pedagogia de Jesus**: o mestre por excelência. Tradução do Rev. Waldemar W. Wey. 3ª ed. Rio de Janeiro-RJ: UERP, 1980. Disponível em: <http://semeadoresdapalavra.topforum.net/portal.htm>. Acesso em 05 de outubro de 2021.

STROBEL, Karin Lilian. **Surdos**: vestígios não registrados na história. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. 176 f. Disponível em: [https://cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/06/Tesis\\_Strobel\\_20082.pdf](https://cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/06/Tesis_Strobel_20082.pdf). Acesso em 24 de setembro de 2021.

SCHLUNZEN, Elisa; BENEDETTO, Laís; SANTOS, Danielle. História das pessoas surdas: da exclusão à política educacional brasileira atual. **Conteúdo e didática de libras**. Presidente Prudente, SP: acervo Digital Unesp/UNIVESP, D24, v.11, p. 49-55, mar. de 2013. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/65523>. Acesso em 24 de setembro de 2021.

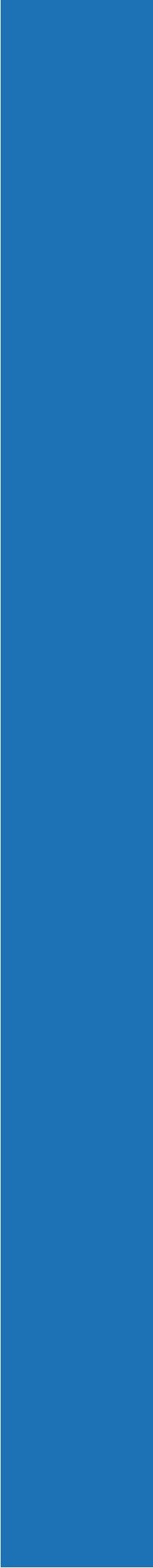


# *Capítulo 9*

---

## **O DISTANCIAMENTO DA EBD: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS**

Mara Lúcia Bacelar Melo



## O DISTANCIAMENTO DA EBD: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS

### THE DISTANCING OF EBD: CAUSES AND CONSEQUENCES

*Mara Lúcia Bacelar Melo<sup>1</sup>*

#### RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar o distanciamento dos cristãos da Escola Bíblica Dominical, as causas e consequências. Utiliza-se como referência uma análise de dados coletados por meio de um questionário, bem como as proposições de estudiosos do âmbito da Educação Cristã. Os resultados dessa pesquisa qualitativa destacam pontos positivos como a assiduidade do aluno, os objetivos e reconhecimento da importância da EBD. Revelam, por fim, a necessidade de reformulação da organização da Escola Bíblica Dominical, seja na flexibilização de horários, dia da semana e melhor qualificação docente.

**Palavras-chaves:** Escola Bíblica; Educação Cristã; distanciamento

#### ABSTRACT

The present research aims to analyze the distance of Christians from the Sunday Bible School, the causes and consequences. It is used as a reference an analysis of data collected through a questionnaire, as well as the propositions of scholars in the field of Christian Education. The results of this qualitative research highlight positive points such as student attendance, goals and recognition of the importance of EBD. They reveal, finally, the need to reformulate the organization of the Sunday Bible School, be it in the flexibility of schedules, day of the week and better teacher qualification.

**Keywords:** Bible School; Christian Education; Distance.

### 1. INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como foco explicar sobre o distanciamento dos cristãos da Escola Bíblica Dominical, as suas causas e consequências. Para este fim, utiliza-se como referência as vozes de 33 (trinta e três) pessoas da comunidade cristã, bem como as proposições de estudiosos que se debruçam sobre o tema.

O intuito, durante a pesquisa, foi identificar o que as pessoas da comunidade cristã têm a dizer a respeito da Escola Bíblica Dominical, procurando estabelecer relações entre essas vozes, as causas e consequências que o distanciamento da Escola Bíblica pode gerar na vida espiritual.

A Escola Bíblica Dominical está inserida na Educação Cristã da Igreja, e não consiste apenas no estudo de doutrinas ou práticas de certos ritos. Mas, é o processo que transforma, desenvolve,

---

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia e Licenciatura em Pedagogia. Email: maramelo.bacelar@gmail.com

enriquece e aperfeiçoa a própria vida da pessoa mediante a sua relação com Deus em Jesus Cristo.

O interesse por esse assunto surgiu a partir das experiências vivenciadas na coordenação da Escola Bíblica, onde percebemos as dificuldades dos irmãos em comparecer e manter-se constantes nas aulas. Eis então um dos motivos pelo qual se realiza essa pesquisa, porque ela traduz inquietações em relação ao distanciamento dos cristãos da Escola Bíblica, mesmo que seja uma ferramenta essencial na caminhada cristã.

Partindo da problemática: por que há o crescente desinteresse da comunidade cristã em participarda Escola Bíblica Dominical, mesmo que seja uma ferramenta de crescimento espiritual? E da seguinte hipótese: as dinâmicas das aulas, a metodologia do professor e o horário podem ser fatores que geram um crescente desinteresse das pessoas em participar da mesma.

Tendo como objetivo geral a análise dos reais motivos que causam o desinteresse dos cristãos em participar da Escola Bíblica Dominical, busca-se especificamente identificar quais motivos geram tal ausência, verificar se algum motivo tem relação com a didática do professor e comparar as opiniões dos alunos assíduos com a dos ausentes.

Na primeira seção, objetiva-se reunir os conceitos da Educação Geral, destacando a Educação Cristã, fazendo um breve recorte histórico sobre a Escola Bíblica Dominical.

Na segunda seção, apresentam-se informações coletadas por meio da pesquisa qualitativa, realizada através de um questionário. Na mesma seção, busca-se relacionar os resultados obtidos com as proposições dos autores que norteiam essa pesquisa. Por conseguinte, nas considerações finais faz-se uma síntese das ideias dos autores com o resultado da pesquisa qualitativa, relacionando com o objetivo geral e os específicos, pontuando possíveis soluções à problemática dessa pesquisa.

### **1.1. Procedimentos Metodológicos**

Na perspectiva de que a Escola Bíblica é uma ferramenta essencial na caminhada cristã, se realiza esta pesquisa qualitativa que busca identificar causas e consequências do distanciamento da EBD sobre a vida cristã.

GATTI (2002) ensina que pesquisa “é o ato pelo qual procuramos obter conhecimento”. Para essa autora, inúmeras vezes, o pesquisador necessita buscar informações, ater-se a fontes que esclareçam, aprofundem ou que acrescentem conhecimento.

Esse ato de mergulhar no desconhecido, de investigar, de captar novas informações e constatações, chama-se pesquisa. Nesse sentido, a pesquisa tem como finalidade a elaboração de conhecimentos sobre determinado assunto que possibilite uma compreensão além do que está posto à primeira vista.

No caso específico de pesquisa qualitativa, o pesquisador faz parte do processo de conhecimento, interpretando-o e dando-lhe sentido. O pesquisador está vinculado à pesquisa ativamente, devido haver uma relação dinâmica entre o pesquisador e objeto de estudo.

Pontuar aspectos da pesquisa qualitativa faz-se necessário porque, diferentemente das pesquisas quantitativas, as análises de dados que possibilitam resultados apresentados por uma pesquisa qualitativa estão diretamente relacionadas ao conhecimento do pesquisador, bem como a diferentes concepções que o pesquisador construiu a respeito do fato ou do fenômeno pesquisado.

Nas ciências exatas, por exemplo, tomando-se como referência os estudos elementares sobre o estado da matéria, a água passa do estado líquido para o estado gasoso quando a temperatura chega a 100° C. Esse resultado sempre ocorrerá em condições normais de temperatura e pressão, independentemente do humor ou estado de espírito da pessoa que observa o fato/fenômeno.

No caso das ciências humanas, como é o caso das ciências da educação, os resultados dependerão do pesquisador/observador. Por isso, esta pesquisa necessita de fontes de autores dedicados ao assunto a ser estudado; tais fontes auxiliam as análises e as interpretações de dados coletados nessa investigação.

Durante o processo de construção desse trabalho, realizou-se a coleta de dados por meio de um questionário distribuído a 33 (trinta e três) pessoas da comunidade cristã. Estas foram selecionadas pelo seguinte perfil: diferentes congregações, diferentes faixas etárias, sexos diferentes.

A escolha do Questionário para coleta de dados se deu porque esse instrumento era constituído por uma série ordenada de perguntas a serem respondidas por escrito pelo informante, não exigindo a presença do pesquisador.

O roteiro foi constituído de Onze (11) questões objetivas, de linguagem simples e direta. Sobre o seu processo de construção, entrou-se em contato com os participantes, via redes sociais (whatsapp) e, depois, pessoalmente; explicou-se sobre o tema e os objetivos da pesquisa e combinou-se um dia para a entrega do questionário impresso; por fim, estipulou-se o prazo máximo de dois (02) dias para o recebimento do mesmo respondido.

Após o recebimento dos trinta e três (33) questionários respondidos, focou-se na análise dos dados coletados, realizou-se a tabulação das respostas obtidas na análise, buscando encontrar posicionamentos semelhantes e diferentes entre as respostas, se utilizando de tabelas e de gráficos, relacionando os dados coletados com as proposições teóricas desenvolvidas nas seções com a finalidade de chegar ao objetivo proposto nessa pesquisa.

## 2. EDUCAÇÃO CRISTÃ: UMA BREVE COMPREENSÃO

O mundo hoje vive uma época de diversidade de conceitos, ideologias e paradigmas, fruto de um ambiente pluralista, e na educação não é diferente. Diante desse contexto, é desejo de todo líder cristão oferecer à sua Igreja uma educação que seja eficaz, mas também bíblica com a finalidade de orientá-la para que não caia em armadilhas de filosofias pós-modernas.

LIBÂNEO (2005) reflete sobre a educação, destacando que a mesma se faz em diferentes ambientes e de várias formas. A Educação Geral não se limita a um único modelo; nós, seres humanos, necessitamos dos processos educativos para nossa sobrevivência e evolução. Nesse sentido, a Educação é um instrumento basilar.

O indivíduo em seu desenvolvimento humano deve estar vinculado às “educações” que permeiam sua vida, e essas relações do indivíduo com o mundo, dentro dos grupos sociais, proporcionarão experiências de amadurecimento, aquisição de novos conhecimentos, reflexão sobre as emoções, comportamentos e ações.

Considerando tais pressupostos, a Educação Cristã faz parte desse processo e tem um papel essencial na formação integral do indivíduo, pois é um instrumento da missão educadora, proclamadora da salvação, que a Igreja executa. Fundamenta-se na Bíblia Sagrada e em seus objetivos, tais como: no ensino aos conhecimentos bíblicos e na capacitação para exercer o Ide que Jesus deixou aos seus seguidores, pautada na obediência e no entendimento dos Preceitos Sagrados.

A Educação Cristã é uma área da Teologia Pastoral que objetiva a reflexão e o exercício educativo no contexto cristão. Teologicamente, na qualidade de atividade humana, ela tem um propósito, ressaltado nos Evangelhos, em especial, em Mateus 28:19 e 20: a Missão de fazer discípulos. ANDRADE (2002) destaca que a Igreja não pode se omitir da vocação de ensinar, seu papel é espiritual e também educacional. Pode-se comprovar este fato em três textos bíblicos equivalentes: 2 Timóteo 3: 16, 17; Colossenses 1: 28 e 2 Timóteo 2: 15.

A frase “fazei discípulos” significa “fazei ou desenvolvei aprendizes”. Apoiado nessa máxima, o propósito geral da Educação Cristã é levar pessoas a adquirirem uma consciência pessoal do Deus revelado em Jesus Cristo, ter uma relação pessoal com Ele através da fé, seguir Jesus no discipulado cristão e ter um crescimento contínuo até a plena maturidade cristã.

Embora o indivíduo possa receber instrução segundo os conceitos e princípios da vida cristã, a Educação Cristã inicia-se com a experiência da conversão e deve continuar até o fim da existência terrena do cristão. Educar dentro da esfera Cristã é conduzir as pessoas ao conhecimento e aceitação de Jesus como Salvador e instruí-las para uma vida de serviço em nome de Cristo.

A Educação Cristã tem como base o fato de Deus ter se revelado como verdade infinita e que o Homem é capaz de conhecê-la em parte. Isso deve levar o ser humano a crescer na graça e no

conhecimento de Cristo, até alcançar o pleno conhecimento da verdade.

### 3. ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL

Dentre as ferramentas de aperfeiçoamento presentes na Educação Cristã, a igreja dispõe da Escola Bíblica Dominical. A Escola Bíblica Dominical tem uma história influenciadora e inspiradora que estimula os fiéis a seguirem firmes na caminhada cristã, pois mostra-lhes que cuidar de pessoas é um grande investimento no Reino de Deus.

O movimento religioso que nos deu a Escola Dominical como a temos hoje, começou em 1780, na cidade de Gloucester, no sul da Inglaterra. O fundador foi o jornalista evangélico (episcopal) Robert Raikes, de 44 anos, redator do Gloucester Journal. Raikes foi inspirado a fundar a Escola Dominical ao sentir compaixão pelas crianças de sua cidade, perambulando pelas ruas, entregues a delinquência, pilhagem, ociosidade e ao vício, sem qualquer orientação espiritual. (SILVA.1999,p.133)

No início da história da Escola Bíblica, foram percebidos os objetivos de resgate, o cuidado e o ensinamento voltado às crianças carentes. O ensino não restringia-se às Escrituras, mas incluía ensinamentos das Ciências Exatas e Humanas. Na fase experimental, foram fundadas sete Escolas Dominicais; o resultado foi excelente, pois familiares foram alcançados pela Poder da Palavra de Deus.

No Brasil, a Escola Dominical iniciou-se na data de 19 de Agosto de 1855 no Estado do Rio de Janeiro. O iniciador foi o missionário Robert Kalley juntamente com sua Esposa Dr<sup>a</sup> Sarah Kalley. Conforme SILVA (1999), a primeira reunião contou com a participação de cinco crianças, e o trabalho missionário desse casal originou a Igreja Congregacional no Brasil. Comemora-se o dia Nacional da Escola Bíblica Dominical todo terceiro domingo do mês de Setembro.

A partir da persistência dos pioneiros desse trabalho, do direcionamento do Espírito Santo, pessoas foram alcançadas pela Graça Salvadora de Cristo Jesus, e a Escola Bíblica Dominical segue atravessando gerações, rendendo bons frutos.

Como uma ferramenta espiritual na vida cristã, a Escola Bíblica tem uma missão, objetivos e uma organização. Silva (1999) define essa Escola como um espaço no qual se pode abordar de maneira mais profunda a Educação Cristã, tendo como referencial as Escrituras Sagradas para embasar o ensino também de assuntos que incluem vida em sociedade.

Assim como a escola secular, a Escola Bíblica Dominical tem a missão de ensinar. Seu ensino deve envolver o fazer pedagógico e os métodos, considerando a espiritualidade como base do trabalho da Igreja.

Dentre os objetivos dessa ferramenta cristã fundamental temos a salvação de almas, notadamente nascida no contexto de resgate espiritual e pessoal. É um eficiente meio de propagação

do Evangelho.

Inerente à salvação de almas, o fortalecimento da espiritualidade e a formação de caráter baseado nas ordenanças de Cristo são dois objetivos importantes, pois estão relacionados ao amparo, ao cuidado, ao cultivo, à orientação e ao tratamento dos hábitos.

Através da Escola Bíblica Dominical, projeta-se constituir cristãos capacitados, treinados na Palavra. O intuito é o crescimento espiritual saudável, gerando ações que reflitam as obras e os ensinamentos de Jesus.

A não participação do cristão na EBD pode gerar consequências como: frieza espiritual, deficiência na formação dos princípios morais e espirituais em adolescentes e jovens, distanciamento na comunhão com Deus e os irmãos, também pode afetar no desenvolvimento espiritual de toda a família.

Um cristão alicerçado e bem preparado encontra em sua trajetória oportunidades de servir a Jesus através de atividades que vão gerar bons frutos e deixar legados. O desenvolvimento da Escola Bíblica Dominical deve nortear a conversão da pessoa, seu crescimento espiritual e o seu serviço no Reino de Deus.

A organização da Escola Bíblica no meio evangélico, em geral, acontece no Domingo pela manhã e se estabelece de forma parecida com a escola secular, dividida em classes, onde os alunos são direcionados às seguintes classes: Primários, Juniores, Adolescentes, Jovens e Adultos, de acordo com a sua faixa etária.

A E.B.D dispõe dos seguintes recursos humanos: coordenadores que desempenham a função de supervisionar, orientar o corpo docente; secretários responsáveis pela organização de materiais, levantamento de frequência e matrículas; por fim, o corpo docente que tem a missão de ensinar a Palavra de Deus, executando um planejamento e utilizando metodologias e materiais adequados à cada faixa etária.

A estrutura organizacional é composta pelo que SILVA (1999) destaca como “forma tríplice”: a ordenação pessoal, que envolve o corpo docente, coordenação, alunos. A distribuição material que estabelece a estrutura física: espaço, material didático e outros recursos, e a sistematização funcional que visa alcançar os objetivos de ensinamento, capacitação e a evolução espiritual.

#### **4. DISTANCIAMENTO DA EBD: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS**

O propósito da Igreja é glorificar a Deus, seja na oração, na comunhão, na administração, na proclamação da Palavra, na ação social ou no evangelismo.

Por isso, pode-se dizer que a EBD é uma forte aliada aos propósitos da salvação de almas, é

um processo de discipulado até o amadurecimento cristão, pois ali estão presentes o ensino e a aprendizagem das Escrituras Sagradas como fatores decisivos no processo de aperfeiçoamento espiritual.

A relevância da EBD está diretamente relacionada à contextualidade da Palavra de Deus e ao seu relacionamento com a experiência diária do crente, tendo em vista dar-lhe condições de alcançar a plena maturidade em Cristo.

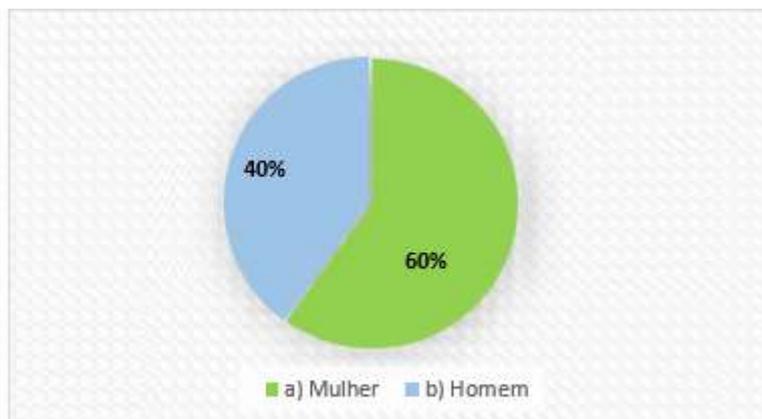
A EBD não é apenas a transmissão de teorias, mas o estudo da Palavra de Deus, de tal forma que produza mudança de vida no indivíduo com o intuito de transformá-lo em um autêntico discípulo de Cristo. É um recurso que visa fornecer cuidados espirituais. Towns (2010) afirmaque, para a Igreja, a Escola Bíblica Dominical é a arma de alcance, cuidado e ensino.

#### 4.1. Apresentação E Análise De Dados

No presente estudo participaram 33 (trinta e três) pessoas da comunidade cristã, dentro dos critérios estabelecidos: diferentes congregações, diferentes faixas etárias, sexos diferentes. Cada participante recebeu um roteiro constituído de Onze (11) questões objetivas.

A pergunta 1 (um) busca identificar qual o sexo e a pergunta 2 (dois) a faixa etária dos participantes. Vejamos nos gráficos 1 e 2 abaixo:

Gráfico 1: Sexo dos participantes



Fonte: Dados do questionário aplicado (2021)

Gráfico 2: Faixa Etária dos participantes



Fonte: Dados do questionário aplicado (2021)

O gráfico 1 (um) mostra que a maioria dos participantes é do sexo feminino (60%), no gráfico2 (dois) tem-se um panorama da faixa etária.

Pode-se inferir que houve incidências maior de participantes do sexo feminino. Sobre a faixa etária, destaca-se uma presença significativa de pessoas entre 16 anos e 20 anos, tanto do sexo feminino quanto do sexo masculino. Logo, houve uma presença significativa do público jovem.

As informações contidas no gráfico 3 (abaixo) referem-se às funções desempenhadas na Escola Bíblica Dominical:

Gráfico 3: O que você faz na EBD

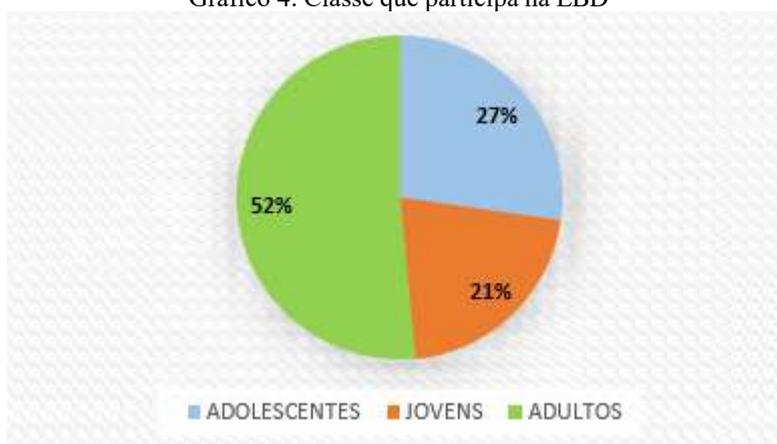


Fonte: Dados do questionário aplicado (2021)

76% dos participantes integram o grupo dos alunos, 15% exercem a docência e 9% desempenham a função de coordenador. Tem-se uma porcentagem alta de pessoas que são alunos. O autor Antônio Gilberto (1929) destaca que a EBD é um ministério pessoal de alcance de famílias, da comunidade e de pessoas em qualquer faixa etária.

As classes que os participantes frequentam na Escola Bíblica Dominical estão descritas no gráfico 4:

Gráfico 4: Classe que participa na EBD



Fonte: Dados do questionário aplicado (2021)

Visualiza-se uma porcentagem significativa da classe de adultos com 52%, 27% são participantes na classe de adolescentes e 21% frequentam a classe dos jovens.

Identificam-se nos gráficos 3 e 4 elementos da estrutura organizacional da EBD: as classes, os professores e os coordenadores. Uma organização eficiente suscitará em crescimento tanto em qualidade quanto em quantidade. Portanto, a ordem é fundamental quando se utiliza essa ferramenta chamada Escola Bíblica Dominical.

Quando questionados sobre a assiduidade obteve-se o seguinte resultado:

Gráfico 5: Frequência na EBD



Fonte: Dados do questionário aplicado (2021)

67% dos integrantes da pesquisa responderam que estão presentes todo domingo na EBD, 15% assinalaram que comparecem três vezes na semana, enquanto 12% informaram que frequentam duas vezes na semana e apenas 6% vão uma vez na semana. Esses dados demonstram que há uma assiduidade significativa dos participantes na Escola Bíblica Dominical.

Percebem-se indícios de ausências, já que a reunião é realizada uma vez na semana.

O gráfico seguinte mostra alguns motivos que geram ausência na EBD:

Gráfico 6: Motivos de ausência na EBD

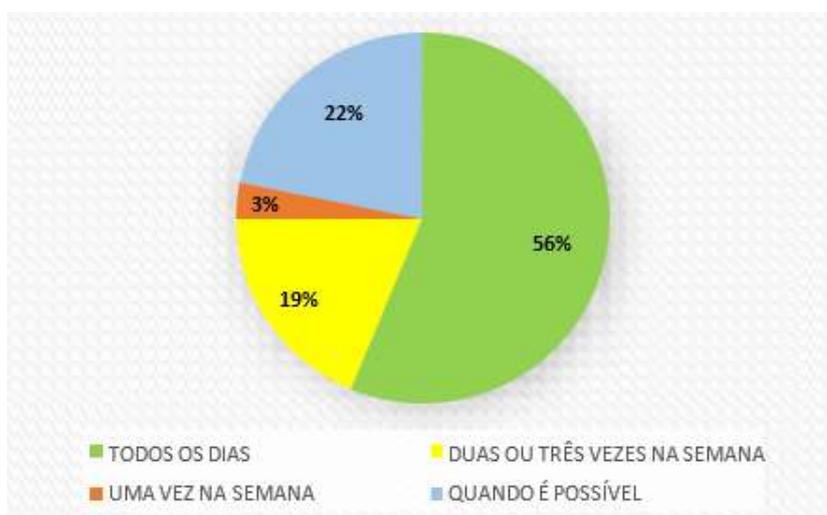


Fonte: Dados do questionário aplicado (2021)

Das 33 respostas coletadas, 28% delas indicaram o trabalho como motivo de não comparecimento, 6% assinalaram que não gostam de acordar cedo e 3% não gostam das aulas. Os 63% que marcaram a alternativa “outros”, listaram os seguintes motivos: cansaço, doença, esquecimento, estudos e motivos pessoais. Diante da agitação da vida moderna, as pessoas encontram diversos obstáculos que impossibilitam a presença contínua em seus compromissos. No entanto, o Cristão precisa valorizar o seu compromisso com Deus e a sua obra. Pois, tal compromisso vai além da vontade pessoal, é uma renúncia da carne em prol do fortalecimento espiritual.

No gráfico 7 visualiza-se as seguintes informações a respeito da periodicidade em que os participantes leem a Bíblia Sagrada:

Gráfico 7: Frequência de Leitura da Bíblia



Fonte: Dados do questionário aplicado (2021)

56% afirmaram que leem a Bíblia todos os dias, 19% indicaram duas ou três vezes na semana e 3% apontaram uma vez na semana, 22% informaram que realizam a leitura das Escrituras Sagradas quando é possível. A Bíblia Sagrada é a manifestação de Deus ao homem, a revelação da sua vontade, do seu amor e dos seus propósitos. Encontram-se motivos pertinentes para que se tenha uma assiduidade na leitura e na prática das Escrituras Sagradas. A respeito da importância do texto sagrado, como alimento espiritual cristão, Paulo descreve em 2 Timóteo 3: 16, 17: “Toda escritura divinamente inspirada é propícia para ensinar, redarguir, admoestar e instruir em justiça”. O Salmista Davi declara em Salmos 119: 105: “Lâmpada para os meus pés é a tua palavra e luz para o meu caminho”. A Palavra de Deus, portanto, é imprescindível na caminhada Cristã, pois é um relacionamento saudável entre o homem e Deus, envolvendo a meditação, o estudo aprofundado, a reflexão e a ação.

Quanto à relevância da Escola Bíblica na formação espiritual, obteve-se os seguintes resultados:

Gráfico 8: Importância da Escola Bíblica na formação Espiritual

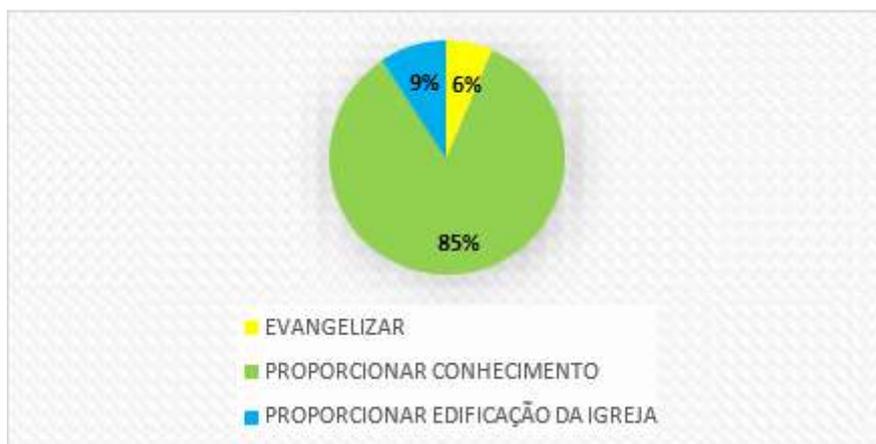


Fonte: Dados do questionário aplicado (2021)

84% julgaram muito importante a Escola Bíblica na formação espiritual, 16% assinalaram importante. As reuniões da EBD tornam-se oportunidades de fortalecimento da união entre os participantes, pois é um canal de compartilhamento de conhecimentos. Portanto, compreender essa importância é um ato de amor pelo Reino de Deus.

O gráfico 9 demonstra a opinião dos participantes sobre o principal objetivo da EBD na vida Cristã:

Gráfico 9: Principal objetivo da Escola Bíblica Dominical na vida Cristã

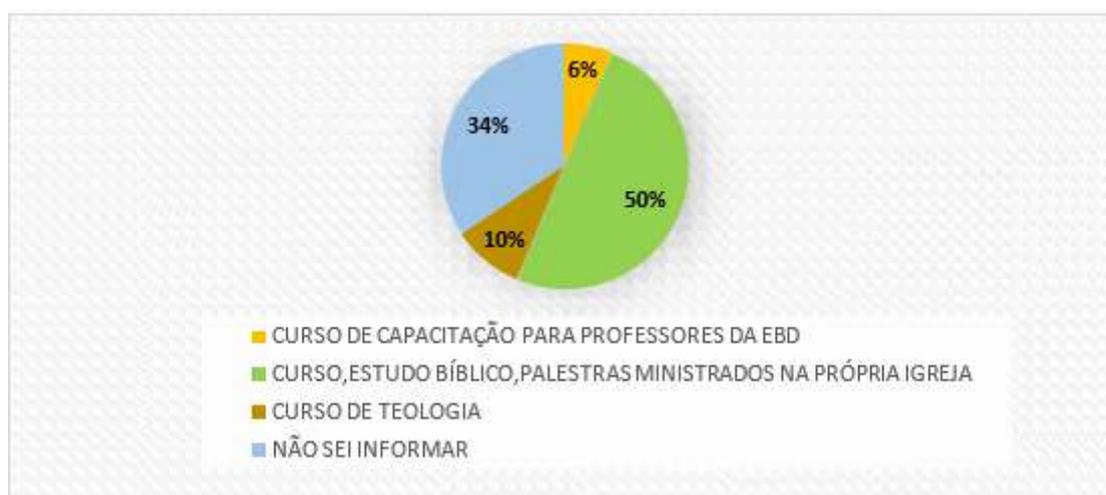


Fonte: Dados do questionário aplicado (2021)

A maioria dos participantes indicou a obtenção de conhecimento como principal objetivo da Escola Bíblica Dominical, 9% indicaram a edificação da Igreja, e 6% apontaram o evangelismo como foco principal. Silva (1999) evidencia, como um dos três objetivos da Escola Bíblica, o treinamento de pessoas para executar a obra do Senhor. Portanto, o conhecimento aguçado das Escrituras Sagradas resulta em cristãos fortalecidos espiritualmente e preparados para servir com excelência.

Observa-se no gráfico 10 o resultado sobre a formação dos docentes da Escola Bíblica Dominical:

Gráfico 10: Formação dos Professores da EBD

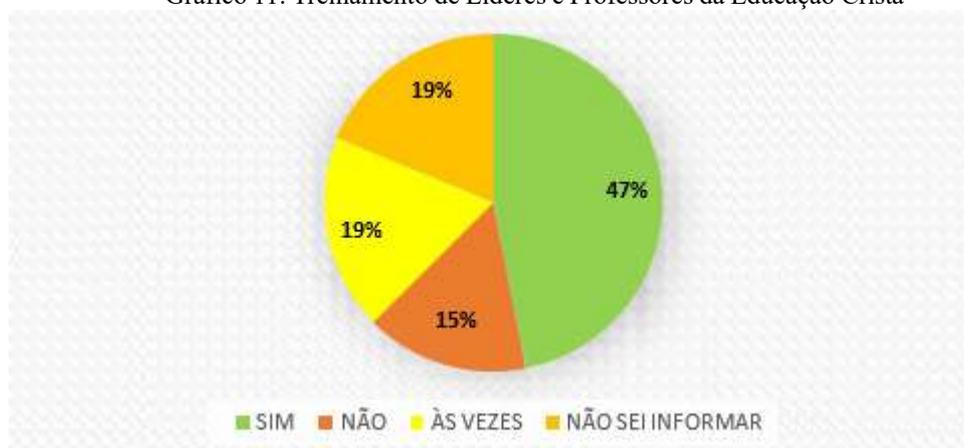


Fonte: Dados do questionário aplicado (2021)

Conforme os dados coletados, 50% dos participantes apontaram que os professores possuem

cursos, estudos bíblicos e palestras realizados nos templos que fazem parte. 10% dos professores possuem a formação no curso de Teologia, 6% informaram que os professores têm curso de capacitação específica para EBD e 34% não souberam informar sobre a formação. A capacitação docente é imprescindível. Assim como na escola secular, onde os professores aperfeiçoam-se por meio das formações continuadas, a Escola Bíblica Dominical necessita de aperfeiçoamento profissional. “O professor, independente da área em que atua, deve esforçar-se para que seu aprendizado nunca termine, pois, antes de ser professor, ele é um aprendiz. Sua formação precisa ser contínua e diversificada.” ALVES, 2018. p.23. Apenas o conhecimento empírico sobre as Escritura Sagradas não é suficiente. Portanto, utilizar-se de recursos educacionais é fundamental. Pois, cada aula é uma oportunidade de transformação de vidas.

Gráfico 11: Treinamento de Líderes e Professores da Educação Cristã



Fonte: Dados do questionário aplicado (2021)

As informações contidas no gráfico 11 destacam que 47% confirmam que há treinamento para os líderes e os professores; a opção “não” foi assinalada por 15% dos participantes; a opção “às vezes” foi apontada por 19%, enquanto que 19% do grupo não soube informar sobre a existência de treinamento em suas respectivas congregações. O corpo docente possui uma responsabilidade, pois exerce sua prática diretamente com o aluno. Todavia, ter uma formação em Teologia ou Pedagogia não é um critério obrigatório para a função de docente na EBD. O objetivo é levar as pessoas à salvação e fazer com que participem da membresia da Igreja. No entanto, o corpo docente necessita aperfeiçoar-se para que possa exercer sua função. Um professor bem preparado espiritualmente e didaticamente não apenas chama a atenção, mas planta o interesse por mais de Deus na vida dos alunos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca de compreender melhor a questão sobre o distanciamento dos cristãos da Escola Bíblica Dominical, as causas e consequências, procurou-se responder a seguinte problemática: por que há o crescente desinteresse da comunidade cristã em participar da Escola Bíblica Dominical, mesmo que seja uma ferramenta de crescimento espiritual? E a hipótese: as dinâmicas das aulas, a metodologia do professor e o horário podem ser fatores que geram um crescente desinteresse dessa comunidade em participar da mesma.

Partindo da coleta de dados realizada via questionário, foi possível apontar algumas considerações: a maior porcentagem dos participantes é de alunos na Escola Bíblica Dominical; há uma frequência significativa por parte da maioria, todavia encontram-se vestígios de ausências quando observada a porcentagem de 15% e 12% (gráfico 5) dos que frequentam entre duas ou três vezes na semana. O resultado pode indicar um sutil desinteresse na participação da EBD.

Aspectos sobre os motivos de ausência na EBD chamaram a atenção: o trabalho foi apontado como uma razão; no quesito “outros” foram adicionados os estudos, doença e cansaço como fatores que também levam à ausência.

Houve uma discreta menção relacionada ao desinteresse como motivo de ausência. Sugere-se, então, a hipótese de que o horário e o dia em que ocorre a Escola Bíblica Dominical podem ser as causas do problema.

Há uma compreensão por parte dos participantes sobre a importância da Escola Bíblica, como um elemento essencial na Educação Cristã; no entanto, motivos justificáveis ocasionam essas ausências.

Uma observação sobre a frequência de leitura da Bíblia Sagrada deve ser destacada, apesar da alta porcentagem apontando a assiduidade nas aulas: trata-se da porcentagem considerável dos que leem apenas quando é possível, sugerindo uma inconstância nas aulas. A leitura frequente da Palavra de Deus pode ser incentivada conforme a participação das pessoas na Escola Bíblica Dominical, no aguçar da curiosidade, no despertar de um desejo maior que torne essa leitura um hábito.

Quanto à formação docente, identifica-se nos professores uma formação básica nos conhecimentos bíblicos, pois participam de cursos ministrados na própria igreja. É verdade que se todos dispusessem da formação teológica, obtendo a ampliação de seus conhecimentos, tornariam-se mais qualificados e diferenciados.

O investimento em cursos de aperfeiçoamento é um instrumento importante de evolução espiritual, mas é necessário que seja uma prioridade da Igreja. A análise demonstra que há um investimento positivo; porém, destaca-se que parte do grupo participante não soube informar sobre

a formação dos professores e nem sobre os cursos de capacitação. É de grande benefício que todos os participantes da EBD tenham informações sobre a formação docente, que observem as ações de ensino do professor para sugerir melhorias, se for necessário. Todos os participantes devem sentir confiança e liberdade para expressar opiniões que visem melhorar o desenvolvimento do trabalho da EBD, e para isso faz-se necessário um vínculo entre os sujeitos ativos.

Através dessa pesquisa afirma-se a hipótese: as dinâmicas das aulas, a metodologia do professor e o horário podem ser fatores que geram um crescente desinteresse da comunidade cristã em participar da mesma, segundo as indicações dos dados coletados.

O distanciamento do cristão da EBD ocasiona consequências na vida espiritual, na evolução do caráter, causa ineficácia dos conhecimentos bíblicos e resulta numa comunhão superficial com Deus. A vontade de Deus para todos os cristãos é um crescimento espiritual saudável e o caminho para se avançar nisso é conhecer a Jesus e permanecer nas verdades ensinadas por Ele.

Portanto, há uma necessidade de reformulação da organização da Escola Bíblica Dominical, seja na flexibilização de horários, dia da semana, bem como na ministração das aulas e de um olhar mais atento à formação inicial e na formação continuada dos docentes.

Cada congregação poderia ter um perfil mais definido dos membros, estimular o diálogo e alçar estratégias para que a maior parte da membresia frequente a EBD. Embora sejam trabalhos intensos para os líderes, entretanto são necessários e vantajosos em todos os aspectos.

Investir na capacitação periódica dos docentes é, sobretudo, essencial; pois só assim alcançarão os objetivos traçados, saberão organizar seus planejamentos, utilizar métodos de ensino e recursos educacionais com autonomia e confiança. Ressalta-se que todo aquele que faz parte da família de Deus, tem uma aliança com Ele, logo não pode descuidar do compromisso de obedecer todas as suas ordens. O docente deve procurar-se apresentar a Deus como um cristão aprovado, dedicado que manuseia bem a palavra.

A Escola Bíblica Dominical é essencial na propagação dos Ensinos Sagrados, pois, de modo sistemático, visa alcançar toda a comunidade Cristã. A evolução da igreja passa indispensavelmente pelo ensino saudável da palavra de Cristo Jesus.

Por fim, acredita-se que essa pesquisa é um estímulo e uma abertura para novas reflexões sobre o contexto que envolve a Escola Bíblica Dominical.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Jair. Práticas pedagógicas para professores EBD. 2ª ed. 2018.

ANDRADE, Claudionor de. **Teologia da Educação Cristã**. Rio de Janeiro, Casa Publicadora

das Assembleias de Deus, 2002.

BÍBLIA, Português. **Bíblia Sagrada**. Antigo e Novo Testamento. Tradução: João Ferreira de Almeida. São Paulo, 1995.

LIBANEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, pra quê?** 8ª ed. São Paulo, Cortez, 2005.

SILVA, Antônio Gilberto. **Manual da Escola Dominical: um curso de treinamento para Professores iniciantes e de atualização de professores veteranos da Escola Dominical**. 178 ed. Melhorada e aum. — Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1999.

TOWNS, Elmer L. **24 Segredos que Podem Ajudá-lo a Mudar Vidas**. Tradução: Karen de Andrade Bandeira. Rio de Janeiro, Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2010.

# *Capítulo 10*

---

## **TEOLOGIA E FILOSOFIA: A RELAÇÃO ENTRE FÉ E RAZÃO NA TEOLOGIA DE SANTO AGOSTINHO**

Carlos André dos Santos Silva

## TEOLOGIA E FILOSOFIA: A RELAÇÃO ENTRE FÉ E RAZÃO NA TEOLOGIA DE SANTO AGOSTINHO

### THEOLOGY AND PHILOSOPHY: THE RELATIONSHIP BETWEEN FAITH AND REASON IN SAINT AUGUSTINE'S THEOLOGY

*Carlos André dos Santos Silva<sup>1</sup>*

#### RESUMO

Este artigo analisou a teologia de Santo Agostinho, destacando a relação entre a fé e a razão como tema central, bem como o problema de como essas dimensões interagem em sua obra e sua atualidade. A tese sustentada é que Agostinho integra fé e razão de forma complementar, colocando a fé como fundamento e a razão como ferramenta de aprofundamento e defesa. Os objetivos são compreender essa interação e analisar a aplicação de sua teologia em questões atuais, como ética, política e espiritualidade. A metodologia utilizada foi a qualitativa, composta pela análise textual de obras-chave, como Confissões e De Civitate Dei, e pelo diálogo com estudiosos, como Peter Brown e Charles Taylor. Os resultados mostraram que Agostinho utilizou a razão para esclarecer crenças religiosas, refutar heresias e interpretar a Bíblia de forma coerente, enquanto sua teologia permanece relevante para debates sobre secularismo, moralidade e diálogo inter-religioso. As conclusões indicam que os objetivos foram atingidos, o que confirma a relevância atemporal da obra agostiniana, que reúne fé e razão em um modelo de pensamento coerente e inspirador.

**Palavras-chave:** fé; razão; santo agostinho; teologia; filosofia.

#### ABSTRACT

This article analyzed the theology of Saint Augustine, highlighting the relationship between faith and reason as a central theme and addressing the problem of how these dimensions interact in his work and contemporary relevance. The sustained hypothesis is that Augustine integrates faith and reason in a complementary way, positioning faith as foundation and reason as tool of deepening and defense. The objectives include understanding this interaction and exploring the applicability of their theology to current issues such as ethics, politics and spirituality. The methodology adopted was a qualitative research, with textual analysis of key works such as Confessions and De Civitate Dei, and dialogue with scholars such as Peter Brown and Charles Taylor. The results showed that Augustine used reason to clarify truths of faith, refute heresies and interpret Scripture, while his theology remains relevant for debates on secularism, morality and inter-religious dialogue. The final considerations indicate that the objectives have been achieved, confirming the timeless relevance of the Augustinian work, which integrates faith and reason in a coherent and inspiring model of thought.

**Keywords:** faith; reason; saint augustine; theology; philosophy.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Tecnologias Emergentes em Educação (MUST). Bacharel em Teologia e Licenciado em História. Especialista em: Gestão e Docência de Ensino Superior; Metodologia de Ensino de Filosofia e Sociologia; Metodologia de Pesquisa Científica; Ensino Religioso, Ciências da Religião (UNIFAP) e pós-graduando em História Afro-Brasileira (FAVENI).

**E-mail:** professorcarlosandre.teologia@gmail.com

**Currículo Lattes:** <https://lattes.cnpq.br/7642220799466750>

**Orcid:** <https://orcid.org/0009-0007-9026-3275>

## 1. INTRODUÇÃO

A relação entre religião e razão tem sido um tema relevante na história do pensamento ocidental, especialmente na teologia cristã. A figura de Santo Agostinho ocupa um lugar de destaque por sua abordagem integrada e reflexiva sobre a relação entre a fé e a razão na busca da verdade. Este artigo apresenta uma análise aprofundada da teologia de Santo Agostinho, enfatizando sua visão sobre a interação entre essas duas dimensões fundamentais da existência humana.

O tema deste artigo está relacionado à aparente tensão entre a fé e a razão. Historicamente, essas duas esferas são frequentemente percebidas como contrárias: a fé como algo incontrolável e a razão como autossuficiente. Santo Agostinho, contudo, apresenta uma perspectiva distinta, ao afirmar que a fé e a razão não apenas podem existir, mas também se apoiar uma na outra. Dessa forma, a questão central do artigo é: como Santo Agostinho concebe a relação entre fé e razão, e quais implicações essa visão tem para a teologia e a filosofia?

O objetivo geral deste artigo é examinar a relação entre a fé e a razão na teologia de Santo Agostinho, demonstrando como ele articula uma visão complementar dessas dimensões. Os objetivos específicos são: investigar os fundamentos filosóficos e teológicos que sustentam sua visão; compreender como sua teoria da iluminação divina conecta fé e razão; e discutir a relevância de suas ideias para os debates contemporâneos sobre o tema.

A metodologia utilizada nesta pesquisa é a qualitativa, com ênfase na análise textual de obras-chave de Santo Agostinho, como *Confissões*, *De Civitate Dei* e *De Trinitate*. Além disso, serão consultados comentários e estudos acadêmicos a respeito do pensamento agostiniano, com o objetivo de contextualizar sua visão no cenário intelectual de sua época. O método hermenêutico será desenvolvido para interpretar as obras de Agostinho e identificar os principais pontos de sua argumentação.

O presente artigo apresenta uma discussão sobre o contexto histórico e intelectual de Santo Agostinho. Será examinado como as experiências pessoais, como a conversão ao cristianismo e o contato com o neoplatonismo, influenciaram sua perspectiva sobre a fé e a razão. A crise no final do Império Romano e os desafios teológicos enfrentados pela Igreja também serão considerados como fatores que influenciaram o seu pensamento.

Em seguida, o artigo abordará os fundamentos da relação entre a fé e a razão na teologia agostiniana. As definições de fé como a confiança em Deus e razão como um dom divino para compreender a verdade. A célebre máxima agostiniana "*Credo ut intelligam*" será apresentada como uma síntese da sua abordagem ao tema.

Uma questão importante a ser discutida é a teoria da iluminação divina de Agostinho,

segundo a qual Deus ilumina a mente humana, permitindo-lhe atingir o conhecimento verdadeiro. Essa teoria será comprovada como um ponto de convergência entre a fé e a razão, onde a graça divina desempenha um papel fundamental para superar as limitações da razão humana.

Outro ponto relevante é a ideia de que a fé é mais importante que a razão. Agostinho sustenta que a fé é uma condição indispensável para que uma razão seja eficiente. No entanto, o artigo também enfatizará a utilização da razão como instrumento para defender a fé, refutar heresias e aprofundar a compreensão das Escrituras Sagradas.

Além disso, serão analisadas as tensões entre a fé e a razão identificadas por Agostinho, particularmente em relação aos mistérios da fé, como a Trindade e a Encarnação, que transcendem a capacidade racional humana. Além disso, serão discutidas as razões pelas quais essas propostas não implicam em contradições, mas sim refletem os limites da razão em relação ao divino.

O presente artigo abordará a atualidade da visão de Santo Agostinho a respeito da fé e da razão. A sua abordagem poderá contribuir para o diálogo entre ciência e religião, bem como para questões éticas e filosóficas que dizem respeito à interação entre essas esferas.

Dessa forma, este artigo apresenta uma visão geral da relação entre fé e razão na teologia de Santo Agostinho. Ao longo da análise, será demonstrado que sua abordagem ainda é uma referência tanto para a teologia quanto para a filosofia, fornecendo insights relevantes para questões que transcendem o seu contexto histórico.

## 2. CONTEXTO HISTÓRICO E INTELECTUAL DE SANTO AGOSTINHO

Santo Agostinho de Hipona (354-430 dC) é uma das figuras mais importantes da história do pensamento ocidental, cuja obra ainda é relevante em contextos filosóficos e teológicos. Agostinho, nascido no norte da África romana, viveu em um período de intensas mudanças políticas, sociais e religiosas. Sua época foi marcada pelo colapso do Império Romano Ocidental e pela consolidação do cristianismo como religião oficial do império. O contexto histórico, aliado à sua formação intelectual diversificada, influenciou profundamente a sua percepção de mundo e pensamento.

O norte da África era, naquele período, uma das regiões mais inteligentes do Império Romano. Tagaste, cidade natal de Agostinho, era um centro provinciano, mas teve acesso a uma educação clássica de qualidade superior, característica típica das elites romanas. A formação inicial focou na retórica e na literatura latina, ferramentas fundamentais para uma carreira pública. Durante este período, foi influenciado por autores como Cícero, cuja obra Hortênsio despertou nele o desejo de buscar a sabedoria. Como ele relata em Confissões (397-400 dC), esse texto foi decisivo para direcionar sua mente ao amor pela verdade, embora ainda permanecesse distante da fé cristã.

O contexto filosófico em que Agostinho foi formado também teve um papel relevante. No

final do século IV, o neoplatonismo era uma das correntes filosóficas predominantes. Plotino (204-270 dC) apresentou uma perspectiva metafísica centrada no Uno, o princípio supremo que tudo emana. Essa estrutura filosófica teve um impacto profundo em Agostinho, especialmente na sua compreensão de Deus como a fonte de todo o ser e da verdade. Como aponta Brown (2002) o neoplatonismo foi fundamental para a reconciliação da filosofia clássica com a teologia cristã em seu pensamento.

Segundo Chadwick (2002) Agostinho experimentou diferentes sistemas religiosos e filosóficos antes de se converter para o cristianismo. O maniqueísmo foi uma religião dualista criada por Mani (216-276 dC), que dividia o mundo em duas forças, de luz e trevas. O maniqueísmo apresentou explicações aparentemente lógicas para o problema do mal, questão que Agostinho tinha desde o início. No entanto, ele acabou rejeitando essa doutrina, considerando-a insatisfatória tanto em termos filosóficos quanto teóricos. Essa crítica é amplamente desenvolvida em suas Confissões, demonstrando as falhas lógicas do maniqueísmo e a busca por uma visão mais integrada do universo.

Agostinho, após abandonar o maniqueísmo, enfrentou um período de ceticismo acadêmico. Ele, influenciado pelas obras de Cícero e Sexto Empírico<sup>2</sup>, chegou à conclusão temporária de que a verdade absoluta era impraticável. Contudo, sua busca pela verdade o levou a seguir outros caminhos, chegando ao neoplatonismo e, finalmente, ao cristianismo. O ceticismo, apesar de ser temporário, contribuiu para sua reflexão crítica, preparando-o para aceitar a fé como um caminho para o conhecimento.

Para Wettstein (2012) a conversão de Agostinho ao cristianismo, em 386 dC, representou uma mudança significativa na sua vida e pensamento. Esse evento, descrito com mais detalhe nas Confissões, foi motivado pela leitura de passagens bíblicas, especialmente as cartas paulinas, e pela influência de Ambrósio de Milão. Ambrósio, conhecido pela sua pregação eloquente e interpretação alegórica das Escrituras, teve um papel crucial na reconciliação de Agostinho com o cristianismo. Essa conversão não significou o abandono da filosofia, mas sim a reorientação para a fé cristã.

Agostinho dedicou-se ao estudo e à defesa da fé cristã após sua conversão. Ele foi ordenado sacerdote e, posteriormente, ordenado bispo de Hipona. Em seus escritos, destacam-se temas teológicos fundamentais e heresias que ameaçavam a unidade da Igreja. Ele defendeu a ideia de que a validade dos sacramentos não depende da moralidade pessoal do ministro, como é demonstrado em *De Baptismo contra Donatistas* (400 dC) *Contra o pelagianismo*, liderado por Pelágio, ele sustentou a necessidade da graça divina para a salvação, uma discussão que se aprofunda em *De*

---

<sup>2</sup> A preocupação de Sexto é mostrar que os céticos pirrônicos não alegam ter descoberto a verdade nem afirmam que esta não pode ser descoberta, mas que continuam investigando.

Natura et Gratia (415 dC)

O colapso do Império Romano Ocidental, causado pela invasão dos visigodos em 410 dC, também teve um grande impacto no pensamento de Agostinho. Este evento causou uma crise no imaginário romano, o que levou a questionamentos quanto à relação entre o cristianismo e a decadência do império. Em resposta, Agostinho escreveu a monumental obra *De Civitate Dei* (413-426 dC), na qual contrastava a Cidade de Deus, fundada no amor divino e na busca pela eternidade, com a Cidade dos Homens, fundamentada no orgulho e nas glórias efêmeras. Esta obra não apenas respondeu às necessidades de seu tempo, como também apresentou uma perspectiva teológica da história que teria um grande impacto no pensamento medieval.

Agostinho interage com pensadores clássicos, como Platão e Aristóteles, e reinterpretou suas ideias sob a perspectiva da teologia cristã. Em sua reflexão sobre o tempo, relatada no Livro XI das Confissões, ele apresenta uma visão inovadora que distingue o tempo como a experiência humana da eternidade divina. A contribuição filosófica apresentada por Gilson (2010) é considerada um marco na metafísica ocidental, uma vez que demonstra como Agostinho integrou a tradição clássica ao pensamento cristão.

Os estudiosos atuais continuam a explorar a riqueza do contexto histórico e intelectual de Agostinho. Rowan Williams, em *On Augustine* (2016), destaca sua habilidade em superar as tensões entre fé e razão, enquanto Taylor, em *Sources of the Self* (1997), enfatiza sua contribuição para o desenvolvimento da interioridade como um conceito central no pensamento ocidental. Estes estudos demonstram que, apesar de ter se perdido no tempo, Agostinho permanece uma figura de relevância e seriedade.

Rist (1996) sustenta que Agostinho não foi apenas um teólogo, mas também um intérprete de seu tempo, capaz de articular uma visão de mundo que respondesse às crises políticas e às mudanças culturais de sua época. A capacidade de lidar com os desafios do seu contexto, sem deixar de lado as verdades universais, é uma das razões que justificam a influência constante de seu pensamento.

Dessa forma, o contexto histórico e intelectual de Santo Agostinho foi crucial para moldar as suas ideias e abordagens sobre a fé e a razão. Ele viveu em uma época de crise e transição, mas soube aproveitar as oportunidades para elaborar uma síntese teológica e filosófica que ainda é relevante. Sua obra não se limita às necessidades do seu tempo, mas também às questões atemporais da condição humana.

Ao compreender o ambiente em que Agostinho viveu e as influências que o moldaram, é possível compreender a profundidade e a relevância de suas contribuições. Ele não apenas discutiu os problemas de sua época, como também lançou as bases para discussões filosóficas e teológicas

que ainda influenciam o pensamento ocidental até hoje.

### 3. FUNDAMENTOS DA RELAÇÃO ENTRE FÉ E RAZÃO EM SANTO AGOSTINHO

Santo Agostinho de Hipona (354-430 dC) é amplamente reconhecido por sua tentativa de estabelecer uma relação harmônica entre fé e razão, uma abordagem que profundamente influenciou a filosofia e a teologia cristã. Agostinho soube unir a razão filosófica à fé cristã num período de transição do pensamento greco-romano para a cosmovisão cristã.

A frase "*Credo ut intelligam*" (Creio para compreender) resume sua visão sobre a relação entre fé e razão. Para ele, a fé precede a razão, mas ambas são complementares. A fé é um ponto de partida, uma crença inicial em Deus e sua revelação, enquanto a razão é uma ferramenta que nos permite compreender, interpretar e aprofundar as verdades de fé. De acordo com Williams (2016), Agostinho nunca conceituou a fé e a razão como forças divergentes na busca pelo conhecimento divino.

Williams (2016) continua com a ideia de agostinho, afirmando que a fé é superior à razão é central no pensamento agostiniano. De acordo com Agostinho, a razão humana, por si só, é incapaz de alcançar as verdades absolutas sobre Deus e a existência. Isso ocorre devido ao fato de a mente humana ser limitada e obscura pelo pecado, necessitando da luz divina para atingir o entendimento pleno. Essa perspectiva é particularmente evidente em sua obra *Confissões* (397- 400 dC), onde ele descreve como foi conduzido pela fé antes de compreender plenamente as verdades do cristianismo. Dessa forma, a fé não substitui a razão, mas sim a prepara para a sua missão.

Segundo Macintyre (2013) Agostinho também reconheceu a relevância da razão no desenvolvimento da fé. Ele compreendeu a razão como um dom de Deus, concedendo à humanidade a possibilidade de investigar a criação, compreender as Escrituras e refletir sobre os mistérios da fé. Em *De Trinitate*, Agostinho utiliza argumentos racionais para analisar a doutrina da Trindade, demonstrando que a razão pode ser usada para aprofundar a compreensão das verdades reveladas. De acordo com O'donnell (2005) Agostinho não apenas valorizou a razão, mas também a considerou essencial para a teologia.

Agostinho relaciona fé e razão através da teoria da iluminação divina. Para ele, o conhecimento humano depende da luz de Deus, que a ilumina e permite que a mente compreenda as verdades eternas. A ideia, inspirada no neoplatonismo de Plotino, é reinterpretada por Agostinho a partir do cristianismo. Em *De Magistro*, ele sustenta que todo conhecimento verdadeiro tem sua origem em Deus, uma vez que Ele é a fonte de toda verdade. Esta teoria reforça a ligação entre a fé e a razão, uma vez que a razão humana só alcança seu pleno potencial quando iluminada pela graça

divina.

Agostinho também salienta que a fé não é cega ou irracional. Em suas obras, ele refuta a ideia de que o cristianismo se baseia em uma acessibilidade passiva. Em vez disso, ele define a fé como uma confiança informada, que requer uma análise crítica e racional. Ele sustenta que a fé é racionalmente justificada, pois se baseia em evidências e testemunhos confiáveis, especialmente nas Escrituras e na Tradição da Igreja. Agostinho considera que acreditar é uma ação que envolve tanto o coração quanto a mente.

A relação entre fé e razão também é evidenciada na forma como Agostinho interpreta as Escrituras Sagradas. Ele sustentava que a leitura bíblica não requer apenas a fé, mas também o uso da razão para compreender o seu significado profundo. Agostinho apresenta princípios hermenêuticos que demonstram como a razão pode auxiliar na interpretação correta dos textos sagrados. De acordo com ele, a razão auxilia na prevenção de interpretações literárias equivocadas e na descoberta das verdades espirituais contidas nas Escrituras.

Outro aspecto relevante da relação entre a fé e a razão em Agostinho é a reflexão a respeito do problema do mal. Em *Confissões e De Civitate Dei*, ele analisa o tema de forma mais aprofundada, usando argumentos racionais para demonstrar que o mal não é uma substância, mas sim uma privação do bem. Esta análise racional do problema do mal revela como Agostinho usa a razão para responder a questões existenciais e teológicas, sempre em diálogo com a fé.

Agostinho reconheceu a complementaridade entre a fé e a razão, mas também reconheceu as suas limitações. Algumas verdades religiosas, como os mistérios da Trindade e da Encarnação, ultrapassam o alcance da razão humana. Todavia, para Agostinho, essas verdades não são contrárias à razão, mas sim indicam os seus limites. Como diz Macintyre (2013) Agostinho via na razão um caminho para a fé, mas não o único, pois a graça divina é indispensável para atingir o conhecimento de Deus.

Agostinho também influenciou a forma como lidava com as heresias da sua época, como o maniqueísmo e o pelagianismo. Contra os maniqueus, ele utilizou argumentos racionais para refutar a sua visão dualista do universo. Já contra os pelagianos, defendeu a necessidade da graça divina, argumentando que a razão humana é insuficiente para alcançar a salvação. Esses debates demonstram que Agostinho usou a razão para esclarecer e defender a fé cristã.

O pensamento de Agostinho em relação à fé e à razão permanece amplamente estudado e aplicado atualmente. Brown, em *Agostinho de Hipona* (2002), sustenta que Agostinho foi pioneiro ao articular uma visão que integrava a razão filosófica à revolução cristã, oferecendo um modelo para o diálogo entre ciência e religião. Taylor (1997) salienta como a interioridade agostiniana, fundamentada na busca racional por Deus, influenciou profundamente a modernidade.

Sendo assim, os fundamentos da relação entre fé e razão em Santo Agostinho demonstram uma visão inovadora e profundamente integrada dessas duas dimensões da existência humana. Ele sustentava que a fé era o ponto de partida para a compreensão, mas a razão desempenhava um papel crucial no aprofundamento e na defesa dessa fé. Sua teoria da iluminação divina, sua forma de interpretar as Escrituras e sua reflexão a respeito do problema do mal demonstram que fé e razão não são opostas, mas sim complementares.

Ao refletir sobre a relação entre a fé e a razão, Agostinho lançou as bases para discussões que se estenderiam ao longo dos séculos, influenciando pensadores como Tomás de Aquino e os escolásticos medievais. A sua abordagem ainda inspira teólogos e filósofos que buscam conciliar a busca racional pelo conhecimento com a experiência da fé. Sua última análise demonstra a unidade entre o coração e a mente, demonstrando que a verdade divina é acessível tanto através da fé quanto da razão.

#### **4. A SUPREMACIA DA FÉ SOBRE A RAZÃO**

A relação entre a fé e a razão tem sido um tema central na história do pensamento filosófico e teológico. A fé é considerada o fundamento do conhecimento divino e da experiência espiritual, enquanto a razão é vista como uma ferramenta que limita o entendimento das realidades humanas. A fé, sob a perspectiva de Santo Agostinho, ocupa uma posição de superioridade em relação à razão, não como uma negação, mas sim como um fundamento e orientação. A abordagem agostiniana sobre o tema oferece um paradigma que tem despertado o pensamento ocidental, enfatizando a interdependência entre essas duas dimensões.

Santo Agostinho (354-430 dC), em sua máxima "Credo ut intelligam", resume a superioridade da fé sobre a razão. Para ele, a fé é o ponto de partida para atingir a sabedoria verdadeira, uma vez que ela orienta a razão para o conhecimento de Deus. De acordo com Gilson, em *A Filosofia Cristã de Santo Agostinho* (2010), Agostinho reconhece que a razão é um dom de Deus, mas sustenta que, por si só, ela não alcança as verdades mais elevadas. A fé é a chave para a compreensão dos mistérios divinos.

A supremacia da fé fica evidente na forma como Agostinho lidava com as limitações da razão humana. O argumento de que a mente humana, oculta pelo pecado original, não pode alcançar a verdade divina sem a ajuda da graça de Deus. Em *Confissões* (397-400 dC), ele narra como sua busca filosófica inicial, baseada exclusivamente na razão, o deixou insatisfeito, até que a fé cristã preencheu essa lacuna. Agostinho considerava a fé como uma luz que ilumina as trevas da ignorância e conduz à razão ao conhecimento de Deus.

A fé, contudo, não significa que a razão seja a única opção. Agostinho considerou a razão uma ferramenta útil, mas subordinada à fé. Em *De Trinitate*, ele emprega argumentos racionais para explicar a doutrina da Trindade, demonstrando como a razão pode ser usada para aprofundar a compreensão das verdades reveladas. Como disse Williams em *On Augustine* (2016), a ênfase agostiniana na fé não é uma negação da racionalidade; ao contrário, é um chamado para que a razão seja usada de forma iluminada e orientada pela fé.

A doutrina da iluminação divina, criada por Agostinho, reforça essa relação de dependência da razão em relação à fé. De acordo com o autor, o conhecimento verdadeiro é possível somente porque Deus, como fonte de toda a verdade, ilumina a mente humana. Agostinho afirma, em *De Magistro*, que todo conhecimento é, na verdade, uma participação na verdade divina. A teoria da iluminação demonstra que a razão depende da fé para atingir as realidades transcendentais, consolidando a supremacia da fé como o fundamento fundamental do conhecimento.

Outra característica relevante da abordagem agostiniana é a sua perspectiva sobre os mistérios da fé. Para Agostinho, há verdades que transcendem a compreensão humana, como a Encarnação e a Trindade. Apesar de serem parcialmente compreendidas pela razão, essas doutrinas só podem ser completamente aceitas e vividas pela fé. De acordo com Macintyre (2009), a ênfase em Agostinho na supremacia da fé é um reconhecimento de que a razão, apesar de ser útil, é limitada diante do infinito de Deus.

A fé é também demonstrada na resposta de Agostinho ao problema do mal. Em seu livro *De Civitate Dei* (413-426 dC), ele sustenta que o mal não é uma substância, mas sim uma privação do bem. Apesar de ter uma base racional, essa explicação requer a crença na segurança absoluta de Deus para ser plenamente compreendida. Dessa forma, a fé oferece um contexto mais amplo para a razão agir, permitindo uma visão mais ampla da realidade.

No pensamento agostiniano, a supremacia da fé está intimamente ligada à noção de revelação divina. Para ele, a verdade suprema não pode ser descoberta apenas pela análise racional, mas deve ser revelada por Deus. A revelação contida nas Escrituras e na Tradição constitui o ponto de partida para toda a reflexão teológica. Agostinho desenvolve princípios hermenêuticos que mostram como a razão pode ser interpretada e aplicada à revelação, sempre sob a orientação da fé.

Agostinho também influenciou a forma como enfrentou as heresias, como o pelagianismo e o dogmatismo. Ao contrário dos ateus, que enfatizavam a capacidade da razão e da vontade humana para alcançar a salvação, Agostinho sustentou que a fé e a graça são indispensáveis. Ele sustenta que, sem a fé na ação redentora de Deus, a razão humana é incapaz de superar os efeitos do pecado. Esta posição demonstra a relevância da fé como o fundamento do relacionamento humano com Deus.

A fé sobre a razão é, também, relevante no contexto atual. Brown, em Agostinho de Hipona (2002), salienta que a ênfase dada à fé como fundamento da razão oferece um modelo para o diálogo entre religião e ciência. Enquanto a ciência se baseia na razão para explorar o mundo material, a fé oferece um campo mais amplo em que questões sobre o propósito e o significado podem ser debatidos.

Ao longo dos séculos, uma perspectiva agostiniana sobre a supremacia da fé exerceu um impacto significativo no pensamento cristão, particularmente na Idade Média. Tomás de Aquino, por exemplo, buscou uma síntese entre a fé e a razão inspirada na abordagem de Agostinho, embora enfatizasse a capacidade da razão de compreender as verdades divinas. A ideia de que a fé fornece um fundamento para o trabalho da razão permanece um legado central de Agostinho.

Para Chadwick (2002) dessa forma, a supremacia da fé sobre a razão, conforme apresentado por Santo Agostinho, reflete uma perspectiva integrada do conhecimento humano e divino. A fé não está apenas ligada à razão, mas também à orientação e à iluminação, permitindo que esta última alcance verdades que, de outra forma, seriam impossibilitáveis. Essa relação harmoniosa entre fé e razão revela a profundidade do pensamento agostiniano e sua relevância constante para questões filosóficas e teológicas.

A perspectiva agostiniana de supremacia da fé não apenas ignora a razão, como também a enobrece, ao reconhecer a fé como uma ferramenta indispensável, mas limitada. Agostinho, ao afirmar que a fé é o fundamento da razão, convida a humanidade a transcender os limites da racionalidade e abraçar a sabedoria divina, que é o objetivo principal de toda a busca intelectual e espiritual.

## 5. O PAPEL DA RAZÃO COMO APOIO À FÉ

A relação entre a fé e a razão tem sido uma temática central na história da teologia e da filosofia cristã. Muitos pensadores, especialmente Santo Agostinho, argumentaram que a razão tem um papel fundamental como apoio à fé. De acordo com Agostinho, a fé é o ponto de partida, enquanto a razão é uma ferramenta para aprofundar a compreensão das verdades reveladas e defender as contra objeções. A união entre a fé e a razão é um dos pilares do pensamento agostiniano e um marco na relação entre filosofia e teologia.

Santo Agostinho, na máxima "Credo ut intelligam", expressa a relação dinâmica entre a fé e a razão. Para ele, a fé é superior à razão, mas esta última é indispensável para esclarecer e explicar os princípios da fé. Em *De Trinitate*, Agostinho demonstra como a razão pode ser usada para explorar a doutrina da Trindade, empregando analogias racionais para tornar compreensíveis os mistérios divinos. Gilson em *The Christian Philosophy of St. Augustine* (2010), Agostinho nunca desprezou a

razão, mas a considerava uma parte essencial da fé.

Agostinho considera a razão como um dom de Deus, destinado a auxiliar a humanidade na busca pela verdade. Ele sustenta que, apesar de a fé prover o Alicerce, a razão é indispensável para interpretar, organizar e aplicar as verdades reveladas. Agostinho apresenta um método hermenêutico que combina a razão e a fé para interpretar as Escrituras. Ele sustenta que, apesar de a fé fornecer uma base para a compreensão das Escrituras, uma razão é crucial para evitar interpretações incorretas ou incorretas.

Outra aplicação da razão no pensamento agostiniano é a defesa da fé contra críticas e heresias. Agostinho apresentou uma razão para refutar diversas heresias, como o maniqueísmo e o pelagianismo. Contra os maniqueus, ele argumentou racionalmente que o mal não é uma substância autônoma, mas sim uma privação do bem. Essa análise racional possibilitou que Agostinho defendesse a doutrina cristã de forma lógica e acessível. Brown aponta em Agostinho de Hipona (2002), Agostinho demonstrou como a razão pode ser usada para esclarecer as verdades da fé e proteger a Igreja de interpretações equivocadas.

A razão também desempenha um papel crucial na análise agostiniana do problema do mal. Agostinho utiliza argumentos filosóficos para explicar a origem e a natureza do mal, salientando que ele é uma consequência do mau uso do livre-arbítrio humano. Agostinho utilizou princípios racionais e a revelação divina para demonstrar como a razão pode auxiliar na compreensão de questões teológicas complexas.

Apesar de Agostinho enfatizar a superioridade da fé, a razão é indispensável para o aprofundamento do entendimento. Em Confissões (397-400 dC), ele descreve como a razão, guiada pela fé, desempenhou um papel importante em sua conversão. Ao analisar os textos neoplatônicos e as Escrituras Sagradas, percebeu que a razão pode esclarecer verdades espirituais, preparando-o para abraçar plenamente a fé cristã. Este é um exemplo de como a razão pode ser um meio para atingir uma fé mais sólida e bem fundamentada.

Agostinho também reconhecia a importância da razão na articulação de argumentos que corroboram a existência de Deus. Apesar de enfatizar que a experiência de Deus é superior à razão, ele usou argumentos racionais, como a ideia de que Deus é o "ser maior que tudo" e a fonte de toda a verdade. Os argumentos apresentados em livros como *De Libero Arbitrio* são um exemplo de como a razão pode apoiar a fé, fornecendo uma base racional para a crença em Deus.

A razão desempenha uma função apologética, permitindo que a fé cristã seja defendida em contextos filosóficos e culturais desfavoráveis. Agostinho revelou um mundo em que o cristianismo ainda estava em contato e, às vezes, em conflito com tradições filosóficas pacíficas. Ele usou uma razão para demonstrar que a fé cristã não é irracional, mas sim profundamente coerente e até

superior às filosofias antigas. Como Williams aponta em *On Augustine* (2016), Agostinho foi um dos primeiros pensadores cristãos a demonstrar que a razão pode ser usada para dialogar com outras tradições intelectuais, tornando a fé acessível a um público mais amplo.

A doutrina da iluminação divina, apresentada por Agostinho, reforça ainda mais a importância da razão como um apoio à fé. De acordo com essa teoria, a razão humana é iluminada pela luz de Deus, o que lhe permite compreender verdades que, de outra forma, seriam impossíveis de serem compreendidas. Em *De Magistro*, (1954) ele sustenta que o conhecimento verdadeiro é sempre uma participação ativa na verdade divina. Essa perspectiva não apenas enfatiza a relevância da razão, como também enfatiza a dependência da fé, que a orienta e a capacita para alcançar o conhecimento integral.

A razão é crucial para a construção de uma vida ética e moral fundamentada na fé. Agostinho sustentava que a razão, iluminada pela fé, ajudava o indivíduo a distinguir entre o bem e o mal, orientando suas ações de acordo com a vontade divina. Em *De Civitate Dei*, ele defende que a razão é um instrumento para a virtude, o que permite que a humanidade viva de acordo com os princípios do Reino de Deus. Essa visão demonstra que a razão não é apenas teórica, mas também prática, tendo um papel relevante na vida espiritual e moral.

Na visão agostiniana, a razão não é o bastante para compreender a fé e viver a fé. Ele insistiu que a fé não deve ser praticada de forma cega, mas sim informada e enriquecida pela razão. Agostinho contribuiu significativamente para a teologia e a filosofia cristã, tendo sido posteriormente desenvolvida por pensadores medievais, como Tomás de Aquino, que também enfatizava a complementaridade entre essas duas dimensões.

Atualmente, a visão de Agostinho sobre o papel da razão no apoio à fé ainda é relevante. Taylor (1997) sustenta que o foco na racionalidade como um meio de aprofundar a experiência espiritual é um exemplo relevante para o diálogo entre ciência, religião e religião. Em um mundo que é frequentemente dividido entre racionalismo e fideísmo, Agostinho oferece um caminho de integração, onde a razão e a fé trabalham juntas em busca da verdade.

Sendo assim, o papel da razão como apoio à fé, como foi articulado por Santo Agostinho, é um dos aspectos mais relevantes da sua contribuição intelectual. Ele disse que a fé não é uma simples crença religiosa, mas sim uma busca racional por Deus, fundamentada em princípios sólidos. A razão, apesar de não ser um inimigo da fé, é uma aliada indispensável, que enriquece e fortalece a experiência de crença. Agostinho, ao integrar essas duas dimensões, oferece uma visão que ainda inspira teólogos, filósofos e crentes até os dias atuais.

Em suma, o pensamento agostiniano a respeito da fé e da razão apresenta uma abordagem equilibrada e profunda, onde ambas se complementam, ao invés de se oporem. Essa perspectiva

ainda é relevante para o diálogo entre religião e filosofia, uma vez que a busca pela verdade requer tanto a razão quanto a fé, cada uma desempenhando o seu papel único e indispensável.

## 6. RELEVÂNCIA CONTEMPORÂNEA DA TEOLOGIA DE SANTO AGOSTINHO

A teologia de Santo Agostinho (354–430 dC) ainda tem uma grande influência no pensamento contemporâneo, não apenas no que diz respeito à teologia, mas também a áreas como filosofia, ética, política e psicologia. Sua obra, composta durante a transição histórica entre a antiguidade e a Idade Média, aborda temas universais que transcendem o seu contexto histórico. Ao mesmo tempo, a profundidade de sua reflexão proporciona percepções relevantes para os desafios contemporâneos, demonstrando como a fé, a razão e a moralidade podem ser integradas em um diálogo rico e transformador.

Uma das características mais pertinentes da atualidade de Agostinho é a sua concepção de interioridade, apresentada com maior profundidade em suas Confissões (397–400 dC). Agostinho analisa a busca pelo autoconhecimento como uma forma de descobrir Deus, enfatizando a importância da reflexão interior. Taylor (1997) identifica Agostinho como um dos pioneiros na elaboração do conceito de interioridade, que viria a influenciar profundamente o pensamento ocidental moderno. Essa ideia é particularmente relevante em um mundo em que a introspecção e a espiritualidade, muitas vezes, se perdem em meio às necessidades externas.

Outro fator relevante é a contribuição de Agostinho para a ética e a moralidade. Em obras como *De Civitate Dei* (413–426 dC), ele contrasta a Cidade de Deus, que é guiada pelo amor divino, com a Cidade dos Homens, movida pelo desejo de poder. O contraste proporciona uma perspectiva crítica das estruturas sociais e políticas, desafiando a busca egoísta pelo poder e glória. A teologia agostiniana oferece um modelo para reflexão sobre ética pública, justiça social e responsabilidade coletiva em um mundo caracterizado por desigualdades e conflitos.

A relevância de Agostinho também é perceptível no campo da política. A sua perspectiva sobre a relação entre a Igreja e o Estado, expressa em *De Civitate Dei*, ainda é objeto de discussão em discussões sobre o papel da religião na esfera pública. Agostinho defende que a ordem temporal deve estar subordinada aos princípios eternos, mas sem desconsiderar a importância da política para a promoção do bem-estar social. Este equilíbrio proporciona uma base sólida para as discussões atuais sobre o secularismo e a influência dos valores religiosos em uma sociedade pluralista.

A teologia de Agostinho aborda temas fundamentais relacionados à natureza do tempo, à liberdade e à existência. Suas reflexões a respeito do tempo, registradas no Livro XI de Confissões, antecipam debates contemporâneos nas áreas da metafísica e da filosofia da ciência. De acordo com

MacIntyre (2009), uma abordagem de Agostinho sobre o tempo como uma criação divina, distinta da eternidade, oferece uma perspectiva que ainda é explorada nas discussões atuais sobre a temporalidade e a cosmologia.

Além disso, Agostinho apresenta uma perspectiva perspicaz sobre o problema do mal, uma questão que ainda desafia teólogos e filósofos. Em *De Civitate Dei*, ele sustenta que o mal não é uma forma autônoma de independência, mas sim uma privação do bem, consequência do mau uso do livre-arbítrio humano. Esta abordagem fornece uma base para a discussão da existência de um Deus bom e da presença do mal no mundo, um tema que permanece como um tema central nos debates sobre teodiceia.

A doutrina da graça, que Agostinho desenvolveu em oposição ao pelagianismo, é outro elemento de sua teologia que ainda influencia o pensamento cristão. Ele enfatiza que a salvação é um dom de Deus e não algo que pode ser alcançado apenas pelos esforços humanos. Essa perspectiva é relevante para os debates atuais sobre liberdade, predestinação e o papel da graça divina, especialmente nas tradições reformadas e católicas.

A perspectiva agostiniana sobre a natureza humana, marcada pelo pecado original, ainda é um ponto de reflexão na psicologia e na antropologia. Ele sustentava que o coração humano permanece inquieto até encontrar descanso em Deus, o que é corroborado por questões atuais como o vazio existencial e a busca por um propósito. Para Brown em Agostinho de Hipona (2002), a antropologia agostiniana oferece uma compreensão mais aprofundada das relações humanas entre o desejo pelo bem e a concentração no bem.

A teologia de Agostinho é relevante no diálogo inter-religioso e no campo da espiritualidade. A ênfase no Deus como a verdade suprema cria uma ponte para o diálogo com outras religiões, que buscam uma realidade transcendente. Além disso, sua espiritualidade, fundamentada na oração e na reflexão interior, inspira tanto cristãos quanto pessoas de outras religiões que desejam uma vida espiritual mais rica e significativa.

A teologia agostiniana desafia o materialismo e o secularismo, oferecendo uma visão integrada da realidade, que combina fé, razão e transcendência. Williams (2016), a obra de Agostinho oferece respostas para o conflito atual entre a busca pela verdade espiritual e as demandas da racionalidade científica, demonstrando que ambas podem existir de forma harmônica.

Para Marrou (1954) a perspectiva agostiniana também é útil para os debates atuais sobre liberdade e responsabilidade. Ele frisou que a liberdade verdadeira não se resume à ausência de restrições, mas à capacidade de escolher o bem e viver de acordo com a vontade divina. Essa perspectiva desafia as noções modernas de liberdade individualista, oferecendo uma visão mais ampla e orientada para o bem-estar social.

A teologia de Agostinho apresenta princípios práticos para a vida cristã em um mundo caracterizado por mudanças rápidas e desafios éticos. A ênfase na dependência de Deus, na vida de oração e no amor ao próximo permanece uma fonte de inspiração para as comunidades cristãs e para aqueles que buscam um sentido mais profundo para suas vidas.

Dessa forma, a teologia de Santo Agostinho transcende o seu tempo e lugar, permanecendo uma fonte rica de sabedoria para lidar com questões contemporâneas. Suas reflexões sobre a interioridade, a ética, a política, o problema do mal e a natureza humana continuam fornecendo respostas relevantes para os desafios contemporâneos. Sua vasta obra e influência demonstram sua posição como um dos maiores pensadores da história, cujo legado ainda ilumina o caminho para o pensamento e a espiritualidade no século XXI.

A teologia agostiniana, por fim, nos convida a unir fé e razão, espiritualidade e prática, numa busca contínua pela verdade e pelo bem. Essa integração não apenas enriquece a tradição cristã, como também oferece uma visão que dialoga com os desafios e as esperanças do mundo atual.

## 7. PRINCIPAIS RESULTADOS DA PESQUISA

Uma investigação sobre Santo Agostinho e sua teologia revelou uma série de resultados que evidenciam a profundidade e a relevância de seu pensamento na história da filosofia e da teologia cristã. Ao analisar suas obras e os contextos em que foram elaboradas, é possível compreender como Agostinho concebeu um sistema teológico e filosófico que integrava fé e razão, oferecendo respostas tanto para os desafios de sua época quanto para questões atuais.

Uma das principais contribuições foi a identificação da relação entre a fé e a razão em sua obra. Agostinho articulou que a fé é o ponto de partida para a busca pela verdade, enquanto a razão é essencial para aprofundar essa compreensão. A máxima "Credo ut intelligam" (Creio para compreender) traduz de forma sistêmica essa relação dinâmica, na qual a fé orienta a razão, que, por sua vez, reforça e esclarece os fundamentos da fé. Essa perspectiva foi crucial para o desenvolvimento posterior da teologia cristã e ainda influencia o pensamento filosófico.

Outro fator relevante foi a descoberta da relevância da teoria da iluminação divina no pensamento agostiniano. Agostinho sustenta que todo conhecimento verdadeiro é possível apenas porque Deus, como fonte da verdade, ilumina a mente humana. A ideia, fortemente influenciada pelo neoplatonismo, foi reinterpretada por Agostinho dentro de uma estrutura cristã, demonstrando que a razão humana é dependente da graça divina para atingir as verdades mais elevadas.

A pesquisa também demonstrou a relevância da abordagem agostiniana para a interpretação das Escrituras. Agostinho desenvolve um método hermenêutico que combina a fé e a razão para

interpretar de forma correta os textos sagrados. Ele sustenta que a razão é indispensável para evitar leituras literárias incorretas e para compreender os significados mais profundos das Escrituras. Este método foi um dos pioneiros na sua época e ainda exerce influência nos estudos bíblicos e teológicos.

Além disso, uma pesquisa demonstrou que Agostinho demonstrou uma razão para defender a fé cristã contra heresias. Em suas obras, ele refletiu sobre o maniqueísmo, o pelagianismo e o donatismo, utilizando argumentos racionais para esclarecer e proteger as doutrinas da Igreja. Contra os maniqueus, por exemplo, ele disse que o mal não é uma substância, mas sim uma privação do bem. Já contra os pelagianos, ele destacou a necessidade da graça divina para a salvação. Essas refutações demonstram o quão importante a razão foi para defender a fé.

Outro aspecto relevante foi a identificação do papel da interioridade na teologia agostiniana. Em *Confissões*, Agostinho explora a ideia de que o autoconhecimento é um caminho para a experiência com Deus. A abordagem da interioridade não apenas influenciou a espiritualidade cristã, como também teve um impacto profundo na psicologia e na antropologia filosófica.

A pesquisa revelou, ainda, que Agostinho tratou de temas políticos e sociais, especialmente em sua obra *De Civitate Dei*. Ele contrastava a Cidade de Deus, guiada pelo amor a Deus, com a Cidade dos Homens, dominada pelo amor ao poder. Essa análise crítica das estruturas sociais e políticas da época fornece uma base para reflexões posteriores sobre ética, justiça e responsabilidade social. Sua ênfase na transcendência dos valores divinos ainda é um ponto de referência para debates sobre o papel da religião na sociedade.

A pesquisa revelou que Agostinho apresenta uma visão integrada da moralidade, fundamentada na busca pelo bem supremo, que é Deus. Ele sustentou que a liberdade verdadeira era viver de acordo com a vontade divina, desafiando as concepções modernas de liberdade como uma simples autonomia. Este conhecimento é particularmente relevante em um mundo caracterizado por conflitos éticos e morais.

Outro resultado relevante foi a maneira como Agostinho tratou o problema do mal. Ele argumentou que o mal não é criado por Deus, mas sim pelo mau uso do livre-arbítrio humano. Esta explicação racional, aliada à crença na soberania divina, fornece uma base teológica e filosófica para lidar com questões como sofrimento, injustiça e dor, que permanecem relevantes no pensamento contemporâneo.

Outro significado identificado na pesquisa foi o da doutrina da graça, que Agostinho defendia contra o pelagianismo. Ele sustenta que a salvação é um dom de Deus e que o ser humano, por si só, é incapaz de alcançar a redenção. A compreensão da dependência da graça divina permanece um tema central no cristianismo, especialmente nas tradições reformadas e católicas.

Uma pesquisa recente revelou que a teologia agostiniana oferece respostas relevantes para os conflitos entre racionalidade científica e espiritualidade. Conforme Rist (1996), a integração de fé e razão proposta por Agostinho demonstra que essas dimensões não são opostas, mas sim complementares, o que abre um caminho para um diálogo construtivo entre religião e ciência.

A teologia agostiniana também foi demonstrada no campo do diálogo inter-religioso. Sua ênfase na busca pela verdade suprema e na relevância de Deus como fundamento da realidade criam um terreno comum para conversas entre diferentes tradições religiosas. Sua abordagem da espiritualidade, fundamentada na orientação e na reflexão, continua a inspirar cristãos e pessoas de outras crenças.

Uma pesquisa concluiu que a teologia de Santo Agostinho ultrapassa os limites de seu tempo, tratando de questões universais como a existência, o propósito e a verdade. Sua capacidade de integrar filosofia e teologia, fé e razão, transcendente e imanente o posiciona como um dos maiores pensadores da história. Seu legado continua a iluminar o pensamento teológico e filosófico, fornecendo percepções relevantes para enfrentar os desafios do século XXI.

Os resultados da pesquisa mostram que Santo Agostinho não apenas respondeu às questões de sua época, como também forneceu as bases para reflexões que ainda são atuais. Sua teologia é caracterizada pela integração entre fé e razão, fornecendo uma visão abrangente e equilibrada que inspira teólogos, filósofos e estudiosos contemporâneos na busca pela verdade e pelo sentido da existência.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi analisar a relevância da teologia de Santo Agostinho, com foco em temas como a relação entre fé e razão, a supremacia da fé, o papel da razão como apoio à fé e a atualidade de sua obra em questões atuais. A partir do problema central - como Santo Agostinho concebe a interação entre fé e razão e sua aplicabilidade em contextos contemporâneos -, foi possível responder a essa questão de forma segura, demonstrando que o pensamento agostiniano oferece uma visão integrada e profundamente relevante para a teologia, a filosofia e outras áreas do conhecimento.

A pesquisa foi cumprida. A análise da relação entre fé e razão no pensamento agostiniano revelou que, apesar da fé ser a principal força, a razão desempenha um papel indispensável como sua aliada. Agostinho estudou de forma aprofundada as verdades da fé, seja através de sua teoria da iluminação divina ou de sua defesa racional contra heresias. Como demonstrado ao longo do texto, essa abordagem demonstra que a razão não se contrapõe à fé, mas sim a complementa e enriquece a compreensão.

Além disso, os objetivos específicos de analisar a aplicação da teologia de Santo Agostinho em questões atuais foram amplamente atendidos. Suas reflexões sobre ética, política e o problema do mal demonstrado não se limitam ao contexto histórico, mas também apresentam promessas para os debates atuais. Sua perspectiva sobre o interior, como é demonstrado em *Confissões*, contribui de forma significativa para questões atuais como identidade, autoconhecimento e espiritualidade.

Outro ponto de destaque foi o papel da razão como ferramenta apologética, como demonstrado na refutação de heresias como o maniqueísmo e o pelagianismo. O artigo de Agostinho apresenta argumentos lógicos para defender a doutrina cristã, demonstrando que sua teologia é profundamente sistemática e intelectual. Dessa forma, os objetivos de analisar a relação entre fé e razão foram alcançados, tanto em termos teóricos quanto práticos.

A pesquisa também mostrou que a teologia de Santo Agostinho ainda é relevante nos dias atuais, tanto no que diz respeito ao diálogo inter-religioso quanto em questões como secularismo, ciência e espiritualidade. Sua abordagem equilibrada entre a fé e a razão oferece um modelo valioso para o diálogo entre religião e ciência, fornecendo insights que ultrapassam os limites históricos de sua obra.

A análise da teologia agostiniana permitiu compreender como sua visão pode inspirar novas maneiras de pensar a ética, a política e a relação do ser humano com o transcendente. A sua crença central em Deus e a busca pela verdade ainda desafia tanto crentes quanto pensadores seculares a refletirem sobre os fundamentos de suas crenças e práticas.

Portanto, o estudo da teologia de Santo Agostinho demonstra sua relevância não apenas como um pensador do passado, mas como uma fonte contínua de sabedoria para os desafios e as esperanças do presente. Ao combinar fé e razão, espiritualidade e prática, ele oferece uma perspectiva rica e abrangente que ainda ilumina o pensamento teológico e filosófico. A resposta ao problema de pesquisa e o alcance dos objetivos demonstram que Agostinho permanece um marco fundamental para o diálogo entre tradição e modernidade, fornecendo insights que podem orientar a humanidade em sua busca incessante pela verdade e sentido.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Paulus, 2014.

AGOSTINHO, Santo. **De Civitate Dei**. Tradução de João Alfredo dos Anjos. São Paulo: Paulus, 2015.

- AGOSTINHO, Santo. **De Magistro**. Tradução de Joaquim de Carvalho. Coimbra: Coimbra Editora, 1954.
- AGOSTINHO, Santo. **De Trinitate** . Tradução de Heitor Megale. São Paulo: Paulus, 2017.
- BROWN, Peter. **Agostinho de Hipona: Uma Biografia**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- CHADWICK, Henry. Santo Agostinho: **Pensador Cristão**. Tradução de Henrique Buarque de Gusmão. São Paulo: Loyola, 2002.
- GILSON, Étienne. **A Filosofia Cristã de Santo Agostinho**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- MACINTYRE, Alasdair. **Depois da Virtude: Um Estudo em Teoria Moral**. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. 3.ed. São Paulo: É Realizações, 2009.
- MACINTYRE, Alasdair. **Deus, Filosofia, Universidades: Uma História Breve**. Tradução de Henrique Burigo. São Paulo: É Realizações, 2013.
- MARROU, Henri-Irénée. **Santo Agostinho e o Fim da Cultura Antiga**. Tradução de Moisés S. Schneider. Rio de Janeiro: Zahar, 1954.
- O'DONNELL, James J. **Augustine: Uma Nova Biografia**. Nova York: HarperCollins, 2005.
- RIST, John M. **Agostinho: O pensamento antigo batizado**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- TAYLOR, Carlos. **As Fontes do Self: A Construção da Identidade Moderna**. Tradução de Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- WETTSTEIN, Howard. **O significado da experiência religiosa**. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- WILLIAMS, Rowan. **Sobre Agostinho: Uma Breve Introdução à Sua Vida e Pensamento**. Londres: Bloomsbury, 2016.

---

# OS DESAFIOS DA TEOLOGIA NOS DIAS ATUAIS

---

**VOLUME 2**

RODRIGO LIMA JÚNIOR  
IRENE LIMA  
MARA RUBIA MORAES TEIXEIRA  
ORGANIZADORES

Apresentamos, com grande satisfação, **o segundo volume do e-book "Os desafios da Teologia nos dias atuais", fruto do esforço dedicado dos autores do Seminário Teológico Assembleia de Deus - SETAD.** Esta coletânea de pesquisas tem como propósito oferecer uma análise abrangente dos principais desafios enfrentados pela teologia no contexto atual. A obra reúne contribuições valiosas de ex-alunos, pastores e professores da área, cada um com uma perspectiva única e enriquecedora.

O e-book é direcionado a um público amplo, composto por estudantes de teologia, pastores, professores, membros da igreja e cidadãos em geral. **A nossa intenção é refletir sobre as questões teológicas relevantes e incentivar um diálogo produtivo.** A compreensão dos desafios contemporâneos pode contribuir para a prática e o estudo da teologia, fornecendo novas ferramentas e abordagens para lidar com a complexidade.

**O objetivo de cada capítulo deste e-book é analisar um aspecto específico dos desafios teológicos, que vão desde questões acadêmicas até práticas ministeriais.** Os autores, por meio de sua experiência e conhecimento, apresentam visões valiosas que não apenas iluminam os desafios enfrentados, mas também sugerem caminhos para superá-los. **A variedade de abordagens apresentadas enriquece o debate e possibilita uma compreensão mais aprofundada das questões em discussão.**

Agradecemos a todos os colaboradores, pastores, professores e alunos que confiaram neste projeto de **EXPANSÃO TEOLÓGICA VOLUME II.** Consideramos que “Os desafios da Teologia nos dias atuais” contribuirão para uma compreensão e prática mais eficientes da teologia, apoiando, dessa forma, **a missão de transformar vidas através da Palavra de Deus.**

**“Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; [...]”.** (Romanos 1.16)

Em breve, você estará presente no terceiro volume, contribuindo significativamente com a comunidade cristã.

Que Deus nos abençoe!

**Pr. Prof. Carlos André dos Santos Silva**



**EDITORA ENTERPRISING**

www.editoraenterprising.net  
E-mail: [contacto@editoraenterprising.net](mailto:contacto@editoraenterprising.net)  
Tel. : +55 61 98229-0750  
CNPJ: 40.035.746/0001-55

doi 10.29327/5475353

ISBN 978-65-845-4689-9



9 786584 546899 >